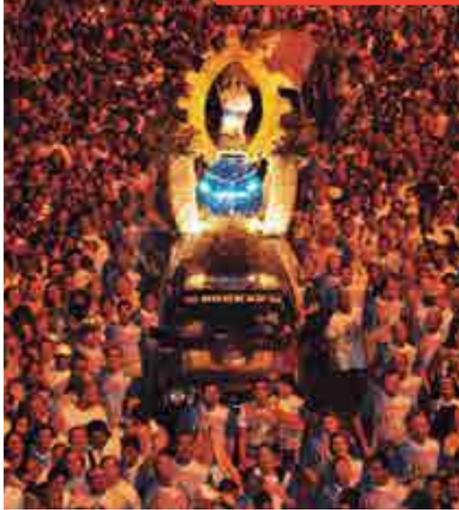


Foto: Luiz Vaz/Secom-JP

Paraíba



Com novo calendário, Romaria da Penha chega à 256ª edição

Programação religiosa da segunda maior romaria do Brasil foi ampliada de três para oito dias. Expectativa é de que 500 mil pessoas participem. [Página 7](#)

Plataforma digital reunirá potencialidades do Estado

"Paraíba de Oportunidades" está sendo desenhada na web e deve promover um salto para o desenvolvimento econômico e social sustentável. [Página 8](#)

Foto: Ortilio Antônio

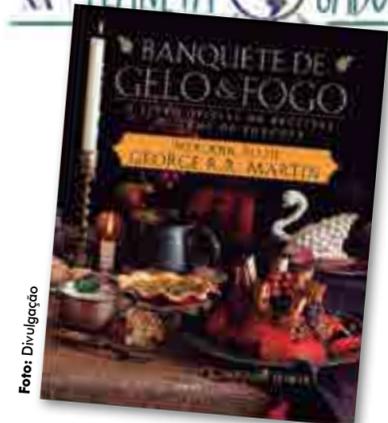
Geral



"Só existe humanidade porque existem os direitos humanos"

Procurador do Ministério Público Federal na Paraíba, José Godoy, sai em defesa dos direitos sociais e critica os retrocessos e ataques à ciência e à arte. [Páginas 3 e 4](#)

Almanaque



Segredos da culinária ao redor do mundo

Fábio Maia passeia pelos cenários do livro "Banquete de Gelo e Fogo", que traz mais de 100 receitas organizadas por regiões do mundo. [Página 28](#)

Empaer amplia as ações de pesquisa e extensão rural na PB

Objetivo do Governo do Estado é transformar a Empaer na melhor empresa de pesquisa, extensão rural e regularização fundiária do país. [Páginas 5 e 6](#)

Foto: Secom-PB



Foto: Edson Matos

Memorial na FCJA reunirá registros da ditadura militar

Fundação Casa de José Américo deve receber, já no primeiro semestre do próximo ano, um Memorial da Democracia. [Páginas 17 e 18](#)



Hildeberto Barbosa Filho

Cleanto e as palavras

Pois bem: tenho aqui essa pequena amostra de um talento e também de uma vocação, irmanados na tarefa arriscada de lidar com as palavras em circunstâncias múltiplas, sempre atento à justeza de seu lugar na frase, ao peso de sua verdade significativa, ao ritmo intrínseco de sua elocução e à musicalidade de sua prosódia, entonação e timbre. [Página 11](#)

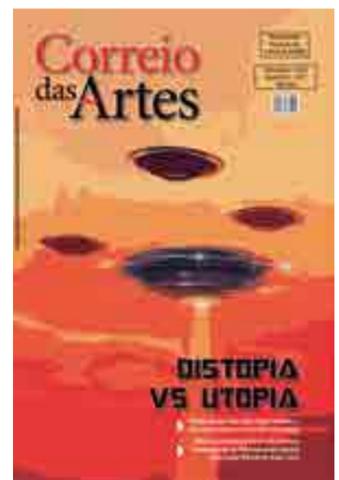
2º Caderno

Alceu Valença se apresenta hoje no Pedra do Reino

Artista promete uma verdadeira viagem sensorial e temporal para quem for conferir hoje à noite o show "Amigo da Arte". [Página 12](#)



Foto: Aline Camargo



Suplemento Na edição deste mês do Correio das Artes, uma análise sobre o boom das reedições de ficção científica.

Editorial

Coabitar

Por ocasião do aniversário de uma cidade, é comum ler reportagens e ver e ouvir jornalistas de televisão e rádio fazendo entrevistas cuja pauta é a relação das pessoas com o lugar onde moram. Via de regra, as respostas são positivas - todas exaltam as qualidades do município e o amor que sentem por ele.

A paixão maior manifesta-se nas pessoas que nasceram na cidade que está aniversariando. A terra natal ganha, portanto, ainda mais brilho, e fala-se melhor ainda de ruas e de bairros, recordando as épocas e os momentos mais felizes - os mais velhos emoldurando as palavras com doce nostalgia.

No entanto, o cotidiano da maioria das pessoas, de todas as classes, desmente esse amor e esvazia o discurso do cuidado. A relação entre elas nem é afetuosa nem solidária - por motivos banais, a agressividade transborda -, e a convivência com a cidade também não é pacífica - muito pelo contrário.

Na verdade, poucas pessoas veem a cidade como uma extensão de suas moradas. Ninguém com um mínimo de educação joga lixo dentro de casa, mas não poucas pessoas fazem da cidade uma grande lixeira, poluindo ruas, praças e avenidas e, por extensão, os mananciais que banham a localidade.

Que consciência cívica-ambiental tem um cidadão ou cidadã que faz a ligação clandestina de seu esgoto sanitário, canalizando suas águas não tratadas para as galerias pluviais

que desembocam diretamente nas praias - onde, todos os dias, dezenas - às vezes centenas - de pessoas desavisadas tomam banho?

Veja-se as praças, no início das manhãs de sábado e domingo, ou quaisquer outros espaços nos quais foram realizados eventos, sejam eles políticos, religiosos ou culturais. Um mar de copos e garrafas de vidro e plástico, restos de comida, piolas e maços de cigarro amarrotados, entre outros detritos.

O mesmo acontece nas grandes extensões de areia das belas praias - daí tantos pombos, tantos urubus, tantos gaviões, tantos ratos e baratas. Se não bastasse a invasão de tantas espécies animais em busca de sobejos alimentares, tem-se a paulatina transformação desse espaço em quadras de esportes privadas.

O que dizer então das calçadas - sujas, esburacadas, desniveladas, invadidas por ambulantes, bicicletas e automóveis? Faz-se necessário acionar o poder público para que os antigos "orelhões" sejam finalmente retirados do passeio público, haja vista que esses equipamentos estão obsoletos e desativados.

São muitos os exemplos que revelam a falta de amor das pessoas pelas cidades onde residem. E não há outro caminho para desembrutecer esse convívio a não ser a educação. Crianças de gerações mais recentes tiveram boa orientação, mas, ao tornarem-se adultos, ao que tudo leva a crer, esqueceram-se das lições.

Artigo **Martinho Moreira Franco**
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Sua majestade, o tareco

Há uma antiga piada sobre dois velhos amigos de adolescência que se reencontram casualmente na rua, se reconhecem de imediato e comentam a respeito da coincidência de serem pais de filha única.

- A minha se chama Tiamina - disse, todo orgulhoso o primeiro.

Ao que o segundo questionou:

- Mas, rapaz, como é que tu colocas na tua filha o nome de um remédio?

- Foi a mulher que escolheu - justificou o outro. E logo quis saber como se chamava a descendente do amigo.

- Ah, a gente preferiu simplicidade. - Simplicidade?!!

- Não, preferimos partir para o simples. O nome dela é Maria.

- Ôxe! - devolveu o pai de Tiamina. Como é que botas na tua filha o nome de uma bolacha?!

Sempre que ouço a anedota, recordo não ter sido criado matando fome com tareco e mariola, mas bem que esse biscoito e esse doce fizeram parte da minha formação. O biscoito, então, nem se fala! Como não lembrar do meu pai chegando vez por outra com um saco de tareco da Padaria Santista, do Ponto de Cem Réis? O velho era porteiro do Tribunal de Justiça, recebia salário que não dava para comprar biscoito como o pão nosso de cada dia, mas, em algumas sextas-feiras do mês, coincidindo com o pagamento do Estado, trazia o petisco para casa.

Aquilo era uma festa! Só perdia para as celebrações do Natal, quando compras de época feitas no Armazém Avenida, da esquina da Guedes

/// Luxo só comparável a sortidos acondicionados em latas de flandres de embalagens caprichosamente decoradas com arabescos ///

Pereira com a General Osório, destinavam à nossa mesa, além de passas e azeitonas, o soberano queijo do reino, da marca Borboleta.

A bem da verdade, não apenas as compras natalinas eram

mais apetitosas. Eventualmente, dependendo de benefícios e vantagens como aumento de salário e implantação de atrasados, pintavam outras iguarias. Havia, por exemplo, o biscoito Champanhe, de formato irregularmente longilíneo e cobertura açucarada. Luxo só comparável a sortidos acondicionados em latas de flandres de embalagens caprichosamente decoradas com arabescos. Estas, serviam para dar de presente a familiares e vizinhos.

E havia os próprios biscoitos sortidos, da Pilar, que sugestionavam as predileções de cada um. Alguns preferiam o Maizena, outros o achocolatado, não raro os de formato de rosca. Sem contar os biscoitos Maizena, dulcíssimos.

Bom, a esta altura da coluna, há quem possa questionar, com alguma razão: "Mas será que Moreira está de volta aos biscoitos?!" Pois estou, sim. E justifico: há dias foi inaugurada uma nova padaria na Avenida Guarabira, em Manaíra, perto do edifício onde moro. Embora cliente da vizinha "Panamérica", quis conhecer a concorrente e, claro, experimentar o tareco de lá. Sabem o que me disse o atendente?

- Sinto muito, doutor, mas o tareco já acabou.

Não sei a quantas anda a mariola, mas que o tareco continua no gosto do consumidor, continua. E isso é notícia que se renova e me deixa sempre com água na boca.

CONTATOS: uniaoovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

QUEM MEXEU NO MEU SONHO?



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

CORRUPÇÃO NÃO PODE SER COMBATIDA COM ATOS CORRUPTIVOS

E se não tivesse sido criada a Operação Lava Jato? E se fossem outros os seus operadores que não, entre outros, o ex-juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol? E se um hacker não tivesse acessado - afrontando a lei, ressalte-se - as conversas de Moro, Dallagnol e outros procuradores no aplicativo 'Telegram'? - que comprovam, no mínimo, uma relação nada legal - há quem chame de 'conluio' - entre Moro e procuradores para condenar réus da Lava Jato. As duas perguntas iniciais deixo em aberto e me concentro na terceira. Caso a relação que muitos chamam de promíscua entre o ex-juiz - atualmente ministro da Justiça do Governo Bolsonaro - não tivesse sido desnudada pelo hacker e divulgada, em primeira mão, pelo site 'The Intercept', do jornalista Glenn Greenwald (foto), não haveria provas materiais de que a Operação Lava Jato teve um quê de motivação política para levar seu intento de combate à corrupção. Não é relevante nesse contexto, como muitos colocam, que o vazamento das mensagens entre os personagens citados se deu de modo criminoso, por ação de um hacker. O fato é que as mensagens são comprometedoras no tocante à parcialidade com que se agiu em alguns processos da Lava Jato. E caso não tivesse ocorrido o vazamento, o STF não estaria - como está - debruçado sobre questões que podem levar à nulidade ou modificações de algumas condenações. O que, por este motivo, nos leva a considerar que as mensagens divulgadas pelo 'The Intercept' prestou um serviço ao debate sobre a transparência e a imparcialidade que devem estar presentes em tais circunstâncias. Afinal, como afirmaram operadores do direito quando do vazamento dos diálogos, a corrupção não pode ser combatida com atos corruptivos.



Foto: Divulgação

NÃO SERÁ CANDIDATO

E o deputado Pedro Cunha Lima (PSDB) declarou à imprensa que o ex-senador Cássio Cunha Lima não será candidato a prefeito de Campina Grande, em 2020. A fala, certamente, soou como música aos ouvidos do tucano Tovar Correio Lima, deputado, e do chefe de Gabinete da Prefeitura, Bruno Cunha Lima (sem partido), que almejam ser candidatos à sucessão de Romero Rodrigues (PSD).

MUITAS CHAPAS

Porém, faltando mais de um ano para a eleição municipal, muitas 'chapas' deverão ser montadas para o pleito na 'Rainha da Borborema' - inclusive algumas põem o próprio deputado Pedro Cunha Lima como cabeça de chapa. Nesse processo, o PP do vice-prefeito Enivaldo Ribeiro mantém a postura de também integrar a chapa majoritária, nem que seja na posição de vice. De novo.

INADEQUADO

Prestes a ser indicado pelo pai embaixador do Brasil nos EUA, Eduardo Bolsonaro (PSL) tem atitudes, no mínimo, inadequadas para a missão que almeja alcançar. O compartilhamento de uma fake news, em suas redes sociais, em que apresenta a foto da ativista sueca Greta Thunberg comendo em um trem, diante de crianças negras desnutridas, corrobora isso. Por quê? Ele admitiu saber de que se tratava de uma montagem. Mas postou.

"DISCURSO TORTO"

Do vereador Marcos Henriques (PT), durante audiência conjunta com a ALPB para debater o tema 'Liberdade de cátedra de professores': "Observamos que há lideranças políticas fazendo um discurso torto para desqualificar atividades pedagógicas, inclusive o próprio educador Paulo Freyre, um dos que tanto fez pela educação no mundo. Percebemos a intervenção em escolas de lideranças que não têm capacitação para discutir o tema".

FURIOSO

E quem anda furioso com a imprensa é o vice-prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro (PP). Tudo depois da repercussão negativa sobre os gastos de sua filha, Daniella Ribeiro, no Senado Federal. Primeiro, divulgou-se que a senadora empregava primas em seu gabinete com salários generosos. Depois virou meme o fato de ela ter solicitado reembolso ao Senado de R\$ 17 gasto com um sorvete: "São pessoas que não valem nada, deviam se danar", disparou.

IMPRENSA DESTACA O 'PÊ FRIO' DE BOLSONARO

Nas redes sociais, falou-se esta semana que o presidente Jair Bolsonaro é uma espécie de 'Mick Jagger': pé-frio, o 'time' que tem sua torcida sempre está fadado à derrota. Obviamente, no caso de Bolsonaro não se está falando de equipes de futebol, mas de líderes mundiais que 'perderam' eleições recentes, após declaração de apoio do presidente brasileiro: na Argentina, Mauricio Macri sofreu revés nas primárias, ficando 17 pontos atrás do peronista Alberto Fernandez e tem sua reeleição ameaçada. Em Israel, Netanyahu, elogiado por Bolsonaro, não conseguiu fazer uma maioria parlamentar sólida e, na Itália, o líder da extrema direita, Matteo Salvini, seu aliado no cenário internacional, foi apeado do poder - era ministro do Interior.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB



Philipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circuloauniaoovpb@gmail.com (Assinaturas)

OUIDORIA:
99143-6762

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: uniaoovpb@gmail.com

“Direitos humanos são o remédio que precisamos”

Procurador José Godoy fala sobre o cenário político atual e afirma que o resultado das eleições de 2018 assusta o mundo

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Em tempos de constantes ataques e perseguições aos direitos humanos, uma voz no Ministério Público Federal na Paraíba vem ganhando notoriedade. Com uma luta constante em prol das minorias, o procurador regional dos Direitos do Cidadão, José Godoy Bezerra de Souza, tem participado efetivamente da defesa destes grupos, como na luta dos moradores da comunidade do Porto do Capim. Ele abriu as portas de seu gabinete para uma entrevista ao *Jornal A União* em que analisa o momento político no Brasil e no mundo, faz uma reflexão acerca dos retrocessos pelos quais passa a humanidade e afirma que a eleição de 2018, no Brasil, “trouxe alguém tão brutal, tão perverso, com ideia tão retrógrada que assusta o mundo todo”. Abaixo, estão principais pontos da conversa, mas a entrevista completa, sem cortes, você pode conferir em nosso site www.auniao.pb.gov.br.

A entrevista

- Como o senhor enxerga a forma que os direitos humanos estão sendo tratados no Brasil?

- Eu gostei muito de uma frase não tão recente do coronel reformado Íbis, que foi comandante da Polícia Militar do Rio de Janeiro, e ele dizia que é como se o remédio que nós mais precisássemos neste momento fosse mais direitos humanos, e é justamente o remédio que mais se recusa a dar ao paciente. Então os direitos humanos são tratados de uma forma absolutamente equivocada, como se o mal da humanidade fossem os direitos humanos, quando na verdade só existe a humanidade porque existem os direitos humanos. Eu diria que os direitos humanos são o pacto mínimo de convivência da espécie humana sobre a terra. E pessoas mal intencionadas acusam os direitos humanos

de serem o grande mal. Parece um pouco como se fosse Nero colocando fogo em Roma e dizendo que foram os cristãos que fizeram aquilo.

- Hoje, além de uma negação, vivemos uma espécie de perseguição aos direitos humanos, não é?

- Uma forte perseguição aos defensores de direitos humanos no Brasil. Nós vivemos um momento mundial muito interessante, em que ele tem aspectos do início do século passado, nazismo e fascismo em diversos pontos. Nós temos aspectos pré-iluministas, ou seja, pré-revolução francesa, que atacam direitos humanos, e nós temos aspectos medievais, pré-renaixentistas, que é quando você vê o Teocentrismo, ataque à ciência, às artes. Então é um momento em que a humanidade, não é só no Brasil, no Brasil eu acho que é a maior caricatura disto

“Nós vivemos um momento mundial muito interessante, em que ele tem aspectos do início do século passado, nazismo e fascismo em diversos pontos. Nós temos aspectos pré-iluministas, ou seja, pré-revolução francesa, que atacam direitos humanos”



Sede do Ministério Público Federal em João Pessoa; entidade atua na defesa dos direitos sociais



Fotos: Ortilo Antonio

Para o procurador, a ascensão das classes mais pobres a bens de consumo desperta em algumas classes a chamada “ansiedade por perda de status”

tudo, mas ele caracteriza-se num movimento em que você vê um ataque às ciências, às descobertas básicas. Há uma perda de energia muito grande, você pensar que descobertas da ciência já consagradas você tem que voltar para dizer que a Terra não é plana, que as vacinas são importantes.

A humanidade tem que caminhar. Uma hora você tem que dizer que escravidão não é bacana. Você voltar hoje para dizer que escravidão, que racismo não é legal, não é bom para a humanidade, é uma perda de energia muito grande. É como se a gente tivesse uma ideia de retrocesso forte que nos obriga perder energia, de avançarmos nas nossas pautas para voltar e explicar coisas que já estariam ultrapassadas, desde que a Terra não é plana, que a Terra que gira em torno do Sol, não ao contrário, que as vacinas são importantes, que as artes são fundamentais ou o antropocentrismo foi um grande pensar da humanidade a questões básicas. Então, enquanto surgem no mundo teorias filosóficas até avançarem e tornarem mais profundas as reflexões filosóficas de grandes pensa-

“A humanidade tem que caminhar. Uma hora você tem que dizer que escravidão não é bacana. Você voltar hoje para dizer que escravidão, que racismo não é legal, não é bom para a humanidade, é uma perda de energia muito grande”

dores como Sócrates, Aristóteles, Platão, Descartes e outros, nós ainda temos movimentos que negam os primados básicos da civilização ocidental, como por exemplo as ideias da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

- A que o senhor acha que se deve isto?

- Alguns livros buscam explicar. Por exemplo, o movimento americano deste retrocesso, ele talvez comece a surgir na grande luta por direitos civis e políticos para os negros na década de 60 do século passado. Porque naquele momento, você quebrava ali 100 anos de um grande acordo entre republicanos e democratas. Em que eles, praticamente, entre 1860 e 1960, mantiveram os negros fora do processo democrático com várias regras esdrúxulas de preço, de exigências, de valores para votar, com exigências de escolaridade mínima. E a partir da década de 60, os democratas estiveram junto com os negros na luta pelo fim do apartheid nos Estados Unidos. E isto fez com que os republicanos perdessem o espaço eleitoral e passassem a não mais aceitar a regra do jogo, porque talvez a regra do jogo os prejudicasse. Isto vai aparecer a partir do final da década de 1970 nos Estados Unidos, o que seria hoje o tripartite, que é aquela área bem mais radical do partido republicano. Porque ele não aceita mais a democracia e não há mais o respeito pelo espaço democrático, ao discurso democrático, a vontade da democracia começa a sumir. Porque o Partido Republicano começa a ser identificado como o partido ligado ao homem branco americano e que ele se sente mino-

ria, acuado e diz: não, a igualdade pode me trazer um prejuízo e eu ser realmente igual.

No Brasil, este processo é decorrência de algo bem mais amplo, mundial, mas tem um pouco a ver com isto também. Com a ascensão que você vai ter das classes mais pobres a bens de consumo. Isto traz para algumas classes a chamada ansiedade por perda de status. Em que ele começa a achar que esta democracia pode trazer prejuízo a eles e eles se tornarem uma minoria. E começam a atacar os alicerces da democracia. É um processo que em cada país vai ter uma explicação. Na Europa, provavelmente, a imigração traz este medo e você tem as redes sociais que funcionam como uma ideia incendiadora, que vai cada vez mais fomentar este medo em vários estratos sociais e fazer com que a gente viva hoje este momento absolutamente retrógrado, a nível mundial. Há uma certa ponta de esperança porque a eleição brasileira de 2018 trouxe algo tão brutal, tão perverso para o mundo, mostrou uma ultradireita tão perversa, que a gente vê que em outros países já há um recuo. Argentina dá sinais disto, os próprios políticos italianos resolveram de sua forma se submeter a um pleito eleitoral; hoje, o Boris Johnson, dentro da Inglaterra, já perde maioria no Parlamento, as pesquisas mostram o Trump atrás; talvez o ponto chave da virada do mundo seja a eleição brasileira de 2018, que trouxe alguém tão brutal, tão perverso, com ideia tão retrógrada que assusta o mundo todo.

“As grades da democracia estão abaladas”, diz Godoy

“Precisamos entender que o sistema de Justiça tem limitações porque atua dentro de um quadro normativo”

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

O cenário político nacional é preocupante, segundo o procurador José Godoy Bezerra. Nesta entrevista, ele fala sobre o papel do Ministério Público nesse contexto, as propostas do Governo Federal para o enfrentamento da violência e a necessidade de se discutir, cada vez mais, os direitos humanos nas escolas. Confira a continuação da entrevista:



“O projeto anticrime do ministro Sérgio Moro na verdade é um projeto populista, esvaziado de efeito prático, que tem sido adotado por praticamente todos que passaram pela Presidência da República, que é uma forma de não enfrentar o problema”

Fotos: Ortilo Antônio

A entrevista

- Onde entra a atuação do Ministério Público Federal neste contexto?

- Esta é uma questão que é importante discutirmos. É preciso reconhecer as limitações do sistema de Justiça como órgão técnico que atende o cumprimento da lei. Mas não há tantas limitações neste momento. Mas elas podem se tornar muito maiores. Quando eu falo de sistema de justiça, eu falo de Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Advocacia Pública e os próprios advogados particulares. Hoje, ainda há um quadro normativo que permite a ação dos órgãos de sistema de Justiça. Nós ainda temos uma Constituição, é a primeira Constituição Brasileira que traz em seu bojo direitos fundamentais de segunda geração, com 70 anos de atraso em relação, por exemplo, à Alemanha, de 1919, traz a primeira Constituição com direitos fundamentais da segunda geração, a Constituição Weimar. Coincidentemente, lá, dez anos depois, você tem a ultra-direita do nazismo de Hitler para destruir esta Constituição.

A nossa de 1988 é a nossa primeira e 30 anos depois nós tivemos um partido com ideias semelhantes as de Adolf Hitler, do nazismo, tomando o poder exatamente na intenção de destruir os direitos instalados ali. Precisamos entender que o sistema de Justiça tem limitações porque atua dentro de um quadro normativo. Hoje ainda temos Constituição, tratados e leis. Mas há uma pressa no Congresso, especialmente através de propostas do governo ou da base governamental em minar este quadro normativo. Se este quadro for totalmente minado, eu diria que o sistema de Justiça vai encontrar limitações para atuar.

Mesmo assim, mesmo existindo quadro normativo, o sistema de Justiça brasileiro ele tem umas limitações na sua estrutura, até sociológicas, nesta questão de enfrentar o poder dominante na implementação de direitos humanos. Tanto que o presidente da Suprema Corte alemã estava esta semana no Brasil defendendo o óbvio, a grande razão de existir da Suprema Corte é defender as minorias. Mas a gente teme hoje, até

mesmo porque na escolha para o procurador geral da República o pedido do presidente explícito ela que tivesse uma visão alinhada a dele em relação à questão indígena. Ou seja, era que o MP, PGR, deixasse de proteger os índios. Para o Supremo, a ideia do presidente é de um ministro que seja alinhado a ele na questão religiosa. Ou seja, intolerância religiosa, inexistência do estado laico e tantas outras questões essenciais de uma democracia. Então eu diria, neste momento ainda há espaços de atuação, mas eles começam a ser minados claramente pelo poder vigente.

- Então há riscos?

- Sim, há riscos. Como o livro “Como as Democracias Morrem” diz, as grades da democracia começam a ser abaladas. Porque nós temos que entender que democracia, acima de tudo, é uma vontade de democracia de um país. Mais do que o que está na Constituição, é a vontade. Os autores de “Como as democracias morrem” comparam a democracia a um jogo de futebol de

rua, onde as partes concordam em estar ali e respeitar as normas, porque eles entendem que precisam estar ali. É o que Fernando Lassalle chamava de os fatores reais de poder. Eles entendem que precisam do outro para manter a democracia. Eles preferem manter a disputa, querendo ganhar, mas entendem a importância do outro.

Quando você chega a um poder, um grupo, que ele entende que o outro não é seu oponente, mas alguém que tem que ser destruído para não ter mais aquele espaço do jogo democrático, a democracia corre um risco muito sério. E ele começa a chocar as grades da democracia. Nos Estados Unidos isto está muito forte e os autores começam a ver que há resistência por parte do processo democrático americano. As instituições têm resistido. No Brasil, eu diria que a instituição que tem melhor resistido ainda é o Congresso Nacional e o Supremo, mas com ameaça constante de colocar ministros terrivelmente evangélicos, ou seja que desconsiderem a Constituição para atender a vontade do poder dominante.

O Ministério Público que sempre foi um poder muito importan-

te, muito relevante neste processo, o processo de escolha se deu, não vou entrar no mérito sobre o escolhido, mas a transparência, a publicidade que o processo de escolha se daria numa pessoa que ignorasse a questão das minorias, dos indígenas, que se alinhasse ao presidente nas questões religiosas dispensando o estado laico e toda uma série de direitos fundamentais. A publicidade como se deu o processo já transforma, já joga desconfiança sobre o cargo. A ponto das instituições estarem todas atentas quem teremos no cargo. Então é como se a grade da democracia estivessem sendo testada ao seu limite, porque quem está jogando no jogo, não quer que tenha um oponente, ele quer acabar o jogo.

- O que o senhor acha do Pacote de Lei Anticrime?

- O projeto anticrime do ministro Sérgio Moro na verdade é um projeto populista, esvaziado de efeito prático, que tem sido adotado por praticamente todos que passaram pela Presidência da República, que é uma forma de não enfrentar o problema. É como você chegar na saúde e dizer que vai resolver tudo dizendo que vai ter médico em todos os postos, você está sendo populista. Na educação baixar uma lei dizendo que toda criança tem que estar na escola e que as escolas serão boas, você está sendo mentiroso. E você chegar na segurança pública e adotar fatos semelhantes a aumentar penas e outras coisas sem investir numa política pública séria de destinação de recursos, política de valorização profissional, de treinamento profissional, de investimentos em tecnologias, de investimento em pesquisa, em combater situações que facilitam a criminalidade, somente imaginando que aumentar os crimes vai resolver, é só algo extremamente populista. E o pior, todos os em que tem um caso grave de violência, já se faz isto que o Moro está propondo: endurecer as leis. Isto nunca resolveu.

Violência se combate com políticas públicas e não com leis. Leis nós já temos. Se quer combater violência destine recursos. Então o que ele faz? Mais do mesmo. É como se seu filho tivesse doente e você ligasse para o médico e ele mandasse dar 20 gotas de dipirona para ele. Duas horas depois ele está com 38 graus de febre e o médico manda dar 40 gotas. Depois de uma hora, ele tá com 39 graus e ele manda dar 80, daqui a pouco está com uma convulsão de febre e o médico manda dar mais dipirona. É isto que o ministro Moro faz.

É um projeto vazio em alguns aspectos, mas em outros aspectos

de um perigo enorme. Eles estimulam o discurso que autoriza a polícia atirar indiscriminadamente e que este discurso já vem sendo adotado nas ruas. Isto transforma a vida do policial em algo insustentável. A gente pensa que é bom para o policial, mas não é. Tanto que os casos de suicídio de policial têm aumentado drasticamente. Você submete este profissional, ao invés dele prestar um serviço público você diz que ele está em guerra, e é uma guerra que não tem fim. Então o nível de ansiedade e de transtornos ou danos emocionais, psicológicos que uma guerra traz, estes profissionais estão vivendo. E o que é mais grave, quando você entende que você vai passar para a população em geral, criminoso ou não, de que a polícia se te encontrar vai te matar, o que poderia uma ocorrência simples de rendimento na rua, vira num tiroteio até a morte. Quando a polícia é tão letal e tão criminosa quanto os criminosos, tudo vira guerra. Se o Estado não é nenhum pouco diferente do que é a milícia, tráfico ou qualquer outro grupo criminoso, o que os difere?

- O senhor acha que uma forma de se evitar que as futuras gerações tenham este pensamento seria tratar de direitos humanos nas escolas?

- É imprescindível. Precisamos entender que o que nos distingue dos outros animais, havia quem dissesse que era pensar, tanto que a gente estudou na escola os animais racionais e irracionais. Hoje, os novos filósofos defendem

que o que nos distingue dos outros animais é a nossa capacidade de nos comunicarmos e de termos o que se chama de “metanarrativas”, que é a nossa história sendo contada e recontada. Qualquer civilização para minimamente ascender precisa estudar história, filosofia. Quando a gente for estudar história vamos entender que não existe nada que você tenha como seu que não seja a partir de uma base que envolva os direitos humanos. Desde o direito de propriedade. Talvez um dos primeiros a ser reconhecido na luta dos proprietários de terra contra o rei João Sem Terra, 1215 na Inglaterra. E a

partir daí toda uma gama de direitos de liberdade de expressão, religiosa, de segurança, de moradia, educação, saúde, voto, democracia, meio ambiente, tantos outros, você sempre vai tratar como direitos humanos. Então praticamente tudo que você entende que é um direito seu advém de uma luta dos direitos humanos.

Nós precisamos ter isto. Inclui-se uma fundação nos procurou e pretende vir aqui o quanto antes para apresentar ao Estado um projeto de educação em direitos humanos nas escolas de Ensino Médio, inicialmente pode ser um projeto piloto, depois vire uma política pública, a ideia é chamar vários parceiros, a UFPB, através do seu conselho estadual de educação em direitos humanos; o conselho estadual de direitos humanos e todas as secretarias que de alguma forma tratam de educação, como a Secretaria de Educação propriamente dita, Secretaria de Desenvolvimento Humano, que trata de educação no sistema socioeducativo, o IFPB que trata de educação no Ensino Médio, serão contactados para a gente mostrar este projeto, para que isto possa entrar na grade curricular. O Estado de São Paulo e Brasília estão implementando este projeto, com a parceria da fundação e a Paraíba deve ser o terceiro Estado a ser contactado. Estamos dependendo agora de uma agenda do secretário Aléssio Trindade, para mostrarmos este projeto para que a educação em direitos humanos entre na grade curricular e espero que isto vire uma política pública aqui no Estado.

É imprescindível nós entendermos o que são direitos humanos. O aluno que diz que Direitos Humanos é para defender bandido, ele saiba que ele está em uma sala de aula porque alguém defendeu o direito à educação e que o irmão dele está sendo vacinado e a mãe dele tá fazendo pré-natal, devido ao direito à saúde, que alguém teve acesso a um programa habitacional, qualquer nome que seja, porque houve uma luta pelo direito à moradia e principalmente, ele está expondo sua opinião porque alguém lutou muito pela liberdade de expressão. E ele está lendo um jornal porque a liberdade de imprensa é essencial. Todos são direitos humanos.



“A nossa Constituição de 1988 é a nossa primeira e 30 anos depois nós tivemos um partido com ideias semelhantes as de Adolf Hitler, do nazismo”



“Precisamos entender que o que nos distingue dos outros animais, havia quem dissesse que era pensar, tanto que a gente estudou na escola os animais racionais e irracionais.”



Empaer unifica atendimento e assistência a produtores

Empresa vai fortalecer projetos de pesquisas, valorizando a produção e benefícios aos agricultores rurais

Alexandre Nunes

alexandrenunes.nunes@gmail.com

O objetivo do Governo do Estado é que, em breve, a Empaer seja a melhor empresa de pesquisa, extensão rural e regularização fundiária do país. É o que afirma Nivaldo Moreno de Magalhães, diretor-presidente da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

Nivaldo ressalta que agora, na Paraíba, o agricultor tem em um só escritório da Empaer, acesso a serviços que antes ele só tinha se procurasse o escritório de três instituições diferentes, Emepa, Emater e Interpa. "Hoje, em uma só empresa, o produtor rural encontra o crédito fundiário para compra de terra, acesso fácil à regularização fundiária e à pesquisa para melhoramento genético do seu rebanho e assistência técnica da extensão rural, além de orientação na implantação de projetos de energia fotovoltaica. Só temos três estados no Brasil com esse modelo de empresa, na Paraíba, Mato Grosso do Sul e Sergipe", destaca.

Empresa vinculada à Secretaria do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap), a Empaer foi criada por meio da Lei 11.316 de 17 de abril deste ano, aprovada pela Assembleia Legislativa. Com isso, as ações que antes eram executadas pela Emepa, Emater e Interpa, passaram a ser trabalhadas por uma só empresa, a Empaer.

Nivaldo Magalhães afirma que realmente agora a Empaer começou a existir. Ele entende que a empresa começou a ser consolidada a partir de 1º de julho. "Com a criação do Conselho de Administração, Estatuto e Regimento Interno, a empresa superou aquela fase inicial da Medida Provisória nº 277/2019 que extinguiu a Emater, a Emepa e o Interpa e criou a Empaer, cujo objetivo unificado é trazer o desenvolvimento sustentável à agricultura do nosso Estado", enfatiza.

Além do diretor-presidente Nivaldo Magalhães, a diretoria da Empaer é composta pelo diretor de Administração e Finanças, Francisco Jean Queiroga da Costa; pelo diretor de Pesquisa Agropecuária, Manoel Antônio de Almeida, conhecido como Manuel Duré; pelo diretor de Assistência Técnica e Extensão Rural, Jefferson Ferreira de Moraes; e pelo diretor de Planejamento Agrícola e Regularização Fundiária, Francisco Elias Ramos.

"Estamos hoje presentes nos 223 municípios. A nossa sede administrativa fica no mesmo endereço onde funcionava a sede da extinta Emater, na estrada de Cabedelo. A subsele também fica aqui em Cabedelo onde funciona o Cooperar. Lá também temos instalada a Diretoria de Planejamento Agrícola e Regularização Fundiária e a Diretoria de Assistência Técnica



Foto: Divulgação

Produção de algodão, cultivo de várias espécies de plantas, além de criação de animais são alguns dos pontos focais das pesquisas levadas adiante pela Empaer



e Extensão Rural. Mantivemos a subsele lá em Jacarapé, onde funcionava a extinta Emepa, e onde agora funciona a Diretoria de Pesquisa Agropecuária. Temos ainda as 9 estações experimentais e as 15 regiões administrativas, além de escritórios da Empaer nos municípios", detalha Nivaldo Magalhães.

Ele revela que a empresa está concluindo licitações para colocar internet, locar impressoras e comprar computadores para os escritórios da Empaer nos 223 municípios. "Fizemos agora um contrato de melhoramento de frota de veículos para que os extensionistas não tenham dificuldade. Estamos, ainda, recuperando nossos prédios e imóveis, onde a prefeitura entra com a mão de obra e nós com o material. Estamos fazendo a troca das placas dando uma nova imagem para nossa Empaer, adequando os nossos escritórios para legalidade da Sudema. Aqui mesmo já tiramos o nosso alvará. Em suma, estamos cuidando, nesta fase, de todos os segmentos para oferecer uma melhor assistência ao agricultor e boas condições para o nosso extensionista fazer o seu trabalho", observa.

Modelo da empresa junto à questão rural é referência e é encontrada somente no Mato Grosso do Sul e em Sergipe

+ Pesquisas serão fortalecidas com investimentos de R\$ 20 milhões

A Diretoria de Pesquisa Agropecuária, sob o comando de Manuel Duré, dá continuidade ao trabalho de pesquisa da extinta Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba (Emepa), mantendo as nove estações experimentais em funcionamento, além de todo o trabalho de melhoramento da genética bovina, caprina e ovina. "A pesquisa genética é a grande marca, o grande símbolo da nossa atuação nessa área. O trabalho não sofreu nenhuma solução de continuidade com a criação dessa diretoria", garante Nivaldo Magalhães.

Ele revela que a Empaer está priorizando o fortalecimento das áreas de pesquisa com recursos do PAC, praticamente R\$ 20 milhões, numa parceria inteligente com a Embrapa e o governo federal. Além disso, com a criação de um banco de germoplasma de palma forrageira, a empresa está expandindo o trabalho de pesquisa dessa planta tão importante na alimentação animal. "O secre-



Nivalda Magalhães, à frente da Empaer, defende investimentos em pesquisas

tário de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e Pesca, Efraim Moraes, está fazendo um trabalho com a palma, nos municípios zoneados, para plantação de dois hectares cada um, e com isso e nosso banco de germoplasma, a Paraíba daqui a pouco terá um grande destaque também nessa questão da palma forrageira", prevê.

Nivaldo Magalhães acres-

centa que ainda na área de pesquisa, o pesquisador Rêmulo Araújo Carvalho está indo para a Europa, especificamente para a República de Malta, a fim de apresentar um trabalho científico desenvolvido na Paraíba sobre o controle agroecológico da fusariose do abacaxi com plantas antibióticas. "Para se ter uma ideia, a fusariose combatida com o produto que Rêmulo extrai das

plantas, chamado tanino, exclui o uso de produtos químicos e reduz de 7% a 10% a questão da incidência do problema no abacaxizeiro", informa.

Na opinião de Nivaldo, esse estudo é de extrema importância para a Paraíba, principalmente porque envolve o abacaxi, uma cultura que coloca o Estado como o segundo maior produtor do produto no Brasil, segundo o IBGE, só perdendo para o Pará e com chances de futuramente alcançar o primeiro lugar no ranking, uma posição que a Paraíba já ocupou. "Tanto o agricultor familiar como o agronegócio trabalha com o abacaxi. Pelo menos 70% do plantio é do agricultor familiar e, com esse trabalho que a pesquisa está fazendo, com certeza, vai melhorar ainda mais, porque a Paraíba já tem hoje o melhor abacaxi do mundo. Então, com esse trabalho, teremos um produto orgânico e o mais natural possível", frisa.

Continua na página 6

Projetos incentivam áreas técnicas e de extensão rural

Parcerias e convênios garantem continuidade e até ampliam campo de atuação da Empaer em todo o Estado

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Segundo informa Nivaldo Magalhães, a Diretoria de Assistência Técnica e Extensão Rural que é coordenada por Jeferson Moraes continua executando as ações que a Emater fazia e até ampliando mais. “Nós mantivemos todos os convênios e temos, hoje, na parte de assistência técnica e extensão rural, o projeto Dom Helder que é uma parceria com a Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater), do Ministério da Agricultura.

“Trabalhamos hoje, no projeto Dom Helder, em 53 municípios paraibanos. Temos 2.704 famílias assistidas nesse projeto, sendo que mil famílias recebem um fomento de R\$ 2.400 a fundo perdido, além da assistência técnica do Governo do Estado. Os nossos técnicos vão lá e orientam quem quer criar uma galinha, um bezerro, fazer uma produção de mel, ou plantar alguma coisa. Você já imaginou uma família que não tinha como comprar ou consumir ovos, passar a vendedor de ovos provenientes de sua criação de galinhas? Isso significa melhoria de vida”, afirma.

Nivaldo também ressalta a importância do Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimatá (Procasa), que é uma parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e o Banco Mundial. O projeto é executado pela Empaer em 42 municípios, beneficiando 3.020 famílias. Esse projeto trabalha na Paraíba com associações. “Temos também o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), com investimentos do Governo do Estado de R\$ 1,2 milhões, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Só na merenda escolar, temos investimentos de R\$ 80 milhões entre o Governo Federal, estadual e municípios”, relata.

Ele explica que a Paraíba tem um termo de cooperação bilateral com o Ministério das Relações Exteriores e com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), e com isso participa do Projeto Algodão, nos países do Mercosul e mais

o Haiti. “Recentemente, uma missão da Colômbia, Mali e Moçambique esteve na Paraíba e, na ocasião, o governador João Azevêdo teve a oportunidade de mostrar o potencial do nosso Estado. A Paraíba é o único Estado do Brasil que participa desse Projeto Algodão, representado através da Associação das Entidades Públicas de Assistência Técnica e Extensão Rural (ASBRAER), aonde eu tenho a honra de ser o presidente. Esses países vieram aqui ver o projeto Algodão Paraíba”, complementa.

A Empaer atende atualmente 200 agricultores do Projeto Algodão Paraíba, em 42 municípios. A previsão de colheita este ano é 150 toneladas de algodão orgânico. “Nós somos hoje, com 200 hectares plantados, o maior produtor de algodão orgânico do Brasil”, enfatiza.

Na parte de extensão rural, a Empaer tem o trabalho do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em parceria com Banco do Brasil e Banco do Nordeste. “A gente faz o trabalho de financiamento para os agricultores. Trabalhamos também com o Garantia-Safra. Participamos das campanhas de vacinação contra a febre aftosa. Estamos aguardando a chegada do Projeto Cooperar para uma cooperação técnica com a Empaer na execução desse projeto. Trabalhamos também com a emissão de DAP que é a Declaração de Aptidão do Agricultor. Sem essa declaração fica muito difícil os agricultores fazerem qualquer movimentação nos programas sociais. Estamos conseguindo ainda um projeto-piloto que é o CAF - Cadastro do Agricultor Familiar que vai substituir em breve a DAP”, elenca.

Projeto com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola e Banco Mundial beneficia 3.020 famílias no Cariri



Fotos: Divulgação

Roméria Pereira e Ivete Ramalho são extensionistas sociais que dão apoio ao progresso nas políticas que a empresa quer implementar

Servidores e produtores aprovam atuação da Empresa

Roméria Pereira da Silva, extensionista social e que trabalha como técnica no município de Curral Velho, no Vale do Piancó, acredita que com a Empaer a tendência é melhorar o trabalho de assistência ao produtor rural. “Os agricultores estão felizes com a nova empresa, porque sabem que a gente está lá no município para atender a eles. Enfim, enquanto funcionária da Empaer, estou satisfeita, como os agricultores também estão, que é isso que eles mostram em depoimento para a gente”, revela.

Ivete Pinto Ramalho, extensionista social da Empaer na região de Itaporanga, acredita muito que essa nova empresa veio para melhorar tanto o trabalho do servidor, quanto para que o servidor com isso possa prestar uma assistência melhor aos agricultores. “Então, todos estamos muito confiantes nessa nova empresa. O nosso presidente, o Doutor Nivaldo, é uma pessoa que acredita muito nesse novo modelo, foi o que ele passou para a gente. Acredito que essa empresa realmente veio para somar”, afirma.

Já o produtor rural Francisco Limeira Diniz, 43 anos, casado e que trabalha em sua propriedade na região da Serra, mais precisamente no sítio Cacimba Nova, que fica na divisa do município de Diamante com o município Conceição, no Sertão paraibano,

diz que o campo precisa muito de assistência técnica e que, por isso, torce para que a Empaer atue com sucesso e chegue bem perto do agricultor. “Seria também importante que a Empaer capacitasse os produtores em agricultura orgânica, porque a gente trabalha hoje com muito agrotóxico e é necessário que se mude essa metodologia de uso do agrotóxico para o orgânico, a fim de evitar a poluição do meio ambiente”, sugere.

O agricultor familiar, que está iniciando uma criação de gado de leite, tem um campo experimental de palma forrageira, uma plantação de capim mombaça, além de um cultivo de batata-doce,

tomate e pimentão, trabalha com a esposa Grasielma Leite Diniz, com a irmã Vilani Limeira Diniz e o cunhado Edson Zuza Salviano. Todos estão na expectativa de uma melhor assistência técnica com a chegada da Empaer.

Francisco explica que uma grande dificuldade enfrentada pelos agricultores da região é o acesso rural. “No período de inverno, as estradas ficam intransitáveis para escoar a produção, tanto de leite, quanto de batata-doce e hortaliça, porque temos as ladeiras e é preciso calçar essas ladeiras. Por isso, aproveito para solicitar que o DER dê uma atenção especial a essa nossa demanda”, reivindica.

Francisco Limeira: na torcida para que a instituição atue para chegar perto dos agricultores



Até final do ano, Empaer deverá titular cerca de 20 mil propriedades rurais na PB



Regularização fundiária está entre as principais ações da empresa

A Paraíba está executando hoje o maior programa de regularização fundiária do país. Até o final do próximo ano, a Empaer vai titular em torno de 20 mil propriedades rurais. “É o maior programa em execução do Brasil e, com isso, vamos dar dignidade às famílias que nunca tiveram a titulação da sua terra”, ressalta o diretor-presidente da Empaer, Nivaldo Magalhães.

O trabalho de regularização fundiária, que an-

tes era feito pelo Interpa, órgão extinto, agora é da responsabilidade da Diretoria de Planejamento e Regularização Fundiária da Empaer, que tem à frente Francisco Elias Ramos. “Continuaremos agora nesse trabalho, numa parceria também com o Governo Federal. É preciso ressaltar que a Paraíba é referência não só pelo tamanho do programa que estamos executando, mas também pelo modelo. Aqui na Paraíba, diferente de outros

estados do Brasil, fazemos a titulação de quem nunca teve a escritura, os chamados posseiros”, observa.

A Empaer está fazendo a varredura completa do município, onde independe se o proprietário é pequeno, médio ou grande produtor, para que seja feita a renovação do seu título. A Empaer faz o georreferenciamento e a certificação vem do Incra, numa parceria com a Empaer, para que os produtores tenham o reconheci-

mento do seu domínio. A Diretoria de Planejamento e Regularização Fundiária atua ainda com o Programa Nacional do Crédito Fundiário, em parceria também com o Governo Federal, já atendendo 31 famílias, no Estado da Paraíba, com quase R\$ 2 milhões para compra de terras. “Então, basicamente, essa diretoria cuida de questões como os limites dos municípios, regularização fundiária e crédito fundiário”, sintetiza.

Romaria da Penha deverá reunir mais de 500 mil fiéis

Patrimônio Imaterial, a Romaria está em sua 256ª edição e terá programação alterada de 3 para 8 dias

José Alves

zavieira2@gmail.com

Todos os anos, milhares de fiéis participam da Romaria da Penha, em João Pessoa. Essas pessoas vêm de várias cidades, de outros estados e até de outros países, numa demonstração de amor e fé. Estima-se que o evento religioso concentre cerca de 500 mil pessoas. Com esse número, a peregrinação – que está em sua 256ª edição e é Patrimônio Imaterial – é a segunda maior do país, ficando atrás do Sítio de Nazaré, no município de Belém, no Pará.

Para este ano, a Romaria teve sua programação alterada e será realizada no período de 17 a 24 de novembro. Até o ano passado o novenário da Romaria acontecia em apenas três dias, o chamado “tríduo”. Segundo o Monsenhor e reitor do Santuário Nossa Senhora da Penha, Nereudo Freire Henriques, a mudança no evento foi necessária e ganhou mais cinco dias em sua programação com o objetivo de acolher e favorecer uma maior participação dos fiéis.

Este ano, o tema da Romaria - ‘Senhora da Penha, roga por teus filhos e filhas para que sejamos missionários da alegria e da paz’ -, atende o chamado do papa Francisco, uma vez que o Brasil passa por um momento de muita violência urbana, principalmente com o aumento dos casos de feminicídio (crimes contra a mulher).

Ainda segundo o padre Nereudo Henriques, indicado pela Arquidiocese em janeiro deste ano como o primeiro reitor do Santuário Nossa Senhora da Penha, o aumento dos dias de comemoração de Nossa Senhora da Penha foi imprescindível. “Diariamente recebemos visitantes de várias partes do Brasil, inclusive de outros países e creio que esta também seja uma oportunidade de oferecer um espaço maior para oração”, pontuou.

A exemplo dos anos anteriores, a Romaria tem início por volta das 22h, do sábado com os fiéis saindo de frente da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no bairro de Jaguaribe, seguindo com a imagem da santa pelas Avenidas João Machado (Centro) e Pedro II, no bairro da Torre, passando pela via expressa Padre Zé e pela avenida principal dos bairros dos Bancários. O percurso também segue pela Avenida Hilton Souto Maior, em Mangabeira, e prossegue pela pista que dá acesso à Praia da Penha, até chegar - no início da manhã do domingo - na Praça Oswaldo Pessoa, onde fica o Santuário da Penha.

Com a chegada dos fiéis ao santuário, é iniciada uma missa campal. A Romaria da Penha geralmente acontece nas últimas semanas do mês de novembro. Para os católicos, a data representa o encerramento do ano litúrgico. Segundo informações da Arquidiocese da Paraíba, todos os anos os fiéis que participam da Romaria da Penha são acompanhados por mais de dez trios elétricos em todo o trajeto. A caminhada da Romaria passa por oito bairros de João Pessoa: Centro, Jaguaribe, Torre, Castelo Branco, Bancários, Mangabeira, Portal do Sol e Penha, até chegar ao santuário.



Foto: Arquivo A União

Este ano, o evento religioso tem como tema “Senhora da Penha, roga por teus filhos e filhas para que sejamos missionários da alegria e da paz”, e faz referência à violência urbana e contra mulheres

Arquidiocese faz recomendações a romeiros

A recomendação da arquidiocese é que os romeiros utilizem calçados confortáveis, roupas leves e tomem bastante água durante o percurso, afinal o trajeto de 14 quilômetros dura em média quatro horas de caminhada. Por isso, a recomendação é que os fiéis se mantenham hidratados com água ou suco, e se alimentando de frutas ou barras de cereal por exemplo. Para quem não leva água ou suco para enfrentar o percurso, no trajeto, existem diversas barracas de venda de água, refrigerantes ou comidas.

Para o padre Luciano Freitas, a Romaria da Penha, acima de tudo, significa para os fiéis gratidão a Deus pelas graças alcançadas. É comum durante o percurso, os participantes se depararem com pessoas levando tijolos na cabeça, miniaturas de casas, pares do corpo confeccionadas em parafina e outros tipos de materiais, expressando um sinal de gratidão a Deus por Ele ter concebido algum benefício em sua vida por interseção de Nossa Senhora da Penha. O padre revelou que muitas dessas peças ficam guardadas na

sala dos ex-votos do santuário. Para a maioria dos moradores da Praia da Penha, a Romaria tem um significado muito importante porque eles são voltados para a religiosidade. “A maioria deles se orienta para Deus através de Nossa Senhora da Penha com as particularidades de suas vidas no dia a dia que são as dores, sofrimentos, angústias e também a gratidão e confiança expressadas em sua forma de vida”, afirmou o padre.

O Monsenhor Luciano Freitas disse ainda, que o fato que mais marca a crença dos fiéis

na Romaria da Penha é o percurso de 14 quilômetros feito durante a madrugada. “Esses dois fatores mostram a fé e a coragem cristã dos romeiros da Penha. Somado a isso, muitos fazem o percurso descalços e outros levam consigo peças que representam as graças alcançadas. Outro fator marcante é que após a caminhada e já bastante cansados, eles participam da missa campal que é celebrada no santuário. Fatos como esses são testemunhos marcantes da fé em Nossa Senhora da Penha e acima de tudo em Deus”.

Fé e devoção motivam peregrinação

A devoção a Nossa Senhora da Penha começou em 1763, quando o português Sílvio Siqueira fez um apelo à mãe de Jesus. Ele, junto com a tripulação de sua embarcação, enfrentava uma grande tormenta no Litoral paraibano, pediu para apontar com segurança. A graça foi alcançada e, em retribuição, ele ergueu uma capela onde desembarcou na então Praia de Aratú, que depois passou a ser chamada de Praia da Penha.

Gratidão e esperança são alguns dos sentimentos relatados pelos fiéis sobre como enfrentam e superam o cansaço do trajeto para fazer preces,

realizar boas ações, testemunhar e agradecer as bênçãos conquistadas. Para muitos, a exemplo do católico Maurity Vasconcelos, 70 anos, que há nove anos participa da Romaria da Penha, esse evento religioso é ideal para pedir a Deus mais respeito e dignidade. “Aqui eu peço mais respeito pela vida e também mais trabalho e principalmente mais saúde”.

Há oito anos participando da romaria, a católica Edileuza Araújo, 65 anos, afirmou que o principal motivo que a leva a Romaria foi agradecer pela vida e pela conquista de sua moradia em um bairro nobre da Capital.

“Sou devota de Nossa Senhora da Penha e através dela consegui muitas vitórias em minha vida, principalmente a da casa nova, no bairro que eu queria morar. Creio que se não fosse minha promessa à santa, eu não conseguiria alcançar esse sonho”, afirmou a devota.

Novas determinações

Em reunião ocorrida no início deste mês no Paço Municipal, com a participação de representantes do evento e de diversos secretários municipais, além do padre Nereudo, foram discutidas algumas ações para melhorar o sucesso do evento

religioso, a exemplo da poda de árvores, limpeza, sinalização e isolamento de algumas áreas da Penha, relocação e disposição das barracas de comida e bebidas, fiscalização do som dos trios elétricos, área para assistência e primeiros socorros das equipes do Samu. O contato com as Forças de Segurança, sugestão de pontos de táxi e uber, mudança no palco instalado no campo, melhoria na pavimentação das ruas próximas ao santuário, e a iluminação de Led em ruas e avenidas do percurso da Romaria, também fizeram parte da discussão para melhorar o evento.

Fotos: Evandro Pereira



Fiéis recorrem a Nossa Senhora da Penha para ter suas graças alcançadas e, ao longo dos anos, a caminhada se tornou uma tradição religiosa no país

HISTÓRIA

■ A Romaria da Penha acontece todos os anos com uma caminhada de 14 quilômetros que se inicia na noite de sábado e se encerra nas primeiras horas do domingo. Anualmente a Romaria sai da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Centro de João Pessoa, até a Capela de Nossa Senhora da Penha, na Praia da Penha, sempre nas últimas semanas do mês de novembro. O Santuário da Penha faz parte do roteiro histórico e turístico do Litoral paraibano e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), em 26 de agosto de 1980. Este santuário tem sido muito procurado por conta dos milagres atribuídos à Nossa Senhora. A Romaria de Nossa Senhora da Penha tem atraído nos últimos anos, uma média de 500 mil peregrinos e já é considerado o segundo maior evento religioso do Brasil.

Plataforma digital mapeará oportunidades econômicas

Trabalho envolve cerca de 70 especialistas, técnicos, gestores do governo e centros de pesquisas da área

Márcia Demestruk
Especial para A União



Uma “Paraíba de Oportunidades” está sendo desenhada na Web e vai representar um salto para o desenvolvimento econômico e social sustentável do Estado. Será uma plataforma digital que reúne informações acerca de toda a inteligência territorial, a partir dos Arranjos Produtivos Locais certificados pelo Governo do Estado. O trabalho envolve mais de 70 especialistas, técnicos, gestores dos setores que compõem a tríplice hélice: governo, setor produtivo e universidade.

Em andamento desde meados do ano passado, “Paraíba de Oportunidades” entra agora na fase de construção e ampliação de sua arquitetura, viabilizada financeiramente com recursos unicamente do

Governo do Estado, por meio da Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), via Fundação de Apoio à Pesquisa na Paraíba (Fapesq). A versão inicial está prevista para ser entregue à sociedade em maio do próximo ano.

O projeto tem a coordenação do Núcleo Estadual de Apoio aos APLs da Paraíba (NEAPL-PB) ao qual são somados integrantes das instituições de Ensino Superior: Instituto Federal da Paraíba, Universidades Federal da Paraíba e de Campina Grande e a Universidade Estadual da Paraíba. Representantes de sete Secretarias de Estado: Planejamento; Educação, Ciência e Tecnologia; Turismo e Desenvolvimento Econômico; Agricultura e Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido; Desenvolvimento Humano; e Infraestrutura - os representantes de cada secretaria será o responsável pela atualização da informação na plataforma.



Foto: Secom-PB

Tecnologia vai facilitar o trabalho tanto de técnicos agrários como de produtores rurais em vários aspectos



Marília Araújo, gerente executiva de Desenvolvimento da Indústria

E a representação do sistema produtivo paraibano: Federação do Comércio, Federação da Indústria, Sebrae, entre outros.

A articulação entre essas instituições consumiu cerca de um ano e foi cuidadosamente costurada, considerando-se a responsabilidade de cada ator no processo. “Não é um projeto de um professor, nem uma proposta de uma consultoria. É um acordo institucional”, frisa Paulo Fernando Cavalcanti Filho, coordenador geral do Plano de Desenvolvimento Econômico e Social Sustentável para os Arranjos Produtivos Locais da Paraíba (Plades).

De acordo com Marília Araújo, gerente executiva de Desenvolvimento da Indústria da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, só foi possível chegar a esse resultado “porque estamos com o foco no processo. Nós estamos gerando um conhecimento na Paraíba e criando uma solução para potencializar o fator econômico,

gerar produção e desenvolvimento social. Tudo o que for criado daí para frente, estará sedimentado pelo que já se aprendeu. É a via oposta à contratação de um serviço para adquirir apenas o produto de uma consultoria, o que iria nos trazer limitações e não teríamos o salto qualitativo desejado”, aponta Marília Araújo.

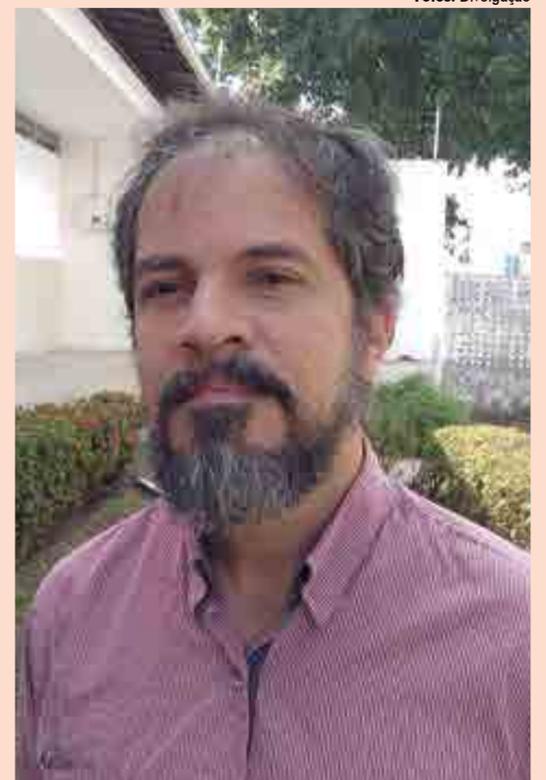
Equipe que se reuniu para viabilizar o projeto vem trabalhando há alguns anos e em breve estará à disposição para ser utilizado, otimizando pesquisas e consultorias.

Conhecimento é compartilhado

“Nós não aceitamos o fato de que os produtores de um arranjo produtivo não tenham conhecimento de que na universidade há uma pesquisa que pode melhorar a sua produtividade; não aceitamos que eles não tenham o conhecimento de que no Gover-

no Federal ou Estadual há uma política pública que pode apoiá-lo. Que em outro arranjo produtivo ele encontra capacidade tecnológica de fazer algo que melhore o desempenho da sua produção”, considera Paulo Fernando Cavalcanti Filho.

Fotos: Divulgação



Paulo Fernando, coordenador geral do Plano de Desenvolvimento

+ Informações são essenciais para tomada de decisão

O Paraíba de Oportunidades é uma plataforma que dará um panorama do Arranjo Produtivo Local. Na Paraíba, são 22 arranjos certificados, em torno de atividades da indústria, da agricultura, do artesanato, da pesca, mineral, turismo, portuário, entre outras.

A partir da disponibilização das informações será possível planejar políticas públicas; potenciais investidores terão à mão todas as informações pertinentes ao seu setor, oferecendo vantagens para investimentos. Um conjunto de informações que vai apontar quais são as oportunidades na Paraíba em cada uma das atividades – seja econômica, acadêmica, ou de gestão pública.

Um exemplo da funcionalidade dessa plataforma é dado através do uso da ferramenta de Mapas Dinâmicos da Paraíba. Reúne dados de vários órgãos e instituições: políticas públicas estaduais e nacionais; ciência e tecnologia com

informações de pesquisas acadêmicas, projetos tecnológicos, publicações, patentes; instituições do ecossistema de inovação; informações do setor produtivo, baseados nas APL, onde estão localizados, com a sua governança.

O empreendedor que produz calçados em Patos, faz parte do Arranjo Produtivo Local de Calçados e Afins. Para saber quais as oportunidades existentes para o crescimento de seu negócio em Patos, ele seleciona o município. Daí, estarão relacionados todos os Arranjos. Seleciona-se “Calçados e Afins”. E quais políticas públicas existem direcionadas para essa atividade em Patos? Aparece a relação. Há alguma pesquisa acadêmica, ou existe algum curso, ou algum professor especialista que possa dar uma palestra nessa área?

A ferramenta busca em todos os bancos de dados, com a possibilidade de cruzar essas informa-

ções, e territorializa. Pode ser que uma pesquisa de tratamento do couro para calçado esteja sendo feita na universidade em Campina Grande. E que a Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) – sediada em João Pessoa – possua alguma oportunidade para a expansão do negócio.

Na outra direção, o investidor externo, que pode nunca ter estado na Paraíba, quer descobrir a Paraíba. Ele é do ramo de alimentos e está interessado na produção de mandioca; ele quer conhecer pesquisas sobre fécula; saber qual é a produção do Estado, qual é a política de apoio para a agricultura. O mapa vai mostrar onde estão essas solicitações; qual a instituição responsável; a qual APL está integrada; qual o contato da governança da determinada APL. A plataforma indicará quem é o gestor da política, ou do projeto acadêmico, o telefone, e o contato é direto.

“Pesquisamos 17 núcleos estaduais de APLs, no Brasil para entender quais as políticas e estratégias desenvolvidas, ver o que deu certo, o que está faltando agregar; esse trabalho beneficia pequenos, médios e grandes empreendimentos; gestores públicos; acadêmicos; investidores; pessoas que trabalham pelo desenvolvimento do Estado”



Foto: Davis Celdas

Foto: Edson Matos



Entre os artistas fotografados por Rodrigo (foto) estão Flávio Tavares, Alberto Lacet, Chico Dantas, Maria dos Mares, Marlene Almeida, José Rufino e o poeta Juca Pontes

Projeto artístico internacional registra trabalho de artistas locais

Um dos maiores especialistas em restauro e conservação da Europa esteve em João Pessoa e visitou ateliês

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Espaço. O dicionário o classifica como uma "extensão indefinida que contém e envolve todos os seres e objetos". E é exatamente nesta ótica que o artista plástico, fotógrafo e restaurador português Rodrigo Bettencourt da Câmara tem trabalhado em um dos seus inúmeros projetos: o 'Spaces', ou mesmo Espaços. Ele é diretor de Conservação e Restauração do Museu Coleção Berardo, de Portugal, que abriga importantes obras de arte do mundo inteiro, sendo um dos mais visitados da Europa. Rodrigo esteve em João Pessoa nos últimos dias visitando e realizando registros fotográ-

ficos de alguns artistas paraibanos em seus habitats naturais - os ateliês.

"Isto faz parte de um projeto artístico que eu comecei em Lisboa, de fotografar artistas em seus ateliês, considerando ateliê um espaço qualquer, pode ser a rua, qualquer coisa", disse.

Com este projeto, que começou em sua terra natal com uma exposição no Centro Cultural de Cascais, Rodrigo já passou por vários lugares como Espanha, França, Rio de Janeiro, onde fotografou 25 artistas, em Moçambique e em Ruanda.

Rodrigo veio a João Pessoa a partir de um convite do fotógrafo paraibano João Lobo. "Eu conheci o João em Lisboa e quando eu conheci

o trabalho dele, convidei-o para uma exposição e ele participou de uma exposição em Lisboa, organizada por mim. E depois conversamos mais, e ele fez a proposta de eu vir aqui e organizou tudo isto. Eu não conhecia bem o meio e, portanto, os artistas é uma seleção feita um pouco também pelos próprios artistas daqui. Eu não intervenho muito nesta seleção. Mas o critério seria o mais aberto possível", explicou.

Dentre os artistas fotografados, Rodrigo trabalhou com Flávio Tavares, Alberto Lacet, Chico Dantas, Maria dos Mares, Marlene Almeida, José Rufino, entre outros, como o poeta Juca Pontes. A ideia de Rodrigo é mostrar os espaços em evidência, enquanto os ar-

tistas ficam em uma espécie de segundo plano.

"Não tem uma coisa fixa, escritor, arquitetos, o que interessa é que tenha a questão da criação, da arte. E portanto neste projeto, os espaços ficam de uma forma bastante objetiva, mas os artistas ficam fantasmagóricos. Portanto, aparece o movimento deles. É a questão do espaço", disse.

Outras funções

Além deste projeto, Rodrigo também atua em outras frentes. Uma das principais é cuidar da parte de conservação e restauro do Museu Coleção Berardo, considerado o principal museu de arte moderna e contemporânea de Portugal. Ele fica localizado

em Belém, na cidade de Lisboa. De acordo com dados do The Art Newspaper, o local é o mais visitado do país.

O local conta atualmente com quatro exposições (duas permanentes e duas temporárias), e constitui o maior polo de apresentação de arte moderna e contemporânea do país, alojando a Coleção Berardo, cujo acervo proporciona uma apresentação dos principais movimentos artísticos, pontuados por alguns dos maiores nomes da modernidade como Pablo Picasso, Marcel Duchamp, Max Ernst, Piet Mondrian, Joan Miró, Maria Helena Vieira da Silva, Francis Bacon, Paula Rego, Yves Klein, Andy Warhol, Frank Stella, Richard Serra,

Gerhard Richter, Bruce Nauman, Julião Sarmento ou Gabriel Orozco.

Rodrigo trabalha no museu desde a segunda metade da década de 1990. Com uma vasta experiência na área, ele é o responsável por conservar e restaurar as obras do local, que segundo ele, tem um acervo único.

"Trabalho com a Fundação Berardo, que é uma coleção magnífica. Uma coleção que eu acho que tem um dos melhores "Mondrians" que eu conheço. Tem obras de nível mundial. Tem a obra do David Hockney, que é frequentemente é capa de livro, porque é uma obra de transição, uma obra de grande valor. Também há muitos italianos", elencou.

+ "Em Portugal é igual. Vem um governo de direita, fecha os institutos"

Com uma experiência vasta no Vello Mundo, Rodrigo disse não enxergar tanta diferença entre a área de restauro e conservação entre a Europa e o Brasil. Segundo ele, há uma tendência a olhar sempre o próximo como melhor.

"Eu penso que aqui vocês têm grandes adversidades que nem todos os lugares têm. O clima, o tempo. Agora, eu penso que o vosso cenário não seja muito diferente do nosso. Penso que quem faz conservação é sempre uma área difícil. Porque a conservação é uma coisa que não se quer falar. Por exemplo, eu não tenho espaço nem em sombras como vocês têm

em São Paulo, na Pinacoteca. Lá tem um espaço fantástico de conservação. Eu estive no Rio de Janeiro, no Espaço do Moreira Salles, é impressionante, completamente impressionante. Eu numa determinada altura teria vontade de vir para o Brasil trabalhar, trazer aqui o que eu sei", disse.

Apesar de se tratar de uma coleção privada, o Museu onde Rodrigo trabalha é administrado pelo Estado. "Quem tem os custos da conservação é o Estado. O colecionador tem custos, há muitas coisas que eu faço diretamente para ele, como faço para outros particulares, agora o que estar no museu, dentro do contrato

que existe, é o Estado que faz esta cobertura. Por ter o usufruto, o ambiente não é tão diferente do que é encontrado no Brasil", afirmou.

Questionado se é mais fácil trabalhar com arte na Europa, Rodrigo faz ressalvas. "Nós às vezes como artistas nos questionamos muito de não sermos outras coisas. Há sempre lugares difíceis de outro lado. Não tem diferença. Por exemplo, ser um artista contemporâneo na Itália é um horror. Porque eles têm muitos fantasmas do passado, e uma memória coletiva. Para eles, arte é o que faz o Da Vinci, aquilo que é o padrão de arte e, portanto, quem faz

estas coisas modernas, não é artista para eles", pontuou.

Sobre a onda de conservadorismo que toma parte do mundo e persegue o mundo artístico, Rodrigo afirmou que seu país já passou por isto.

"Em Portugal é igual. Vem um governo de direita, fecha os institutos. Deixamos de ter um Ministério da Cultura, passamos a ter um secretário geral da cultura, acaba-se com isto, com aquilo, depois vem outro governo. O último governo agora achava que ia resolver tudo, então volta tudo ao zero. Em vez de trabalhar o que já estava e continuar trabalhar, eles param", finalizou.

Artigo Estevam Dedalus

Sociólogo

A visão de um anarquista sobre o trabalho

Ilustração: Divulgação



Até semana passada gabava-me de nunca ter fraturado um dos meus 206 ossos, engessado braço ou perna. Sei que estamos sujeitos a acidentes, mas a probabilidades de que algo assim ocorra é bastante variável. As chances de atletas de skatistas machucarem ossos e articulações são maiores que a de um escriturário, que por sua vez tem mais chances de desenvolver tendinite nas mãos.

Um estudo da Academia Americana de Cirurgias Ortopédicas apontou que skatistas são os esportistas radicais que estão mais sujeitos a fraturas de crânio. Mas se o quesito é lesão cervical, ficam bem atrás dos surfistas, que têm 38 vezes mais probabilidade de sofrer com uma lesão dessa natureza.

Talvez a atividade cotidiana que provoque mais acidentes seja o trabalho. Não necessariamente trabalhos arriscados como o de domador de leões, limpador de janelas de edifício e motorista de caminhão. O anarquista norte-americano Bob Black, autor do ensaio *A Abolição do Trabalho*, afirma que nos Estados Unidos morrem anualmente um entre 14 mil e 25 mil pessoas devido a acidentes de trabalho. Se excluirmos as mortes e contabilizarmos apenas os que contraem algum tipo de deficiência, o número chega a extraordinários dois milhões de pessoas!

Entre os argumentos apresentados por Bob Black está o de que as estatísticas de doenças provocadas pelo trabalho estão longe de retratar a realidade. Estima que meio milhão de doenças seja causado por atividades laborais. O número de mineiros mortos todos os anos, por exemplo, seria superior ao de pessoas mortas por causa do vírus da AIDS. Mesmo que não cheguemos a morrer ou ficar inválidos nossas forças seriam esvaídas pelo trabalho, que ainda exige que pensemos nele ou que lutemos para esquecê-lo. A maioria dos trabalhos nos forçará a usar automóveis, aumentando assim a poluição ambiental, e será um gatilho para o alcoolismo e o uso de drogas.

Bob Black acredita que a maior parte das pessoas está de "saco cheio" do trabalho. Isso seria demonstrado pelo crescimento do número de faltas, greves encarniçadas, sabotagens, descatos... Apesar disso o discurso dominante seria o de que todo trabalho é necessário. Ele propõe uma solução radicalíssima: a abolição do trabalho! São dois os caminhos: um qualitativo e outro quantitativo.

O primeiro diz respeito à redução drástica da quantidade de trabalho executada diariamente. Precisamos nos livrar do que há de inútil no trabalho. Apenas 5% do trabalho humano seriam suficientes para garantir as necessidades humanas de alimento, roupas e moradia. O segundo ponto é transformar o trabalho numa coisa agradável, numa espécie de arte ou divertimento. Experiência na qual a criação pode se tornar recriação.

Crônica Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Eu, D. Piñón e Roberto Lúcio

Fotos: Divulgação

Eu estava deitado, quase eternamente em minha cama esplêndida, pensando nas pessoas que pregam para ser conhecidas, quando chega uma mensagem do artista paraibano, Roberto Lúcio, há cem anos radicado em Recife. Um dos melhores do país. "Ei, K, estou aqui e queria te ver. Posso ir na tua casa amanhã (que seria o domingo passado). Resumindo: fui buscá-lo imediatamente e improvisamos uma festa na Varanda Tropical – quase de arromba..."

Roberto Lúcio trouxe o cheiro da Dora de Caymmi das velhas pontes coloniais e trouxe o som do maracatu. Trouxe também um belo quadro para nossa casa e festejamos aquela alegria de ter uma obra dele em nossa parede. Veio a escritora Ana Adelaide e o democrata Rita Barroso. Riamos e íamos e parávamos para as diversas escaladas do conhecimento. Roberto é um que sabe.

Na conversa disse a Rita que ele tem um bom trabalho sobre o erotismo. Aliás, ela não o conhecia. Fez uma festa. O erótico e a sensualidade, para tirar de uma vez todas essa bobagem de que toda a nudez será castigada, por que não tem coisa mais bonita na natureza do que uma nua, até mesmo quando ela não é bonita.

As obras relevadas pelo artista visual Roberto Lúcio ultrapassam a arte em todas as suas fases. São muitos temas que se transformaram em figuras de linguagem e tornam-se objeto de pesquisa e um avanço na inflexão da modernidade. O resultado chama-se "O corpo e suas escrituras", que é um trabalho feito a partir de fotografias. Mas voltemos ao erotismo.

No meio da noite, Roberto perguntou se eu conhecia o livro "Intimidades" que reúne 10 escritoras por-



tuguesas e brasileiras - Ana Miranda, Branca Maria de Paula, Guiomar de Grammont, Inês Pedrosa, Lídia Jorge, Lygia Fagundes Telles, Maria Teresa Horta, Nélide Piñón, Rita Ferro e Teolinda Gersão, Nessa obra, o erotismo surge com paixão avassaladora e, claro, muito elegância. Entenderam? "Você precisar ler o conto erótico "O revólver da paixão", de Nélide Piñón", disse ele olhando para o jardim luminoso da nossa casa. Na segunda-feira fui ao Seco Cultural encontrei o livro e devorei todos os contos, inclusive o de Lygia Fagundes Telles, "Apenas um saxofone", onde o erotismo se casa com a música.

Eu nunca tinha lido nenhum livro da escritora Nélide Piñón. Alguém já tinha alertado para outro livro de contos dela "A camisa do marido", que ela relata nove histórias sobre a marca da família na vida das pessoas. Não me interessei. Família, família, família almoça junto todo dia. Digo, almoçava. Hoje quando bota a janta a gente ainda se junta.

O conto de Nélide Piñón. "O revólver da paixão", é sufocante, avassalador, mexe nas entranhas, quando o sexo vai além do seu movimento, seja no homem ou na mulher. Explico: não sou crítico literário.

"O meu amor que é tanto e sufoca-me exige o teu para nutrir-se do próprio exagero. Eu te amarei até ao fim da minha vida. E a minha vida, amor, será curta se não voltares. Será tão curta que terás medo. Pois nunca saberás se me mato, se te mato, se aniquilo nós dois na mesma roda de bebida".

Sim, Nélide Piñón escreve bem sobre o erotismo, (que é a arte mais completa) se delatando, como quem implora e mata, ama e odeia, faz rodopios, enlouquece e nos enlouquece. Li duas vezes e fiquei pensando no coito das arrasa de Cátia de França, mas vamos deixar as araras pra lá, que razão tá custando os olhos da cara.

D. Piñón, exímia na mira do detalhe significativo, do sutil desenho da alma em êxtase, please devolva "A camisa do marido" pois estamos a um passo do paraíso e vou comer seu coração.

Viva a saúde mental. Obrigado, Roberto Lucio!

Kapetadas

1 - Eu com 70 não salvo nem o arquivo que tô editando, a menina de 16 anos salva o mundo.

2 - É mais fácil explicar a teoria da relatividade do que um meme pra minha mãe. #sorvetão

3 - Vou dar uma de alfinetei. E aí? O que vocês acham?

4 - Eu sou da teoria da Terra plena
5 - Som na caixa: "O sorvete me deixou gripado pelo resto da vida", de Marcelo Fromer / Antonio Bellotto / Arnaldo Filho

Lúcia Monteiro

Folhapress

Filme fica no meio do caminho entre estado bruto e lapidação precisa

Primeiro longa de Torquato Joel, "Ambiente Familiar" traz, de maneira ousada, a vida de três homens. Com histórias familiares marcadas por tragédia, abandono e desamparo, Alex (Alex Oliveira), Diógenes (Diógenes Duque) e

Fagner (Fagner Costa) vivem juntos. Não têm laços de consanguinidade nem são parceiros de uma relação amorosa. Mas, mais do que dividirem a casa, o trio constitui uma nova irmandade e, cada um a seu tempo, revive tristezas e alegrias de sua infância.

O filme destaca-se pela liberdade narrativa e pelo apuro visual, característicos da obra do festejado curta-metragista paraibano que completa 62 anos. Mas se os filmes mais emblemáticos do cineasta, como "Passadouro" (1999), concentravam poesia em poucos minutos, aqui esse lirismo é distendido, diluído, e a intriga se esgarça.

"Ambiente Familiar" se reivindica na fronteira entre documentário e ficção. Atores e personagens de fato compartilham nome, recordações, traumas e uma relação de intimidade com a paisagem - o longa foi rodado entre João Pessoa e localidades do litoral e do interior paraibano. Provavelmente em função da ancoragem fiel à trajetória real dos protagonistas, no entanto, os personagens não chegam a apresentar reviravoltas importantes nem a abandonar o lugar de vítimas de histórias familiares forçosamente traumáticas.

O ponto forte parece ser mesmo a coragem com que o filme se lança na experimentação. Observa-se, por exemplo, um olhar detido sobre objetos e fragmentos do corpo, planos que se sustentam por longos minutos em enquadramentos de pouca iluminação e demoradas sequências de lembranças que talvez sejam menos narrativas do que afetivas e sensoriais.

A presença da atriz Marcélia Cartaxo, na pele de Nena, mãe de um dos garotos, enche a tela. Ela passa da alegria plena à tristeza desgastada, e emociona por sua performance. O elenco infantil também impressiona. Já o trio de protagonistas, formado por não-atores, por vezes perde a cumplicidade do espectador. Em alguns momentos o filme beira a autocomplacência, como na sequência final, em que o canto não chega a comover nem é fonte de humor.

"Ambiente Familiar" ganha as telas com a raridade e o charme de uma turmalina. É um feito a ser comemorado, embora, infelizmente, o filme fique no meio do caminho entre o estado bruto e a lapidação precisa.



AMBIENTE FAMILIAR

- Quando: Em cartaz
- Elenco: Marcélia Cartaxo, Zezita Matos, Beto Quirinoz
- Produção: Brasil, 2019
- Direção: Torquato Joel
- Avaliação: Regular

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB

Desconectado da realidade, filme nacional tenta o Oscar

Foto: Divulgação



Fernanda Montenegro em "A vida é invisível"

Sob qualquer pretexto, nunca usaria da evasiva: "não vi e não gostei", para comentar coisas de cinema. De maneira alguma sinto-me cooptado a tamanha sandice, mesmo porque, em razão da própria obra fílmica, como se discernir sobre o bom ou mau tratamento narrativo de um filme sem que tenhamos de vê-lo antes? Pelo que se comenta? Por um efêmero trailer, ou coisa que o valha, facilmente veiculada através do YouTube?

Também, jamais usaria como pretexto a afirmação do próprio diretor do filme, o cearense Karim Aïnouz, quando diz: "Eu queria que se aproximasse das novelas da Janete Clair e nos filmes a que assistia na 'Sessão da tarde', que tivesse um apelo popular", para tentar esclarecer a proposta de sua realização. Lógico, estamos falando de "A Vida Invisível", filme indicado para representar o Brasil na escolha do Melhor Filme Estrangeiro do Oscar de 2020.

Como antecipei acima, não terá sido o filme de Aïnouz a motivação maior da análise que faço agora sobre a presença (possível) do cinema nacional naquele rumoroso evento hollywoodiano. Embora tenha de respeitá-lo, segundo notas da imprensa especializada, como sendo um filme

de méritos, até aplaudido numa das mostras de Cannes.

Independente da qualidade do filme, jamais acredito que um tema proposto sob contornos "novelísticos globais", como diz o diretor, tenha sucesso garantido na escolha de "melhor filme de língua estrangeira" ao Oscar, cuja cerimônia será no dia 9 de fevereiro, em Los Angeles. Evento que, conforme sabemos, sempre existiu em função de importantes fatos políticos então acontecidos no mundo.

Em verdade, sinto que o filme de Aïnouz vem desconectado da realidade,

sobretudo pelo tema que aborda, quando hoje só se discute o clima da terra, os incêndios das matas, os tempestuosos posicionamentos europeus sobre os atuais desmatamentos, as queimadas na Amazônia e contrariedade aos seus indígenas. E Hollywood vive desses alardes, de "business", mesmo que catastróficos.

Conforme entendo, nem mesmo precedentes como os aplausos em Cannes ou a presença marcante de uma das nossas mais brilhantes atrizes, Fernanda Montenegro, alimentam as nossas esperanças e devem influenciar na escolha do filme. No caso específico dela, bom lembrar um outro instante malogrado que foi a tentativa frustrada com "Central do Brasil", no final dos anos 90.

Sinceramente, espero estar enganado sobre uma possível escolha brasileira ao próximo Oscar. Com ao passar de tantos anos, somente desilusões amealhou o cinema nacional, na busca incessante de uma colocação no mercado estrangeiro de filmes. É possível que, agora, o governo brasileiro possa pedir uma "mãozinha" ao seu comandante e guru, Tio Sam Trump. Ai, quicá, quem sabe... - Mais "coisas de cinema", acesse: www.alexantost.com.br.



APC se congratula com Flávio Tavares

Em tempos bastante difíceis como os de hoje para as artes neste País, o mínimo de ação desavisada pode gerar suspeita de censura cultural. Foi o que aconteceu esta semana com a retirada de uma das obras especiais do artista plástico paraibano Flávio Tavares da Sala de Concertos "Redegundis Feitosa", do Departamento de Música da UFPB. O fato gerou até uma ação na Justiça por parte do autor.

Dois razões fazem com que a Academia Paraibana de Cinema (APC) se manifeste em apoio ao artista Flávio Tavares: primeiro, por ser membro da nossa Academia; segundo, pela referência que a obra faz a dois clássicos da Literatura e Cinema paraibanos - "A Bagaceira" de Zé Américo e "Aruanda", documentário de Linduarte Noronha, ambos também membros da APC.

Em cartaz

Predadores Assassinos (EUA): Quando um enorme furacão atinge sua cidade natal na Flórida, Haley ignora as ordens das autoridades para deixar a cidade e vai em busca de seu pai desaparecido. Ao encontrá-lo gravemente ferido, os dois ficam presos na inundação. Enquanto o tempo passa, Haley e seu pai descobrem que o aumento do nível da água é o menor dos seus problemas. Do diretor Alexandre Aja e os produtores Sam Raimi e Craig Flores, *Predadores Assassinos* é um thriller de terror que estreia em setembro. **MAG 4** (DUB): 16:00 (segunda a sexta) / 14:00 - 16:00 (sábado e domingo). **MANAÍRA 9** (MACRO XE DUB): 14:30 - 19:00; **MANAÍRA 9** (MACRO XE LEG): 16:45 - 21:20. **MANGABEIRA 1** (DUB): 15:30 - 17:45 - 20:00 - 22:10. **TAMBIÁ 3** (DUB): 15:30 - 17:20 - 19:10 - 21:00.

Abominável (EUA): Durante uma viagem ao Himalaia, um grupo de pessoas humildes encontra Everest, um Yeti, popularmente conhecido por sua altura extraordinária e por viver escondido entre os incríveis paisagens do sul da Ásia. Agora, os viajantes precisam ajudar Everest na sua jornada de volta para casa. A sinopse oficial ainda não foi divulgada. **MAG 1** (3D DUB): 18:45. **MAG 3** (3D DUB): 14:30 - 16:45. **MANAÍRA 6** (DUB): 15:30 (segunda a sexta); **MANAÍRA 6** (DUB): 13:00 - 15:30 (sábado e domingo); **MANAÍRA 6** (3D DUB): 17:40 - 20:00; **MANAÍRA 8** (DUB): 14:10 - 16:20. **MANGABEIRA 5** (DUB): 14:00 - 16:30; **MANGABEIRA 5** (3D DUB): 19:00 - 21:15. **TAMBIÁ 6** (DUB): 14:30 - 18:30; **TAMBIÁ 6** (3D DUB): 16:30 - 20:30.

AD Astra - Rumo às Estrelas (EUA): Após 20 anos da partida do seu pai para uma missão sem volta em Netuno, com objetivo de encontrar sinais de extraterrestres, McBride viaja pelo sistema solar para encontrá-lo e tentar descobrir por que sua missão falhou. **MAG 3** (DUB): 19:00; **MAG 3** (LEG): 21:30. **MANAÍRA 10** (VIP LEG): 17:00 - 22:20; **MANAÍRA 3** (DUB): 13:20 (sábado e domingo); **MANAÍRA 5** (LEG): 16:00 - 18:40 - 21:30. **MANGABEIRA 2** (LEG): 17:00 - 22:00. **TAMBIÁ 5**: 16:00 - 18:30 - 20:50.

Hebe - A Estrela do Brasil (BRA): São Paulo, anos 80. Na transição da ditadura militar para a democracia, Hebe aceita correr o risco de perder tudo que conquistou na vida e dá um basta: quer o direito de ser ela mesma na frente das câmeras dona de sua voz e única autora de sua própria história. Entre o brilho da vida pública e a escuridão da dor privada, Hebe enfrenta o preconceito, o machismo, o marido infiel, os chefes poderosos e a ditadura militar para se tornar a mais autêntica e mais querida celebridade da história da nossa TV. **MAG 2**: 14:20 - 19:15. **MANAÍRA 3**: 15:15 - 17:50 - 20:40. **TAMBIÁ 1**: 15:50 - 18:20 - 20:40.

Ambiente Familiar (BRA): Alex, Fagner e Diógenes são três amigos que formam um laço familiar independente de ligação sanguínea. Se mudando juntos para uma casa, o trio de rapazes dão apoio emocional uns aos outros na tentativa de, através de sua união, superar traumas vividos no passado e seguir em frente na vida adulta. **TAMBIÁ 1**: 14:00. **O Menino que Fazia Rir** (GER): Um dos humoristas de maior relevância na Alemanha, Hans-Peter Kerkeling consagrou-se no mundo artístico também como ator, apresentador e roteirista. O que muitos de seus fãs sequer imaginam é que a sua infância foi uma verdadeira história de tragédia — que ele transformou em humor. **MANAÍRA 1** (LEG): 19:30.

PRÉ-ESTREIA 2/10

Coringa (EUA): Arthur Fleck (Joaquim Phoenix) trabalha como palhaço para uma agência de talentos e, toda semana, precisa comparecer a uma agente social, devido aos seus conhecidos problemas mentais. Após ser demitido, Fleck reage mal à gozação de três homens em pleno metrô e os mata. Os assassinatos iniciam um movimento popular contra o elite de Gotham City, da qual Thomas Wayne (Brett Cullen) é seu maior representante. **MAG 1** (DUB): 20:00; **MAG 3** (LEG): 21:00. **MANAÍRA 10** (VIP LEG): 20:30 - 23:10; **MANAÍRA 5** (DUB): 21:00 - 23:40; **MANAÍRA 6** (LEG): 22:00; **MANAÍRA 7** (DUB): 21:30; **MANAÍRA 9** (MACRO XE LEG): 20:00 - 22:40. **MANGABEIRA 1** (DUB): 20:00 - 22:40; **MANGABEIRA 4** (DUB): 20:30; **MANGABEIRA 5** (DUB): 21:00. **TAMBIÁ 6** (DUB): 20:40.

Rambo: Até o Fim (EUA): O tempo passou para Rambo, que agora vive recluso em um rancho na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Sua vida marcada por lutas violentas ficou para trás, mas deixou marcas irreparáveis. No entanto, quando uma jovem amiga da família é sequestrada, Rambo precisará confrontar seu passado e reviver suas habilidades de combate para enfrentar um dos mais perigosos cartéis mexicanos. **MAG 1** (DUB): 16:30. **MANAÍRA 4** (DUB): 13:30 (sábado e domingo); **MANAÍRA 4** (LEG): 15:45 - 18:00 - 20:20. **MANGABEIRA 4** (DUB): 16:00 - 18:15 - 20:30. **TAMBIÁ 4** (DUB): 14:45 - 16:45 - 18:45 - 20:45.

Midsommar - O Mal Não Espera a Noite (EUA): Dani e Christian formam um jovem casal americano com um relacionamento prestes a desmoronar. Mas depois que uma tragédia familiar os mantém juntos, Dani, que está de luto, convide-se para se juntar a Christian e seus amigos em uma viagem para um festival de verão único em uma remota vila sueca. O que começa como férias despreocupadas de verão em uma terra de luz eterna, toma um rumo sinistro quando os moradores do vilarejo convidam o grupo a participar de festividades que tornam o paraíso pastoral cada vez mais preocupante e visceralmente perturbador. Da mente visionária de Ari Aster surge um conto de fadas cinematográfico encharcado de pavor onde um mundo de escuridão se desdobra em plena luz do dia. **MANAÍRA 8** (LEG): 21:10.

It - Capítulo 2 (EUA): Uma promessa feita há vinte e sete anos chama 7 adultos para se reunirem em Derry, Maine, onde, enquanto adolescentes, lutaram contra uma criatura maligna que atacava os crianças da cidade. Não tendo a certeza de que seu Clube de Perdedores havia vencido a criatura todos aqueles anos atrás, os sete haviam jurado retornar a Derry se o Pennywise reaparecesse. **MANAÍRA 11** (VIP LEG): 15:00 - 22:00; **MANAÍRA 7** (DUB): 14:00 - 17:30 - 21:00; **MANGABEIRA 3** (DUB): 14:30 - 18:00 - 21:30. **TAMBIÁ 2** (DUB): 20:10.

Bacurau (BRA): Num futuro recente, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, some misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinatos inexplicáveis começam a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável? **MAG 4**: 18:00; **MAG 4** (LEG): 20:45. **MANAÍRA 2**: 16:10 - 19:15; **MANAÍRA 2**: 13:10 - 16:10 - 19:15.

Vai Que Cola 2 - O Começo (BRA): Antes de Dona Jô ter uma pensão. Antes de Jessica conhecer Maitê. Assim que Ferdinando desembarcou ao Rio

e quando Terezinha ainda vivia com Tiziu... Era uma vez "Vai Que Cola 2 - O Começo". O novo longa da franquia que nasceu como série no Multishow e ganhou as telas dos cinemas reúne toda a turma do Meier para contar como tudo começou. Uma feijoadinha no Morro do Cerol põe juntos pela primeira vez os personagens que conquistaram o público na TV e no cinema. **MANAÍRA 1**: 17:20 - 21:45. **MANGABEIRA 2**: 15:00 - 19:45. **TAMBIÁ 2**: 14:40 - 16:30 - 18:20.

Yesterday (UK): Após sofrer um acidente, um cantor-compositor acorda numa estranha realidade, onde ele é a única pessoa que lembra dos Beatles. Com as músicas de seus ídolos, o protagonista se torna um sucesso gigante, mas a fama tem seu preço. **MANAÍRA 11** (VIP LEG): 18:50.

Jornada da Vida (FRA, SEN): Um ator francês de descendência senegalesa faz uma viagem à África para promover o seu livro. No local, descobre que um de seus maiores fãs é Yao, um garotinho que eletuou uma longa viagem sozinho para vê-lo. Convidado com a história do menino, decide acompanhá-lo de volta à sua casa, e no percurso, confronta-se às suas próprias raízes. **MANAÍRA 8** (LEG): 18:30 (segunda a sexta) / 14:10 (sábado e domingo).

Depois do Casamento (EUA): A gerente de um orfanato em Calcutá, na Índia, luta para manter o estabelecimento funcionando. Desesperada por dinheiro, ela acredita ter encontrado a benfeitora perfeita (Julianne Moore), dona de empresa multimilionária. Porém, para receber o dinheiro, ela precisa viajar até Nova York e conhecer a mulher por trás da riqueza, em meio a uma pomposa celebração matrimonial. Chegando ao local, a gerente não consegue disfarçar os segredos que a unem ao marido da empresária. **MANAÍRA 10** (VIP LEG): 14:20 - 19:45.

Divaldo - O Mensageiro da Paz (BRA): O filme "Divaldo - O Mensageiro da Paz" conta a história do líder humanitário brasileiro Divaldo Franco, desde sua infância no interior da Bahia até sua consagração como filantropo, fundador da Mansão do Caminho e orador em prol da divulgação da doutrina espírita no Brasil e no mundo. **MANAÍRA 1**: 14:45.

O Rei Leão (EUA): O Rei Leão, da Disney, dirigido por Jon Favreau, retrata uma jornada pela savana africana, onde nasce o futuro rei da Pedra do Reino, que precisa vencer a traição e a adversidade para assumir o lugar que é seu por direito. **MAG 1** (DUB): 14:00.

Cine Bangüê
29/9 (Domingo)
16h: Amores de chumbo
18h: Rafiki

30/9 (Segunda-feira)
19h: Santiago, Itália

1/10 (Terça-feira)
19h: Os jovens Baumann

02/10 (Quarta-feira)
19h: Amores de chumbo

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Cleanto e as palavras

A palavra, oral ou escrita, pode ser tratada literariamente de diversas maneiras. O épico, o lírico e o dramático, com suas injunções genéricas, mesclam-se nos procedimentos estéticos que visam realçar sua beleza e sua densidade.

A oratória, forma especial de organizá-la em sua harmonia fonética, sintática e semântica, também me parece um meio de elevá-la ao patamar do estatuto poético, pois, mesmo incidindo fortemente no apelo persuasivo, inclui, na sua tática retórica, o chamamento para a realidade de si mesma, enquanto artefato material e artístico.

Penso assim ao me debruçar sobre as páginas de "Na tribuna: discursos escolhidos" (2019), de Cleanto Gomes Pereira, espécie de recolha de alguns pronunciamentos que o autor fez ao longo do tempo (1976-2018), seja como estudante de direito, seja como advogado militante, seja como gestor no âmbito do funcionalismo público estadual.

Aqui, assino em baixo as palavras de Francisco Gil Messias, quando afirma que "Cleanto Gomes é mais que um orador: é um tribuno", explicitando a distinção no fato de que o tribuno possui o dom, isto é, já traz, em si, as virtualidades inatas da eloquência, enquanto o orador, não, embora o aprendizado possa conferir-lhe certas propriedades do bem falar e do bem arguir.

Pois bem: tenho aqui essa pequena amostra de um talento e também de uma vocação, irmanados na tarefa arriscada de lidar com as palavras em circunstâncias múltiplas, sempre atento à justeza de seu lugar na frase, ao peso de sua verdade significativa, ao ritmo intrínseco de sua elocução e à musicalidade de sua prosódia, entonação e timbre.

A par destes elementos estilísticos, responsáveis por um cuidado especial com a correção e a elegância do idioma pátrio, vejo, em cada peça, a preocupação em tocar o essencial dos objetos escolhidos para a construção do discurso.

Personalidades, instituições, livros, efemérides, não importa: tudo se inscreve sob o crivo da oração medida, empática, entusiasmada, a capturar nuances e características que encaminham o leitor e o ouvinte para uma experiência mais direta, mais vívida, mais singular com os assuntos e temas tangidos pela pena cadenciada de Cleanto Gomes Pereira.

Alguns títulos me chamam a atenção, já por sua componente fraseológica e literária percutindo o sabor de certas evocações, a saber: "Encanta-nos com o proverbial brilho dos teus saberes"; "Nós já acreditamos na ressurreição!"; "Parece que foi ontem"; "Estrelas guias nos espiando pelas janelas da eternidade!"; "Yanco não morreu, encantou-se"; "Combati o bom combate, encerrei a carreira", e "Somente o livro é capaz de fazer a eternidade de um povo".

Em geral, a oratória do autor de "Minhas admirações" procura evitar os discursos longos, rico em digressões, citações e referências alusivas, o que, não raro, fazem-nos enfadonhos e monótonos. Buscando a síntese, trilhando suas rotas com objetividade, fugindo à falsa sedução dos floreios verbais e dos excessos retóricos, o tribuno alcança a medula da verdade que deve vir à tona, sempre recamada pela empatia e pelo calor humanos com que sabe apreciar as pessoas, os fatos e as coisas vividas.

Sou dos que entende a oratória como uma arte. Vejo também a palavra, oral ou escrita, como a mais requintada "tecnologia". Defendo o uso do vernáculo escorreito e culto, mesmo que em tempos tão pragmáticos, técnicos e absurdos como esses em que vivemos, esse segmento das belas letras não mereça o prestígio que lhe é devido. Mas há os que resistem e insistem...

Cleanto Gomes Pereira é um deles!

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] • Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Alceu 'Amigo da Arte': turnê chega à capital paraibana

Cantor e compositor pernambucano faz show hoje à noite no Teatro Pedra do Reino, a partir das 21h

Foto: Dewis Caldas

Felipe Gesteira
reporter@felipegesteira.com

Incansável. Nem bem terminou a turnê com "Amigo da Arte", que passa hoje por João Pessoa com apresentação no Teatro Pedra do Reino, o músico Alceu Valença já finalizou o planejamento para seu próximo show, ainda sem data de estreia, mas com previsão para 2020, conforme antecipou ao Jornal A União na última terça-feira, em entrevista por telefone. "Terminei agora no avião, fiz tudinho".

Alceu também é inesgotável. Não para de pensar e produzir. "Eu tenho várias coisas pra fazer, é uma doideira!", confessa. Para o show de hoje, o cantor e compositor pernambucano reúne canções que fazem um diálogo entre sua obra e suas principais referências na literatura, na poesia, na filosofia, nas artes em geral (mais informações no box).

"Quem eu cito nas canções: Ariano Suassuna, Drummond de Andrade, Mário Quintana, Fernando Pessoa", conta Alceu, que ressaltou também suas influências na família e ao longo de sua educação.

"A literatura, o cinema, me influenciaram. A filosofia, o questionar filosófico. Até hoje me lembro da minha professora Bernadete Pedrosa que abria a minha cabeça, me lembro de Tio Lívio Valença, que me mostrava versos de Fernando Pessoa. Fui cercado de literatura, Tio Geraldo Valença, poeta, teve livros publicados. Li muito quando era garotão, tinha todos os livros dos poetas que eu gostava", e aproveita para fazer propaganda de seu livro de poemas, "O Poeta da Madrugada" (Chiado Brasil, 2015).

O artista promete uma verdadeira viagem sensorial e temporal para quem for conferir hoje "Amigo da Arte" no teatro Pedra do Reino. "Esse [show de hoje] é mais teatral, tem uma luz já feita pro show. Eu dirigi o show. Vamos cantar bem próximos das gravações originais.

Quem tem os discos vai viajar, vai ouvir "Amor Covarde" da forma que foi gravada, "Cavalo de Pau", "Coração Bobo", assegura.

A respeito da onda conservadora crescente no Brasil, Alceu relembra a censura durante o regime militar, e torce para que nada parecido volte a acontecer. "É um risco que se corre, vamos esperar. Fui muito censurado. Eu tou aqui do lado de Geraldo Azevedo, e uma das primeiras músicas que a gente compôs foi censurada. Mas espero que não [volte], para que a arte seja livre. Cada um tem que ter a sua opinião", defende.

Na entrevista, Alceu também falou sobre a nova forma de se consumir música, por meio dos aplicativos de áudio por streaming, como Spotify e Deezer. "Pra mim é ótimo. As pessoas tomam conhecimento. Agora, tem uma coisa interessante. Essas plataformas, você pode fidelizar alguém, mas as pessoas ouvem muito pinicado. O menu é grande, imenso. É impossível ouvir tudo. Antigamente você tinha que comprar um disco, agora você ouve tudo. Todos os meus discos estão em uma plataforma. Assim, para fidelizar é mais complexo. Por outro lado é muito interessante", avalia.

Sobre seu projeto inédito, Alceu Valença antecipou que terá uma pegada ainda mais intimista que "Amigo da Arte". "Hoje eu vinha no avião e terminei o outro show que vou fazer. Não sei qual é o nome, mas terminei o show onde vou cantar só com violão e contar as histórias das músicas", finalizou.

/// Hoje eu vinha no avião e terminei o outro show que vou fazer. Não sei qual é o nome, mas terminei o show onde vou cantar só com violão e contar as histórias das músicas ///



Durante entrevista, o cantor e compositor falou sobre a "onda conservadora" crescente no Brasil e disse que torce para a censura do regime militar não voltar a acontecer

+ Referências da literatura, poesia, filosofia e outras expressões artísticas

Em *Agalopado* (do álbum *Espelho Cristalino*, 1977), o artista reúne três referências literárias na mesma obra. Em sintonia com os mineiros Guimaraes Rosa ("viro rosa, vereda de espinhos") e Drummond ("viro pedra no meio do caminho") e o espanhol Cervantes ("Dom Quixote liberto de Cervantes"), a arte é amiga da dor, do amor, do desengano. Que Grilo Dá (de *Mágico*, 1984) aproxima o Nordeste do João Grilo de Ariano Suassuna ao Macunaíma, o herói sem caráter, do paulista Mario de Andrade, amigos do "riso e desastre do meu Brasil popular".

A canção e a prosa se encontram como conde e passarinho na crônica de Rubem Braga e na letra de Na Primeira Manhã (*Coração Bobo*, 1980). *Solidão* (*Mágico*, 1984) aponta para a

Macondo de Gabriel García Márquez. Como a poesia brasileira é amiga da lusofonia, *Loa de Lisboa* (*Estação da Luz*, 1985), exalta a verve de Fernando Pessoa, seguida da rítmica de "Tabacaria", um dos maiores momentos do poeta português. *Senhora Dona* (Rubi, 1986) saúda o poeta Mario Quintana.

Belle de Jour (*Sete Desejos*, 1992) ambienta a atriz Catherine Deneuve, sob as lentes do cineasta espanhol Luis Buñuel, no céu azul e nas temperaturas sensuais da praia de Boa Viagem. Do cinema para a pintura, *Girassol* (*Sol e Chuva*, 1997), inspirada em Van Gogh, reaproxima a Holanda de Olinda. *Tropicana* (*Cavalo-de-Pau*, 1982), deriva das mangas, cajus e outras frutas tropicais que brotam dos traços do artista plástico pernambucano Sérgio de Lemos.

Seixo Miúdo (Rubi, 1986) traz a citação "O homem é o lobo do homem" do filósofo renascentista inglês Thomas Hobbes na obra "Leviatã". A filosofia, uma das maiores paixões do cantor, entrou em sua vida através das aulas de Bernadete Pedrosa na Faculdade de Direito do Recife. Graças à professora, as obras clássicas gregas entraram no radar do jovem Alceu. E o *Cavalo de Pau* não vem a ser outro senão o cavalo de Troia agalopado nos mistérios do sertão.

Como o tempo é amigo do pensamento, a *Embolada do Tempo* (*Na Embolada do Tempo*, 2005) foi concebida para ecoar a máxima do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre em que "o tempo é tríplice", onde se vivencia passado, presente e futuro no mesmo

tempo e espaço de uma canção.

Papagaio do Futuro une passado e presente em tempo de coco de embolar. Montados no futuro indicativo, Alceu Valença, Geraldo Azevedo e Jackson do Pandeiro cantaram a crise do Petróleo, no palco do Festival Internacional da Canção de 1972, em versos cheios de ritmo e veneno destilados pela verve de Alceu: "eu fumo e tusso / fumaça de gasolina".

Como a canção é amiga da tarde, *Anunciação*, *Belle de Jour*, *Estação da Luz*, *Amor Covarde*, *No Tempo Em Que Me Querias* – além da novíssima *Eu Vou Fazer Você Voar* – reinventam seu próprio tempo.

Informações da Assessoria de Imprensa



Fotografado por Alberto César Araújo - Folhapress

Conflitos da ALPB com Burity na preparação da Constituição

Livro de memórias a ser lançado por Ramalho Leite traz à tona bastidores da Constituinte de 1989

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

As tentativas do então governador Tarcísio Burity de cassar o mandato do deputado Pedro Adelson e o dia que o então presidente da OAB-PB, Vital do Rego, invadiu o plenário da Assembleia para defender que a Constituinte de 1989 criasse um Conselho que fiscalizasse os trabalhos do Poder Judiciário da Paraíba.

Estas são apenas duas das tantas memórias que o ex-deputado, escritor e jornalista Ramalho Leite incluiu no seu "Era o que Tinha a Dizer", livro que ele está para lançar em João Pessoa e que, do qual, extraímos alguns trechos para inserir nessa série de matérias que o Jornal A União vem publicando aos domingos

em comemoração aos 30 anos da Constituição da Paraíba.

Esses momentos e muitos outros que marcaram a elaboração da nova Carta Constitucional coincidem justamente com o período em que Ramalho era líder do governo na Assembleia. Foram momentos, lembra ele, de muitos conflitos, a começar pelo fato de, ao lado do Tribunal de Justiça, o Palácio da Redenção travar embates quase diários com a Constituinte que elaborava a nova Constituição, promulgada em 5 de outubro de 1989.

As memórias que Ramalho vai publicar em livro tem muitos capítulos, mas, aqui, só pra aguçar a curiosidade, estamos transformando alguns dos seus melhores momentos em cinco capítulos de uma página de jornal.



Foto: Marcos Russo

Escritor, jornalista e ex-deputado Ramalho Leite era o líder do Governo do Estado na Assembleia Legislativa à época

Aumento e as ameaças de cassar Pedro

"Outro conflito que rendeu muita polêmica foi quando a Assembleia aprovou um aumento para os deputados e Burity se negou a pagar. A reação dos deputados opositoristas não demoraria. Impedidos de aplicar o aumento na forma preconizada, e voltaram-se contra o governo com denúncias de irregularidades.

Os deputados foram mais além e acusaram o governador de nepotismo, contemplando cerca de 57 parentes seus. "Humberto Lucena é Cristo perto dos ladrões", compara o deputado João Fernandes. "O único Navarro abandonado na Paraíba é o busto de Antenor Navarro", ironizava o deputado Pedro Adelson referindo-se ao sobrenome da esposa do governador. "Se Pedro Adelson continuar a atacar minha família vou colocá-lo na cadeia, só não fiz isso até hoje por que ele não é homem de abrir mão da sua imunidade parlamentar", contra-ataca Burity, insinuando o envolvimento de Pedro Adelson em fatos ditos criminosos.

Pedro foi secretário das Finanças, da Segurança e da Administração Penitenciária. Recentemente, aludindo a esse affaire proclamou: "Fui secretário de Finanças, não roubei nem deixei roubar; fui secretário de Segurança, não matei, nem mandei matar; fui secretário do Interior e Justiça, não torturei, nem deixei torturar".

O resultado dessa querela, porém, foi benéfico para os cofres públicos. Notícias do Jornal do Brasil, segundo notícia feita por sua correspondente Lena Guimaraes: João Pessoa - Os 36 deputados paraibanos revogaram parte do aumento de 68% que aplicaram aos seus vencimentos com efeito retroativo a partir de março."

Relator suplente

"Na terceira sessão legislativa da décima sétima legislatura, a Assembleia da Paraíba foi transformada em Assembleia Estadual Constituinte, com a missão de elaborar a nova Constituição do Estado. A Carta Federal já fora promulgada, restava adaptá-la aos entes federativos.

Para relator geral, o escolhido foi o deputado Egídio Silva Madruga, tendo como relatores adjuntos, eu e o deputado Pedro Adelson Guedes dos Santos. O curioso é que o deputado Egídio Madruga fora eleito segundo suplente da sua legenda, mantendo-se no exercício por todo o mandato por conta de licenças sucessivas de colegas ou nomeação de titular para o cargo de secretário de Estado.

Fiquei com a incumbência de relatar os títulos da Ordem Econômica e da Ordem Social, competindo ao deputado Pedro Adelson os referentes à Organização do Estado e Municípios e à Organização dos Poderes. Por um prazo bem amplo, a elaboração da nova Carta Estadual ficou aberta à apresentação de emendas.

Foram deputados constituintes de 1989 e assinaram a Constituição, os parlamentares João Fernandes da Silva (presidente), Péricles Vilhena, Carlos Candeia, Antonio Augusto Arroxelas, Efraim Moraes, Aécio Pereira, José Luiz Maroja, Leonel Medeiros, Egídio Madruga (Relator), Ramalho Leite e Pedro Adelson, (Relatores Adjuntos) João Máximo, Oildo Soares, Ademar Teotônio, Afrânio Bezerra, Antonio Medeiros, Aloysio Pereira Lima, Waldir Bezerra, Manoel Gaudêncio, Enivaldo Ribeiro, Ernani Moura, Francisco Evangelista, Francisco Pereira, Fernando Milanez, Jáder Pimentel, José Aldemir, José Fernandes de Lima, José Lacerda Neto, José Otávio Maia, Soares Madruga, Múcio Sátyro, Nilo Feitosa, Pedro Medeiros, Judivan Cabral, Vani Leite Braga de Figueiredo e Antonio Ivo de Medeiros.

Os deputados Roberto Paulino, Geralda Medeiros e Carlos Pessoa Filho, eleitos no pleito de 1986, renunciaram para assumir as prefeituras de Guarabira, Patos e Aroeiras, respectivamente. O deputado Carlos Dunga, derrotado para a prefeitura de Boqueirão, foi nomeado para a Secretaria de Estado da Agricultura. As cadeiras dos renunciantes foram ocupadas pelos suplentes Oildo Soares e Ernani Moura, no PMDB; Manoel Gaudêncio e Egídio Madruga no PFL.

Esta deve ter sido a Carta paraibana elaborada dentro da mais completa liberdade, ouvindo os seguimentos da sociedade, sofrendo as pressões naturais de grupos interessados em decisões que lhes fossem favoráveis, mas decidindo, democraticamente. Em experiências anteriores, quase sempre prevaleceu a vontade do Executivo. Desta feita, mesmo que quisesse, não poderia. Em minoria no plenário, o governador Tarcísio Burity travou com a Assembleia Constituinte um debate duradouro, mas infrutífero em termos dos resultados desejados por ele."

Parlamentarismo Tupiniquim

"Na qualidade de líder do governo, dispo de uma bancada de número inferior, muitas vezes falei ao vento. O governador compreendeu e denunciou, a certa altura, que estavam fazendo uma Constituição contra ele. Na tribuna, eu proclamava o óbvio: "Burity não é eterno!"

A minha previsão de que alguns artigos introduzidos na nossa Lei Maior seriam considerados inconstitucionais pelo Supremo Tribunal Federal foi concretizada. O relator Egídio Madruga, com o apoio da maioria, criou na Paraíba o que chamei de "Parlamentarismo Tupiniquim". Por esse caminho, bastaria uma denúncia formulada por um terço dos deputados e acatada pela maioria absoluta do plenário, para um secretário de Estado ser afastado do cargo.

Uma cópia do Voto de Desconfiança do regime parlamentarista. Por outro lado, o processo contra o governador, em virtude de denúncia por crime de responsabilidade, seria au-

torizado pelo voto da maioria absoluta dos deputados e não por dois terços, como previsto na Carta Federal".

Vital do Rego

"Outra polêmica foi o aumento do número de desembargadores do nosso Tribunal de Justiça e a criação de um Conselho para fiscalizar a ação do Judiciário, aprovados pelo Voto de Minerva do presidente João Fernandes. A pressão da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional da Paraíba, foi explícita naquela direção.

Seu presidente, Antônio Vital do Rego, invadiu o plenário da Constituinte com uma centena de bacharéis que tinham acabado de prestar o juramento à Ordem. Cabalava votos a favor da criação do Conselho. Levantei uma Questão de Ordem para conter o presidente da OAB. Ele era um ex-deputado e pelo Regimento Interno da AL, um ex-deputado presente a uma sessão do Legislativo deveria ser convidado para

sentar ao lado do presidente na Mesa Diretora.

O presidente fez o convite, mas Vital agradeceu e disse sentir-se mais confortável entre seus antigos pares. O seu trabalho ao pé do ouvido dos deputados resultou no empate da votação. O Conselho Estadual de Justiça, composto por representantes da OAB, do Legislativo e dos procuradores da Justiça e do Estado, pretendia exercer "fiscalização da atividade administrativa e do desempenho dos deveres funcionais do Poder Judiciário e do Ministério Público".

Todas essas medidas, que diferiam do texto federal, citei, apenas, como exemplo de desconforto causado junto ao Executivo e ao Judiciário, foram contestadas através de Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) e consideradas inconstitucionais pelo Supremo Tribunal Federal (STF), um trabalho do então procurador geral do Estado, Romero Nóbrega, de saudosa memória."

Cadeira vazia na promulgação

"Na sessão de promulgação da Carta Estadual, o governador Tarcísio Burity e o presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Josias Pereira do Nascimento, negaram-se a comparecer à solenidade. O Judiciário ainda mandou um representante, mas cumprindo recomendação do Tribunal Pleno de que não juraria à nova Carta.

O governador foi mais explícito e se tornou o único do país a negar juramento à Constituição. Para ele, o deputado João Fernandes designou uma cadeira que deixaria vazia durante todo o período da sessão. A cada meia hora, o presidente convidava o governador do Estado a prestar seu juramento. Sua voz não atravessou a Praça dos Três Poderes.

Burity manteve-se irredutível e chegou a recorrer à Justiça para evitar qualquer medida repressiva da Assembleia contra seu mandato. O presidente João Fernandes chegou a ameaçar. Mas ficou só na ameaça. A eleição do deputado João Fernandes, e a con-

sequente maioria da oposição na Assembleia, inviabilizou a governabilidade de Burity. Mas ele não era homem de se render facilmente que preferia jogar com a estratégia de "melhor defesa é o ataque".

E assim passou a agir. Quando os deputados resolveram aumentar seus subsídios, o governador reagiu e aumentou o fosso criado entre o Palácio e Assembleia, cujas sedes, mesmo próximas, não se comunicavam. O aumento dos subsídios chegava a 68%. Burity foi à televisão, apesar da minha opinião e argumentação contrárias, e denunciou a exorbitância. O assunto ganhou o noticiário nacional.

O Jornal do Brasil, que mantinha como correspondente entre nós a jornalista Lena Guimarães, cederia largos espaços para tratar do affaire entre o Executivo e Legislativo paraibanos. O governador denunciou que os deputados esconderam o percentual real do aumento, daí porque, somente repassaria à Assembleia o suficiente para

pagar o que os deputados haviam tornado público.

Por outro lado, o sindicato dos professores, tendo à frente o professor Chico Lopes, aproveitaria a briga para reivindicar reajustes de seus salários. E calculou: professor com mais de uma regência ganha vencimento de NCz\$ 110,00 e um licenciado NCz\$ 220,00. O que ganhou cada deputado em junho NCz\$ 22.407,00 é 350 vezes o piso salarial dos servidores estaduais. A folha referente ao pagamento dos deputados (36) no mês passado soma NCz\$ 806.652,00, valor que seria suficiente para pagar 12.605 funcionários públicos."

O Judiciário ainda mandou um representante, mas cumprindo recomendação do Tribunal Pleno de que não juraria à nova Carta

Espigões e o gabarito adotado

"Outro tema que provocou muito debate e ocupou espaços generosos na imprensa foi a fixação do gabarito mínimo para as construções na orla marítima do Litoral Sul ao Norte, até Cabedelo. Os deputados venceram a pressão do empresariado de construção civil que desejava transformar a beira-mar em objeto de especulação imobiliária construindo-se espigões que deformariam a silhueta provincial da nossa praia.

O governador João Agripino havia inserido na Carta de 1967 um dispositivo que limitava a altura dos prédios a serem construídos nessa área. Bastava manter o que já fora aceito pela sociedade, há duas décadas. A Nova Carta conservou a norma antiga e evitou a construção de um paredão de concreto barrando a ventilação que vem do mar. Anos depois, foi aberta uma exceção para a construção de um moinho em Cabedelo, cuja altura fugia à regra."

O conselho curador vai controlar a mineração em terras indígenas e terá poder de definir detalhes sobre os pagamentos dos empresários e outras atribuições



Terras indígenas: mineração será controlada por conselho

Especialistas afirmam que a proposta que é discutida pelo Governo Federal prevê a tutela da comunidade indígena

Rubens Valente
Da Folhapress

A proposta do projeto de lei que é discutida no Governo Federal para a abertura de mineração e outras atividades de exploração de recursos naturais em terras indígenas prevê um conselho curador com poder de definir detalhes sobre os pagamentos dos empresários e outras atribuições.

Para especialistas consultados pela reportagem, é uma volta da tutela do Estado sobre os indígenas que já foi revogada, com exceções, pela Constituição de 1988.

O conselho, segundo a minuta a que a reportagem teve acesso, seria forma-

do por apenas nove índios, das 225 etnias indígenas no país, a serem indicados por um outro conselho, o CNPI, que tem sido presidido pelo próprio presidente da Funai - hoje um delegado da Polícia Federal ligado à bancada ruralista.

O conselho teria a função, entre outras, de "definir critérios para operacionalizar a distribuição dos recursos" e decidir "sobre a identificação das comunidades indígenas beneficiárias dos recursos".

Embora prevista na Constituição, a atividade de mineração em terra indígena hoje é ilegal, pois necessita de uma lei que nunca foi aprovada pelo Congresso.

Pesquisa Datafolha de junho indicou que 86% dos brasileiros são contrários à exploração de minérios em terras indígenas. A proposta, segundo o governo, deve ser enviada ao Congresso ainda neste ano.

A minuta do projeto, com 33 artigos e um anexo, debatida em um grupo de trabalho da Casa Civil que envolve vários órgãos do governo, abre ainda a possibilidade de não só mineração mas também a construção de hidrelétricas e exploração de petróleo e gás ocorrerem em terras onde vivem indígenas isolados.

Como não mantém contato com não indígenas, não falam sequer português, eles

não podem ser consultados sobre os empreendimentos. A Funai tentou inserir a expressão "à exceção das comunidades isoladas", mas o MME (Ministério de Minas e Energia) não concordou com a exclusão.

A reportagem submeteu os tópicos discutidos no governo a quatro especialistas, que foram unânimes em apontar riscos e inconstitucionalidades. A antropóloga e indigenista Leila Burger, ex-coordenadora do setor de índios isolados e de recente contato da Funai, disse que seria impossível fazer a consulta dos indígenas isolados e, por isso, só haveria uma medida a ser tomada: o bloqueio das

áreas para qualquer empreendimento empresarial.

"É muito preocupante. Parece que o governo está insinuando que pretende fazer contato com os indígenas para depois delimitar o espaço e a atividade econômica", disse Leila.

"Não há como colocar um marco para os indígenas isolados: 'olha, daqui vocês não podem passar'. As limitações seriam totalmente arbitrárias. Havendo registro confirmado de índios isolados, a área deveria ser bloqueada. Há que se preservar a autonomia de se manterem em isolamento voluntário e protegê-los, impedindo, assim, qualquer categoria de empreendimento de exploração econômica", disse Leila.

Desde 1987 a política indigenista do governo tem por cláusula pétrea, devido a vários massacres e às altas taxas de mortalidade registradas no passado recente, impedir o contato com isolados, a fim de evitar a disseminação de doenças e a destruição do modo de vida dos indígenas que optam pelo isolamento.

Hoje no país há 26 registros confirmados de índios isolados e outras dezenas de informações ainda a serem confirmadas pela Funai. Alguns desses registros incidem sobre terras de interesse do governo Bolsonaro para exploração mineral e de petróleo, como a Yanomami, em Roraima, e o Vale do Javari, no Amazonas.

Projeto não prevê a concordância dos índios sobre as atividades

Em outro ponto contestado pelos especialistas, a minuta prevê que a autorização para as atividades previstas na lei poderá ser encaminhada pelo presidente da República ao Congresso Nacional mesmo sem a concordância dos indígenas. O procurador da República, Júlio Araújo, do grupo de trabalho do Ministério Público Federal sobre indígenas e ditadura militar, disse que, assim, os indígenas não terão poder de veto sobre os empreendimentos.

"A consulta aos indígenas, embora prevista no texto, não

serve para muitas finalidades, tem uma natureza de explicação e divulgação dos objetivos. Mas, conjugada com a aparente pretensão de regulamentar a convenção, deve indicar uma mera homologação das decisões tomadas. A previsão de que o projeto pode ser enviado ao Congresso mesmo sem a concordância dos índios mostra que não há preocupação com um processo dialógico e transparente com os indígenas", disse Araújo.

Ex-presidente da Funai nos anos 90 e sócio-fundador do

ISA (Instituto Socioambiental), Márcio Santilli concorda que a minuta "vai na rota de não querer aceitar o caráter vinculante da opinião dos índios". "Acima de tudo, isso é ineficaz. Quem for entrar na mineração na terra indígena vai ficar anos ali. Não dá para ter um conflito estendido por anos".

Para Santilli, a formação e funcionamento do chamado conselho curador "expressam sim uma ideia de tutela, além de levantarem dúvida sobre apropriação indevida dos recursos dos indígenas".

A advogada especializada em direitos indígenas, Juliana de Paula Batista, do ISA, disse que o projeto "tenta submeter as demarcações de terras a interesses políticos e econômicos, ferindo os direitos fundamentais dos índios às suas terras", como em um artigo que diz que os processos de demarcação de terras indígenas e de criação de áreas protegidas "deverão integrar as políticas intersectoriais para subsidiar a tomada de decisão do chefe do Poder Executivo".

Também não há previsão de qualquer garantia contra

acidentes ou danos ambientais. Além disso, para a advogada, a própria discussão sobre o projeto é questionável à luz da Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que prevê a participação de indígenas mesmo em decisões administrativas do Executivo desde que impactem seus interesses.

"É um projeto construído nos calabouços do MME, GSI [Gabinete de Segurança Institucional], Funai, MJ [Ministério da Justiça], Casa Civil, sem nenhuma interlocução com os índios ou com a sociedade".

Advogado do ISA afirma que a proposta é péssima e muita frágil

A advogada Juliana de Paula Batista, do Instituto Socioambiental (ISA), comparou o texto com outras três propostas que circularam no Congresso desde 1991. "O novo projeto é péssimo, muito frágil. É um libere geral, que cria um arremedo de consulta aos povos e um arremedo de autorização do Congresso (muitas possibilidades estariam fora da autorização). No

comparativo com outros projetos, fica muito claro que eles cortaram vários aspectos antes tratados, como o extrativismo mineral indígena."

Procurado, o MME informou que "o governo vem consolidando proposta de regulamentação de atividades em terra indígena, em ação coordenada pela Casa Civil e integrada pelos vários ministérios afetos ao tema, a ser

apresentada ainda em 2019".

"A normatização parte de três fundamentos: oitiva das comunidades indígenas envolvidas; participação nos resultados da lavra; e autorização do Congresso Nacional para o aproveitamento dos recursos minerais", informou o MME.

Em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo no final de julho, o secretário de Geologia e Mineração do MME,

Alexandre Vidigal, confirmou que os indígenas, segundo a ideia do governo, não terão poder de veto sobre projetos de mineração em suas terras. Sobre a não participação indígena nessa fase da discussão do projeto, ele disse que isso ocorrerá quando o tema chegar ao Congresso. "É uma lei geral que está sendo tratada [nesse momento]", disse o secretário. Afirmou ainda que

o governo quer "trazer para a formalidade" atividades que são "nocivas e clandestinas". "Nosso único propósito é o bem coletivo."

O GSI informou que "o suposto projeto não tem origem" no órgão e, "portanto, ficamos impossibilitados de atender sua demanda". O Ministério da Justiça sugeriu que as dúvidas fossem encaminhadas à Funai e não se manifestou.

Egípcios voltam às ruas para exigir queda do ditador Sisi

Protestos repetem cenas da Primavera Árabe, quando a força e a persistência do povo derrubaram Hosni Mubarak

Daniel Avelar
Folhapress

O povo retornou às ruas do Egito, repetindo as cenas registradas na revolução de 2011 em meio à Primavera Árabe. Na semana passada, centenas de manifestantes se reuniram na capital, Cairo,

e em outras cidades do país norte-africano para exigir a queda do ditador Abdel Fattah el-Sisi.

A polícia dispersou os protestos com violência. Desde então, mais de 500 pessoas foram presas sob a acusação de participar de manifestações ilegais, de

acordo com a ONG Centro Egípcio para Direitos Econômicos e Sociais.

O movimento é o principal desafio até agora para o regime de Sisi, que chegou ao poder por meio de um golpe de Estado em 2013. Novas manifestações estão sendo convocadas.

O movimento é o maior desafio enfrentado pelo ditador el-Sisi, que chegou ao poder após um golpe de Estado

O que foi a Primavera Árabe

Em 2010, o Oriente Médio e o norte da África foram sacudidos por uma série de revoltas populares que ainda trazem consequências para a região. Habitantes de países como Tunísia, Líbia e Egito foram às ruas para protestar contra governos repressivos e reivindicar melhores condições de vida. O movimento ganhou o nome de Primavera Árabe. Você se lembra dele? Vamos entendê-lo melhor?

Primavera Árabe foi uma série de revoltas populares que eclodiram em mais de 10 países no Oriente Médio e na região norte da África. A Tunísia foi o berço de revoluções que se espalharam pelas nações vizinhas em oposição às altas taxas de desemprego, precárias condições de vida, corrupção e governos autoritários.

O termo "Primavera Árabe" foi popularizado pela mídia ocidental no início de 2011, após a revolta bem-sucedida ocorrida na Tunísia contra o governo repressivo do ex-presidente Zine El Abidine Ben Ali. O estopim do movimento, até então limitado à Tunísia, ocorreu quando o comerciante local Mohammed Bouazizi ateou fogo no próprio corpo após ser ultrajado pela polícia. Responsável por uma família de oito pessoas, havia colocado à venda seu carrinho de mão. Membros do governo pediram propina para que vendesse seu instrumento de trabalho e Mohammed se negou. Foi colocado em um carro, agredido e todos os seus produtos foram roubados.

Após o suicídio do comerciante, a população da Tunísia se revoltou contra a corrupção e políticas repressivas do governo de Ali. O então presidente foi forçado a deixar o país em 14 de janeiro de 2011, o que inspirou revoltas similares em países próximos. Então nasceu o termo "Primavera Árabe", que se refere à renovação da região, historicamente dominada por regimes não-democráticos e por vezes ditatoriais.

As pautas

Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmen, Bahrein, Marrocos e Jordânia foram os principais envolvidos na Primavera Árabe. O período trouxe transformações históricas que mudaram os

rumos da política mundial. As nações lutaram por objetivos em comum, como o fim das ditaduras ou melhores condições de vida, mas seguiram caminhos individuais durante as revoluções.

Embora cada país tenha embarcado na luta por motivos específicos, a população do mundo árabe partilha frustrações comuns que estão nas raízes dos protestos. A principal é a falta de democracia e liberdade.

Em muitos países, o poder dominante é corrupto e negligencia as principais necessidades da população. Entre 2010 e 2011, a crise econômica global agravou a situação, aumentou o preço dos alimentos e as taxas de desemprego. Insatisfeita, a população começou a protestar em massa.

No Egito

A Primavera Árabe começou na Tunísia, mas o momento decisivo ocorreu no Egito em 11 de fevereiro, quando o presidente Hosni Mubarak foi forçado a renunciar após 20 anos de governo autoritário. Seus poderes foram transferidos pela Suprema Corte das Forças Armadas até as eleições parlamentares em junho de 2012. O islamita Mohammed Morsi, do Partido da Liberdade e da Justiça, ganhou as eleições e revogou um decreto que limitava seus poderes. A oposição pública logo começou a se construir, mas foi silenciada pelo governo, que começou a esboçar uma Constituição islamista.

Apesar das tentativas de estabelecer um governo repressivo, milhões de manifestantes foram às ruas e Morsi foi detido por militares em junho de 2013. Ele foi substituído por um governo interino que se opunha aos muçulmanos.

Hoje, o país é comandado pelo ex-comandante do Exército Abdul Fatah Khalik Al-Sisi, considerado responsável por arquitetar um golpe que tirou Morsi do poder. O Egito está dividido entre apoiadores do governo e oposição e a instabilidade continua, reforçada pela repressão política e falência da economia.

(Conteúdo retirado do portal Politize!, por Camila Luz. Confira a íntegra em <https://www.politize.com.br/primavera-arabe>)

Foto: Reprodução



Sisi, ditador egípcio, chegou ao poder graças a um golpe de Estado



Foto: Joel Silva/Folhapress

O povo egípcio tomou praças e ruas em 2011 e, depois, em 2013, derrubando Mubarak no movimento que ficou conhecido como Primavera Árabe

ENTENDA OS PROTESTOS NO EGITO:

■ Protestos são os primeiros desde golpe militar de 2013

Vídeos que circulam nas redes sociais mostram manifestantes gritando "fora, Sisi" e "o povo quer a queda do regime". No Cairo, os protestos alcançaram as proximidades da praça Tahrir, palco das manifestações que, em 2011, puseram fim a três décadas do regime de Hosni Mubarak. Manifestações de dissenso como as que ocorreram na semana passada são raras no Egito de Sisi. Ele, 64, praticamente proibiu a realização de protestos no país desde que liderou um golpe de Estado em 3 de julho de 2013 - a última ocasião em que opositores ocuparam as ruas, em agosto daquele ano, terminou com mais de 800 civis mortos em massacres perpetrados pelas forças de segurança. Sisi se mantém no poder graças ao apoio do Exército, instituição na qual chegou a ocupar o cargo de general antes de virar presidente. No campo internacional, o ditador conta com o apoio do governo dos Estados Unidos e do regime da Arábia Saudita. "Sisi reprimiu quaisquer protestos cruelmente, então o fato de que as pessoas estão preparadas para ir às ruas hoje reflete a frustração enorme, a raiva enorme que egípcios comuns sentem em relação a Sisi", disse o analista britânico Bill Law à emissora catariense Al Jazeera.

■ Atos foram convocados por empresário e ator exilado

As manifestações ocorreram após um

chamado feito pelo empresário e ator Mohamed Ali, que vive em exílio voluntário na Espanha. Em vídeos que viralizaram no Facebook e no Twitter, ele acusa Sisi de corrupção e pede que seus seguidores saiam às ruas contra o regime.

Nos últimos anos, Ali, 45, firmou contratos lucrativos com o Exército, que controla grande parte das atividades econômicas no Egito. Ele reclama que o governo lhe deve 220 milhões de libras egípcias (o equivalente a R\$ 56 milhões) em pagamentos referentes à construção de um hotel de luxo, e diz ter fugido do país por temer sofrer retaliações.

Os novos protestos no Egito ocorrem após vitórias de manifestantes em países da região: uma série de manifestações provocou a renúncia do presidente Abdelaziz Bouteflika na Argélia em abril; no mesmo mês, o ditador Omar al-Bashir foi deposto em um golpe militar no Sudão, após meses de protestos por democracia. "Você é um opressor e um fracassado. O povo está passando fome", diz Ali a respeito de Sisi em um dos vídeos. O ditador diz que as acusações feitas por Ali são "mentiras e calúnias".

■ Sisi sufoca liberdades conquistadas na Primavera Árabe

Sisi é responsável por reverter as principais liberdades conquistadas pelo povo egípcio após a onda de protestos da Primavera Árabe, que chacoalhou diversos países do Norte

da África e do Oriente Médio entre 2010 e 2011.

Em 2014 e 2018, Sisi venceu eleições presidenciais sem a participação de candidatos opositores, pondo fim à breve experiência democrática no Egito. A única vez em que cidadãos do país foram às urnas em eleições livres foi em 2012, quando elegeram como presidente Mohammed Mursi, do partido islamita Irmandade Muçulmana - deposto no golpe liderado por Sisi no ano seguinte, Mursi passou seus últimos dias na prisão até a sua morte, em junho.

O regime egípcio prende opositores sob a acusação, nem sempre justificada, de colaborar com a Irmandade Muçulmana, considerada um grupo terrorista pelas autoridades do país. Além disso, sob Sisi, o Egito se tornou o terceiro país que mais prende jornalistas no mundo, atrás da China e da Turquia: havia 25 profissionais da imprensa atrás das grades no país em dezembro, de acordo com o relatório mais recente do Comitê para a Proteção de Jornalistas.

"As agências de segurança do presidente Sisi usaram a força em diferentes ocasiões para reprimir brutalmente protestos pacíficos", disse em nota Michael Page, vice-diretor da ONG Human Rights Watch para o Oriente Médio e o Norte da África, após os protestos mais recentes no Egito. "As autoridades devem reconhecer que o mundo está de olho e adotar todos os passos necessários para evitar a repetição de atrocidades do passado."

Sem a ONU, problemas globais seriam mais sérios, diz estudioso

Autor de artigo sobre possível intervenção estrangeira na Amazônia desmente chanceler brasileiro Ernesto Araújo

Bruno Boghossian e Marina Dias
Folhapress

No momento em que líderes questionam a atuação de organismos internacionais, a ONU tem limitações, mas ainda dispõe de mecanismos para enfrentar problemas globais, diz Stephen Walt, da Universidade Harvard.

"Se as Nações Unidas não existissem, os problemas globais seriam ainda mais sérios e algo como a ONU precisaria ser reinventado", afirma. O professor ganhou notoriedade no Brasil após escrever um artigo cujo título inicial se referia a uma possível intervenção estrangeira na Amazônia. O texto foi usado pelo chanceler Ernesto Araújo como prova de que há atores internacionais interessados em atacar a soberania brasileira.

Walt, porém, diz que Ernesto está enganado. "A preocupação global com o futuro da Amazônia não é uma 'desculpa', é um problema válido que afeta países vizinhos e possivelmente todo o planeta."

Seu artigo "Quem vai invadir o Brasil para salvar a Amazônia?", publicado em agosto, foi usado por Ernesto como exemplo para a tese do governo brasileiro de que a Amazônia serve como desculpa para outros países limitarem a soberania do Brasil. O sr. concorda?

Stephen Walt - O ministro está enganado. A preocupação global com o futuro da Amazônia não é uma 'desculpa', é um problema válido que afeta

países vizinhos e possivelmente todo o planeta. Idealmente esse desafio será enfrentado sem infringir a soberania de qualquer país. E, como deixei claro no artigo, o Brasil não é o único país que deveria estar fazendo mais.

O título do artigo foi modificado para "Quem vai salvar a Amazônia (e como)?" O sr. solicitou a mudança?

Sim, porque o título original causava confusão e fre-

quentemente havia mal entendidos de pessoas que não leram o artigo inteiro. Disse explicitamente que não recomendava ação militar "agora ou no futuro", mas o título original parecia sugerir o contrário.

O sr. considera que o aumento em queimadas e desmatamento justifica sanções contra o Brasil num momento de crise do multilateralismo?

Acredito que as mudanças climáticas representam o problema mais sério para o bem-estar da humanidade que enfrentamos no presente. Se as nações não desenvolverem soluções cooperativas para resolvê-lo, as consequências serão mais severas e o risco de um conflito vai subir. É, portanto, de interesse do Brasil - e de EUA, China, Índia, Rússia e muitos outros - buscar soluções efetivas agora, para evitar problemas muito maiores no futuro.

Jair Bolsonaro e Donald Trump defendem os interesses nacionais acima do multilateralismo. O sr. considera

Professor da Universidade Harvard, Stephen Walt diz que preocupação global com o futuro da Amazônia não é uma "desculpa", é um problema que afeta, possivelmente, todo o planeta

isso uma tendência?

Sim, mas ela se baseia em um mal entendido fundamental sobre o que é multilateralismo. Os países não necessariamente abandonam interesses nacionais próprios quando cooperam em instituições multilaterais. Ao contrário, essas instituições são, em alguns casos, uma maneira melhor de se alcançar esses interesses.

O sr. acredita que o multilateralismo e a ordem internacional liberal estabelecida após a 2ª Guerra estão em crise? Qual modelo poderia substituí-la?

Não acho que haja crise genuína ainda. É verdade que o esforço dos EUA para tentar transformar a ordem liberal parcial criada durante a Guerra Fria numa ordem ver-

dadeiramente global foi um fracasso e causou danos consideráveis em alguns lugares. Também há tendências preocupantes em alguns países. Mas a maioria das sociedades liberais do mundo ainda quer apoiar as ideias básicas liberais de direitos individuais, democracia, império da lei e economia de mercado, e líderes iliberais estão enfrentando um poderoso efeito rebote em muitos lugares.

Por que o sr. escreveu que o bipolarismo e as armas nucleares fizeram mais para prevenir uma guerra do que instituições como a ONU e a Otan?

Apesar de instituições internacionais serem úteis para muitos propósitos, não são capazes de impedir estados po-

derosos de agir por si mesmos se acharem que é necessário, e isso inclui o uso da força. Mas o bipolarismo e as armas nucleares encorajaram tanto os EUA quanto a União Soviética a agirem cuidadosamente um com o outro e a manterem os aliados sob controle. Isso contribuiu para a paz durante a Guerra Fria.

Qual a relevância da Assembleia Geral da ONU em um cenário de rejeição ao multilateralismo?

As Nações Unidas têm muitas limitações, mas ainda são um foro valioso no qual os países podem levantar questões e buscar soluções cooperativas. Se ela não existisse, os problemas globais seriam ainda mais sérios e algo como a ONU precisaria ser reinventado.

PERFIL

Doutor em ciência política pela Universidade da Califórnia em Berkeley e professor de relações internacionais da Universidade Harvard. Autor de 'Origins of Alliances, Revolution and War' e 'The Israel Lobby and U.S. Foreign Policy'.

Viajar é bom. Melhor ainda no Galaxy, o Double Decker da Guanabara.



JUAZEIRO DO NORTE - CRATO - CAJAZEIRAS - SOUSA - PATOS

SAC 0800.728.1992

G UANABARA



Memorial da Democracia da PB será instalado na FCJA

Trabalho de pesquisa e investigação realizado pela Comissão Estadual da Verdade estará disponível a partir do próximo ano

Rodolpho Viégas

Especial para A União

Alexandra Tavares

lekajp@hotmail.com

“A barbárie fascista”. É assim que a advogada Maria Izabel Cavalcante Pontes, 58 anos, define em poucas palavras o que foi o período da ditadura militar no Brasil. Ela é uma das dezenas de pessoas citadas no relatório da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba (CEVPM-PB). O trabalho de pesquisa e investigação realizado pela comissão durante mais de quatro anos estará disponível para visitação pública no Memorial da Democracia da Paraíba. Um espaço que funcionará na Fundação Casa de José Américo (FCJA), na capital, com previsão de inauguração no primeiro semestre do próximo ano.

O objetivo da iniciativa é mostrar para as atuais e futuras gerações um recorte da história do Brasil que nunca deve ser esquecida, para que não se repita. O relatório final da CEVPM-PB mostra que

durante o período de atuação da comissão, entre março de 2013 e dezembro de 2017, foram descobertos locais de tortura no Estado que, em sua maioria, eram sedes militares. Entre eles, está o 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, localizado no bairro de Cruz das Armas. O trabalho reúne cerca de 69 depoimentos e mais de 100 denúncias de tortura detectadas na Paraíba e fora dela, ao longo da repressão da ditadura militar.

A finalidade dos integrantes da comissão era esclarecer, através de todos os meios de provas, as graves violações de direitos humanos praticadas por agentes públicos contra qualquer pessoa que estivesse no território paraibano. O alcance da CEVPM-PB se estendia às ações exercidas contra os paraibanos que se encontravam em outros estados e até países.

A CEVPM-PB foi criada pelo governador Ricardo Vieira Coutinho por meio do Decreto nº 33.426/2012, que já previa a implantação de um memorial cuja missão seria resguardar e



Foto: Ortilo Antônio

Memorial da Democracia receberá os visitantes diariamente, das 8h30 às 16h, na Fundação Casa de José Américo

expor o material coletado durante o trabalho.

A presidente da comissão de instalação do Memorial da Democracia, Lúcia Guerra, e integrante da CEVPM-PB, ressaltou que os depoimentos dos paraibanos citados no documento são de pessoas perseguidas durante o regime ditatorial. “Uns foram perseguidos como

estudantes, outros já eram professores”, lembrou Lúcia, que é doutora em História Social pela USP e mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Uma dessas pessoas que vivenciou as ações do sistema totalitário foi a advogada Maria Izabel Cavalcante Pontes, enquadrada na Lei de Segu-

rança Nacional quando ainda era estudante de Direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A repressão se deu por causa do protagonismo de Maria Izabel nas pastorais sociais, durante sua militância na Diocese de Guarabira. Nessas ações, ela lutava pelo cumprimento dos direitos das pessoas em todos os aspectos. Era um

trabalho como mulher, ligado à questão de gênero, aos Direitos Humanos. Eu era muito jovem, tinha 18 anos”, recordou Maria Izabel Pontes.

Ao comentar sobre os atos antidemocráticos que vigoraram no Brasil entre 1964 e 1985, a advogada destacou a força exercida contra os militantes. “A ditadura civil militar usava a perseguição, a tortura, a repressão de forma sistemática, como meio de implantar o terror e se manter no poder”.

Licitação

A expectativa é de que o Memorial da Democracia comece a funcionar até junho do próximo ano, uma vez que está em andamento a licitação para se fazer a reforma da sala e a compra de equipamentos necessários para a manutenção das atividades. Quando estiver concluído, o espaço receberá os visitantes diariamente, inclusive nos fins de semana, das 8h30 às 16h, na Fundação Casa de José Américo, localizado no bairro do Cabo Branco, orla de João Pessoa.

Professora foi perseguida, presa e teve que viver na clandestinidade

Ela foi perseguida, presa, teve de viver na clandestinidade, foi dada como morta e sua família chegou a chorar a perda da estudante que há anos havia desaparecido. Esse é apenas um resumo da trajetória de militância da professora aposentada Maria de Lourdes Meira, 79 anos.

Em 1969, Lourdes Meira foi perseguida por integrar a Ação Popular (AP). Em fevereiro do mesmo ano, a jovem estudante foi presa pelos militares e levada, juntamente com outros colegas de luta, para o quartel de polícia onde hoje funciona o

Comando Geral da Polícia Militar da Paraíba, na Praça Pedro Américo, em João Pessoa.

“Quando chegamos lá, encontramos um coronel que era muito amigo da minha família. Ele ficou surpreso ao me ver e disse que eu ficaria numa prisão especial. Então, não sofri muita pressão”, explicou Lourdes.

Durante os três meses que passou no quartel de polícia, a estudante tinha de ser levada para prestar depoimento na Polícia Federal. Lá foi que ela experimentou a pressão psicológica, atribuída a muitos integrantes da resistência.

“Eles queriam que a gente dissesse os nomes de pessoas que estavam na luta. Repetiam várias vezes as mesmas perguntas para ver se a gente caía em contradição”, lembrou.

Depois de ser julgada, passou mais três meses presa no Presídio Bom Pastor, na capital, totalizando seis meses de encarceramento. Mesmo depois de cumprir a pena, não pôde permanecer em João Pessoa. “Ao sair da prisão fui perseguida. Não pude cursar filosofia na Universidade Federal da Paraíba. Fui convidada a me retirar do curso.

Então fui morar em Pernambuco e depois no Maranhão”.

Na época, a Faculdade de Filosofia (Fafi) da UFPB, funcionava no Centro da capital paraibana, próxima ao Liceu Paraibano. A Fafi era um verdadeiro centro político e cultural.

No Estado maranhense, Lourdes Meira residiu durante mais de 20 anos. Parte deles na total clandestinidade, longe da família e dos amigos. “Enquanto eu estava longe, deram a notícia da minha morte, meus familiares sofreram muito com isso. Somente na anistia pude

voltar a me comunicar com eles”, contou.

Mesmo após a anistia, a professora continuou morando no Maranhão, casou, teve filhos e somente em 1996 voltou a João Pessoa para cuidar da mãe, que estava doente. Maria de Lourdes é uma das paraibanos citadas no relatório da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba (CEVPM-PB). Aos 79 anos de idade, Lourdes Meira ainda é uma militante atuante.

Continua na página 18

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Sem ciúme, a paixão é mais elástica

O que é o ciúme senão o ponto culminante de um renitente sentimento de posse? Ciúme dos filhos, das mulheres, dos homens, namorados e namoradas, figuras e casos. Ciúme dos livros, dos brinquedos, das flores, dos discos. O próprio som da fala ciúme chega a dar a impressão do sentido possessivamente seco da palavra, plural ou singular.

É fácil sempre enunciar a palavra ciúme quando a temática é passional, seja na Scarlet O'Hara de “...E o vento levou” ou até nas perplexidades existenciais da fantástica atmosfera de “Blade Runner”.

Quanto ciúmes geraram tantos filmes, livros, poemas, canções e até discursos políticos e guerras santas ou não? Quanto homens e mulheres mudaram o curso da História por causa do ciúme?

Saindo da esfera de homens e mulheres apaixonados, até mais que Marília e Dirceu, que o casal de “Suplicio de uma saudade” vivido por William Holden e Jennifer Jones, que Romeu e Julieta, Anayde Beiriz e Heriberto Piva, chega-se ao ciúme dos objetos e das concepções.



Algumas pessoas esquecem que no caixão em que se enterra o cadáver, na urna em que se guardam as cinzas e nos rios e mares onde por vezes elas são jogadas, há tempo e espaço para possessivos objetos.

Mas o ainda novo século 21 (não completou um quarto) fez aumentar o sentimento de posse, que espalha-se por várias partes, cidades, famílias, nações.

O eu, ou o limitado nós de uma descendência comum, faz com que mais que uma reforma política tornou-se urgente

uma reforma existencial.

Uma aurora e um pôr do sol podem ser curtidos com exata intensidade quando a gente não desliza pela “sombra negra do ciúme”. E entrar no mar sem ciúme? Quando é assim, a água salgada, o movimento das ondas, os reflexos lunares e solares, o sentir de peixes próximos e distantes, sejam botos ou tubarões, parecem ser partes integrantes dos nossos membros.

São horas em que cada célula do corpo pensa e fala.

Com a ausência de ciúme, a pessoa pode sentir a sensação de atravessar uma árvore na Praça da Independência e compartilhar dos átomos que formam a Torre Eiffel, o Cristo Redentor, os trilhos e postes que dão voltas ao mundo. Pra isso não é preciso queimar um baseado, cheirar pó, tomar birita ou recitar orações católicas, evangélicas, kardecistas ou umbandistas. Basta a ausência de ciúme.

Canta-se, toca-se, escuta-se, escreve-se, sente-se melhor quando o

ciúme é chupado pelo buraco negro das posturas e razões que nunca voltarão.

Sem ciúme, o doce é menos amargo, a água do coco verde é menos sólida, o inhame no prato é menos duro. Sem ciúme, a paixão é mais elástica, perfeita e pura.

Enfim, para “relaxar” n'Essas Coisas - que também são sólidas, mas “se desmancham no ar” - vez em quando passeio pelas ciências da astronomia e da astrologia. É nesta que vejo (crendo e também não) que Peixes - signo de meu nascimento num 18 de março - é o mais preparado para a entrega amorosa de todos do zodíaco, mas, muitas vezes, exagera na dose. De repente, exagero e chego até a tomar umas de Old Parr. Piscianos se apaixonam, às vezes desesperadamente. Um Ballantine's até que dá pra segurar. Já cheguei a esquecer de mim e não tinha necas de uísque por perto. O que vale mais é que não há medo de amar, “ob-la-di, ob-la-da”.

Gente, gente nossa, não deveria encerrar sem uma dose vocal, sem gelo, de Caetano Veloso: “Tanta gente canta, tanta gente cala / Tantas almas esticadas no curtume / Sobre toda estrada, sobre toda sala / Paira, monstruosa, a sombra do ciúme”...

Lúcia Guerra critica declarações de Bolsonaro contra Comissão

Para doutora em História Social pela USP, o que se vive no Brasil é um retrocesso em relação à nossa história

Rodolpho Viégas

Especial para A União

Alexandra Tavares

lekajp@hotmail.com

A Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba assinou, em 2013, um termo de cooperação com a Comissão Nacional da Verdade (CNV). Curioso é que no dia 30 de julho deste ano, a CNV teve sua legitimidade questionada pelo presidente da República Jair Bolsonaro.

A doutora em História Social pela USP e mestre em História pela UFPE, Lúcia Guerra, explicou em poucas palavras como vê a postura do chefe do Executivo nacional. "O que vivemos no Brasil é um retrocesso muito grande com relação a nossa história".

Questionado por jornalistas sobre a crítica feita a CNV, o presidente Bolsonaro destacou que a comissão havia sido inteiramente composta por integrantes indicados pela ex-presidente Dilma Rousseff, portanto, não merecia crédito.

"Foi inimaginável. Por mais conservador que o presidente seja, nós não esperávamos tal posicionamento. A Comissão Nacional da Verdade se fundamentou nos documentos que ela teve acesso. São documentos do Estado sobre os órgãos de repressão", comenta Lúcia Guerra sobre a decisão do presidente.

Outro projeto ligado à memória dos anos de ditadura foi atacado pelo Governo Federal. O projeto do Memorial da Anistia, que ficaria no Prédio da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, não terá continuidade. O anúncio foi feito pela ministra da Mu-

lher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, que alegou excesso de gastos na obra.

Para Lúcia Guerra, a atitude foi um retrocesso. "Vários outros países da América Latina possuem memoriais que guardam essa história, que é uma questão nacional. E nós não temos um local como este, como o Memorial da Anistia, que daria conta de todo este processo", lamentou.

Lúcia Guerra lembrou que vários estados do país possuem um memorial que resgata as ações da resistência e da repressão no período da ditadura militar, a exemplo do memorial de São Paulo e o da Paraíba. "Mas, sem dúvida, o Memorial da Anistia seria mais abrangente", afirmou.



Foto: Arquivo Pessoal

Segundo Lúcia Guerra, a Comissão Nacional da Verdade se fundamentou nos documentos do Estado que teve acesso sobre os órgãos de repressão



Medo, impotência e revolta diante da força da repressão

Relatar momentos vividos durante a ditadura militar certamente não é nada fácil, porque traz à tona o sentimento de medo, impotência e revolta diante da força exercida pela repressão. A violência física e psicológica, a restrição da liberdade, a perseguição parecem fantasmas adormecidos que, não raramente, voltam a assombrar suas vítimas.

A equipe de reportagem comprovou a força que a ditadura militar exerce até hoje em alguns brasileiros. Uma dessas pessoas relatou as duras experiências vividas quando fez parte da "resistência". As torturas psicológicas sofridas, as idas e

vindas das prisões, os gritos dos integrantes da liga camponesa enquanto sofriam os mais diversos tipos de violência fazem parte dessas recordações.

Esses e outros detalhes foram contados por um (a) depoente cuja experiência vivida no regime totalitário consta no trabalho da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba (CEVPM-PB). Poucos dias após a entrevista, coincidentemente, minutos antes da reportagem colocar no papel quase uma hora de relatos, a vítima retrocedeu. Vacilou em relação às informações transmitidas, quis rever tudo, enfim, não autorizou

a publicação. Mas como julgar tal atitude? Jamais. Mesmo sem citar nomes e o teor de sua história, o comportamento é, por si

só, um grande testemunho das marcas deixadas na memória dos opositores da chamada "Quinta República Brasileira".

A Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba desenvolveu suas atividades através da atuação de dez Grupos de Trabalhos que reuniu, de forma voluntária, a participação de professores universitários e do Ensino Médio, estudantes e profissionais liberais. A partir dos grupos foram definidos dez temas a serem abordados. Confira quais foram:

- Mortos e desaparecidos políticos do regime militar
- Mapa da Tortura
- Perseguição dos órgãos de segurança ao setor educacional
- Cassação de mandatos eletivos e a magistrados
- Intervenção nos sindicatos e em outras entidades da sociedade civil
- Repressão do Estado e de milícias privadas aos camponeses
- A bomba estourada no Cineteatro Apolo XI
- Demissão de servidores públicos federais, estaduais e municipais
- Ditadura e gênero
- Estrutura de repressão na Paraíba
- Fonte: Relatório final da CEVPM-PB.

Elejó

Dalmo Oliveira

Migração

O trabalhador vive em busca de melhores condições de trabalho. Sempre! Essa lógica é o que move, atualmente, grande parte do fluxo da migração interna. No Brasil, esse fenômeno acontece, principalmente, por motivos econômicos. Desastres ecológicos e problemas ambientais, como secas e enchentes também costumam empurrar a população de um país para essa movimentação migratória.

Como legítimo descendente de africanos, o êxodo e a diáspora estão sempre na minha perspectiva de sobrevivência. E, mais uma vez, eu me encontro em plena mudança de território. Antes mesmo do trabalho, a busca por melhores condições de vida e de saúde me fizeram migrar do lugar de nascença para a capital João Pessoa, antes da metade da primeira década de vida.

A capital paraibana passou a ser minha segunda referência geográfica. Depois de quase 20 anos descobrindo a região brejeira e agrestina da Paraíba, eu fui me embrenhar na zona praieira, para desvendar bele-

zas e perigos, entre Cabedelo e Jacuimã. O engraçado na migração, é que a mudança de território vai transformando o modo como você interage com o povo e com a cultura do local.

Evidentemente, eu carrego comigo até hoje as brejeirices guarabirenses. Elas são minhas marcas referenciais de minha origem. São meu passaporte antropológico. Então, mesmo que eu jamais volte a viver lá, eu sempre serei o Dalmo de Guarabira!

Outros brejos

Dos 19 aos 25 anos, a capital paraibana passou a ser "meu território". Daí eu segui para Petrolina, na margem pernambucana do Velho Chico. Um estágio rápido: 9 meses. Mas o suficiente para me mostrar um outro Nordeste. As belezas do Sertão com água e a aridez como destino.

Em seguida, pulei para outra plaga. Fui bater nos recôncavos da Bahia, nas terras de Caetano e Betânia. Sete anos assentado no entorno do famoso "Cruzeiro das Almas". Foi lá que me deparei com o Eu Negro. Com a África diaspórica. Migrei para dentro

de mim mesmo. O Dalmo desconhecido, o negro negado e ancestralmente esquecido, quase apagado.

A diáspora também tem essa função: de esmaecer nossos vestígios da ancestralidade inconsciente. Forçada ou "espontânea", ela nos arranca dos referenciais primeiros. Da gênese, da mãe, do pai, dos avós. E, de uma hora para outra você de vê desvinculado, solto, perdido no mundo, mundializado, globalizado, cosmopolita.

O homem foge do seu destino e acaba encontrando outros. Cada canto, uma história. Cada história, tantos personagens. No êxodo, sua tribo vai ficando pelo caminho. E você continua a migrar sozinho, em busca de coisa melhor. Fugindo dos riscos e da escassez. Procurando as terras prometidas, os eldorados e os nirvanas.

Eu saí por que quis. Simplesmente, fui embora. Cansei do lugar-comum e das mesmices daquela gente. Não fui em busca do ouro, mas de sossego e de novas belezas. Não me considero aventureiro, mas não sou acomoda-

do. Gosto de ver coisas novas e de enxergar por novos horizontes.

Massayó

Migração é, antes de tudo, oportunidade. É saber que há vários portos para novos ancoradouros. Quem migra sabe que a Terra não tem dono.

É com esse sentimento que encaro essa nova mudança para a capital dos alagoanos. Aonde o povo caeté reina por milênios. De volta ao sul do Nordeste. Do outro lado da velha capitania. Viver entre o mar e o mangue. Subir os tabuleiros da costa da "Cidade Sorriso". Mergulhar em outros azuis e ampliar a cognição antropológica sobre a magia daquilo que passamos a chamar de nordestinidade. Vamos nessa!?

Hasta luego

A coluna Elejó fica por aqui, com a certeza de ter escrito um capítulo interessante nesse livro incrível que é o jornalismo opinativo paraibano. Grato a todas e todos pela "audiência". Prometendo voltar novamente em edições especiais, sempre que possível e necessário.

Uma das chaves para evitar que a safena implantada se desgaste, exigindo nova intervenção, pode estar em uma proteína normalmente produzida por artérias, a CRP3

Pontes de safena: proteína pode aumentar durabilidade

Estudo mostra que a CRP3 passa a ser expressa na veia safena quando esta é usada em cirurgia de revascularização cardíaca

André Julião
Agência Fapesp

Um grupo de pesquisadores do Brasil e do Reino Unido busca maneiras de aumentar a durabilidade da ponte de safena, procedimento cirúrgico que consiste em usar parte de uma veia da perna para revascularizar o coração que teve o fluxo de sangue reduzido – condição que pode levar ao infarto se não tratada.

O projeto é financiado pela Fapesp por meio do programa São Paulo Researchers in International Collaboration (SPRINT).

Uma das chaves para evitar que a safena implantada se desgaste, exigindo nova intervenção, pode estar em uma proteína normalmente produzida por artérias, a CRP3 (sigla para cysteine and glycine-rich protein 3). Os pesquisadores do Instituto do Co-

ração (InCor) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FM-USP) observaram que, quando implantada no coração, a veia safena passa a expressar a proteína. O efeito seria uma resposta ao aumento do fluxo sanguíneo em seu interior, se comparado ao da perna, contribuindo para que ela suporte a maior pressão mecânica.

A resposta adaptativa, contudo, não é suficiente para que a veia safena suporte o fluxo sanguíneo aumentado por muito tempo. O vaso acaba desenvolvendo lesões em sua parede ao longo do tempo. Na metade dos casos, surgem obstruções entre cinco e 10 anos depois do implante, tornando necessárias novas intervenções cirúrgicas.

“A ideia é que possamos modular a CRP3 ou outras

proteínas que se mostrem importantes nesse processo de adaptação, de modo que as pontes de safena tenham uma durabilidade maior”, disse Ayumi Aurea Miyakawa, pesquisadora do InCor que coordena o estudo.

O trabalho foi apresentado no dia 11 de setembro na 34ª Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE), em Campos do Jordão.

O efeito seria uma resposta ao aumento do fluxo sanguíneo em seu interior, se comparado ao da perna, contribuindo para que ela suporte a maior pressão mecânica

+

Parceria com a equipe da Universidade de Manchester, no Reino Unido

O primeiro trabalho do grupo, que mostrou a maior expressão de CRP3 na safena, foi publicado ainda em 2009. Por meio de um projeto financiado pela Fapesp, descobriu-se que, comparados a ratos normais, uma linhagem que não expressava a proteína tinha uma resposta pior quando a veia jugular era colocada em regime arterial – como acontece na ponte de safena. Os dados foram publicados em 2018, na revista *Clinical Science*.

“Nossa hipótese é que a CRP3 participa da mecanotransdução, processo pelo qual as células percebem e

respondem ao estresse mecânico. A safena humana passa a produzir essa proteína para tentar compensar e responder a esse estresse”, explicou a pesquisadora.

Cadeia de proteínas

O grupo coordenado por Miyakawa busca agora entender como a CRP3 atua nas chamadas adesões focais. Constituídas por uma série de proteínas, as adesões focais estão envolvidas em vários processos bioquímicos, inclusive na percepção do estresse mecânico causado pelo fluxo mais intenso de sangue.

Para isso, os brasileiros iniciaram uma parceria com uma equipe da Universidade de Manchester, no Reino Unido, liderada pelo professor Christoph Ballestrem.

Trabalhos realizados pelo grupo de Manchester já haviam mostrado a importância de outras proteínas na resposta ao estresse mecânico. A vinculina e a talina, proteínas presentes nas adesões focais, são essenciais para a resposta de alterações mecânicas. Elas se ligam às integrinas, que conectam o meio extracelular com o intracelular, e desempenham o

papel de perceber o estímulo físico e transformá-lo em respostas bioquímicas.

“Estamos mostrando que diversas proteínas presentes nas adesões focais controlam diferentes módulos de resposta ao estresse mecânico. A CRP3 e mesmo outras proteínas da família CRP pertencem a um terceiro módulo, que ainda não tínhamos estudado e é absolutamente crítico para a mecanotransdução”, disse Ballestrem, que apresentou os trabalhos do seu grupo na mesma sessão.

Tratamentos

Para os pesquisadores, ainda é cedo para pensar

em novos tratamentos. No entanto, entender melhor os mecanismos envolvidos na mecanotransdução é essencial para que novas estratégias terapêuticas sejam desenvolvidas.

“Por meio dessa colaboração, tentamos elucidar esses mecanismos. Se conseguirmos isso, poderemos manipulá-los e, assim, controlar o comportamento das células. Além de aumentar a durabilidade da ponte de safena, isso pode ser importante em novas terapias para fibrose, doenças cardiovasculares, entre outras”, disse Ballestrem.

Foto: Divulgação

Entrevista

Ana Sandra Fernandes
Professora



Ana Sandra Fernandes foi eleita, recentemente, presidente do Conselho Federal de Psicologia com a bandeira de defesa da psicologia brasileira. Ela é pernambucana, mora em João Pessoa e deverá assumir o cargo em dezembro próximo. A psicologia é uma profissão regulamentada no Brasil há 57 anos. O psicólogo baseia seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano. A profissão vem sofrendo ameaças no seu exercício com tentativas de desregulamentação e enfraquecimento dos conselhos profissionais.

- Os Conselhos Profissionais estão ameaçados. Como está a mobilização do Conselho Federal de Psicologia a nível federal?

O Conselho Federal está participando ativamente da mobilização em defesa dos Conselhos Profissionais, compondo o conselho consultivo da Frente Parlamentar de Apoio aos Conselhos Profissionais de Classe, lançada na Câmara dos Deputados, e que reúne mais de 200 parlamentares de todos os partidos. Desregulamentar as profissões e enfraquecer

os Conselhos Profissionais, mudando inclusive a sua natureza jurídica representa o total abandono do processo de orientação do exercício profissional, deixando os profissionais sem diretrizes sobre suas práticas profissionais, além da eliminação dos parâmetros que caracterizam, diferenciam e valorizam o exercício da Psicologia deixando a sociedade sem a garantia de fiscalização para os casos de imperícia e má conduta profissional.

- Há muita polarização em torno de assuntos como política, por exemplo. Até famílias se separaram por isso. Como a Psicologia orienta essas questões?

A diversidade de pensamentos, opiniões e ideias são muito importantes para a construção da nossa subjetividade, nos ajuda a conhecer perspectivas diferentes das nossas e nos oportuniza visualizar um mesmo fenômeno a partir de outras perspectivas. O

essencial neste sentido é que possamos desenvolver o respeito e a tolerância para que possamos conviver coletivamente, exercitando nossa capacidade empática. A grande questão não está em ter essa ou aquela posição política ou de qualquer outra ordem, o problema está em querer impor a qualquer custo ao outro que pense a vida e enxergue os fenômenos e fatos a partir do nosso próprio ponto de referência, quando agimos desse

modo desrespeitamos a liberdade e as possibilidades de pensar e existir que são diferentes daquilo que julgamos ser o "certo" e a "verdade".

- E sobre as questões LGBT+, parece que houve um retorno ao preconceito, com mais casos de perseguição e violência. Qual a orientação geral da Psicologia?

Sobre esse assunto, nós temos duas importantes Resoluções publicadas pelo CFP sobre o tema: A Resolução CFP nº 01/1999, que determina que não cabe a profissionais da Psicologia no Brasil o oferecimento de qualquer tipo de prática de reversão sexual, uma vez que a homossexualidade não é considerada patologia nem desvio; e a Resolução CFP nº 01/2018, que orienta psicólogas e psicólogos a atuarem, no exercício da profissão, de modo que as travestilidades e transexualidades não sejam consideradas patologias, e de forma a contribuir para a eliminação da transfobia. Vale ressaltar que o Conselho Federal foi muito corajoso ao editar essas duas Resoluções. Isso porque elas, e o CFP, foram alvo de processos. A Resolução 01/99, por exemplo, foi alvo da Ação Popular. Ingressamos, então no STF, com uma reclamação constitucional,

solicitando a suspensão dos efeitos da sentença e a extinção da Ação Popular para manter integralmente a Resolução. Finalmente, em abril de 2019, o STF determinou a imediata suspensão da tramitação da Ação Popular e todos os efeitos de atos judiciais nela praticados, mantendo a Resolução 01/99 íntegra e eficaz. Isso significa que continuam válidas todas as disposições da Resolução CFP nº 01/99.

- O Conselho publicou um livro sobre a "cura gay" ...

Sim, o Conselho editou o livro "Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs", que apresenta um mosaico de histórias de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais, que relatam intensos sofrimentos por terem passado por processos da chamada "cura gay". Por todas essas ações, por toda a luta feita pelo CFP em defesa dos direitos da população LGBTI, o Conselho Federal já recebeu diversos prêmios e homenagens, como o "Prêmio Direitos Humanos 2018" na categoria "Diversidade sexual e de gênero (LGBTI)". Todas as nossas ações nessa temática são para reafirmar o compromisso da psicologia brasileira em não ser um instrumento de promoção do sofrimento, do preconceito, da intolerância e da exclusão.

Troféu HF

Mais uma vez o jornalista Abelardo Jurema se supera e apresenta uma das festas mais prestigiadas da Paraíba, que é a solenidade de entrega do Troféu Heitor Falcão, na casa de recepções Paço dos Leões. Há 22 anos Abelardo faz uma homenagem ao jornalista Heitor Falcão, aquele que transformou a crônica social paraibana em fonte de informação. Foram ao todo cem personalidades homenageadas, entre empresários, gestores públicos, intelectuais, artistas, pessoas que se destacam nas suas áreas e que contribuem para uma Paraíba melhor.



Feijoada

O Centro de Atividades Especiais Helena Holanda, que atende pessoas com deficiência, terceira idade e sequelados de acidentes realiza hoje, a partir do meio-dia, a XII Feijoada Beneficente, no Esporte Clube Cabo Branco. Vai ter shows com Ramon Schnayder, Eduarda Brasil e Raniery Gomes, e muita animação com participação especial de integrantes da Escola de Samba Império Serrano e Malandros do Morro. Os queridos alunos do Centro também vão se apresentar com a Banda Acredite e a Companhia de Dança Helena Holanda. Os ingressos custam R\$50.

RESPEITO

Hoje à tarde, na orla do Cabo Branco, acontece a 18ª edição da Parada LGBT+ de João Pessoa. A Paraíba se orgulha de oferecer, através do Governo, um trabalho sério de respeito e proteção a gays, lésbicas, travestis e transexuais com a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana e Delegacia Especializada de Repressão aos Crimes LGBTfóbicos, Étnico-Raciais e de Delitos de Intolerância Religiosa. O nosso Estado, com suas políticas públicas, ensina que todos são iguais e têm direitos iguais, conforme está na Constituição Brasileira. É preciso respeitar a opção sexual das pessoas garantindo todos os direitos do cidadão, sem nenhum tipo de violência, repressão, nem de ações, nem de palavras.

Delícia

Inaugurado com coquetel o novo layout da loja Kopenhagen, no Manaira Shopping, a marca precursora no segmento de chocolates finos no Brasil. Seguindo as novas tendências, a loja propõe uma experiência moderna e clean de autoatendimento, com mais produtos a mostra, inclusive para levar, a granel. Entre as novidades, a linha Mil Delícias com trufas, bombons e tabletes, em 19 sabores, e a linha Soul Good, que traz o sabor dos chocolates Kopenhagen, em uma versão mais equilibrada, com zero adição de açúcares, zero lactose, sem aromatizantes nem adoçantes artificiais. Marcela Fujiy, franqueada da marca na Paraíba, celebra as novidades. "Com o novo layout, estreitamos a proximidade do consumidor proporcionando o contato direto com os produtos", conta.



Abelardo e Maria Lúcia Jurema com os filhos e nora, no Paço dos Leões

Campus

Começa na próxima quarta-feira, 2, o Campus Festival, o maior festival universitário do Norte e Nordeste, e que reúne música, arte, gastronomia, tecnologia, educação, games, no Espaço Cultural. Um evento de porte, orgulho de seu idealizador, o jovem Will Fonseca, que vem se destacando na produção de grandes eventos aqui em João Pessoa. A expectativa é de mais de 25 mil pessoas participando. Dentro do evento acontece o Sebrae Pro Business, que vai trazer Tiago Nigro, Rick Chester e Murilo Gun para falar sobre empreendedorismo e inovação. Uma novidade é o Aulão Enen, com os melhores professores do mercado e a Feira Literária, que terá 28 expositores. Isso sem falar nos shows com Iza, Skank, Lagum e Os Gonzagas. Ingressos na plataforma Sympyla.



Ney Suassuna e a esposa Raquel, ele homenageado na noite



Renata Arruda recebe o Troféu HF de Sonia Yost



Parabéns

Carlos Fernando de Sá Barreto, Daniel Peixoto, Isabela Lucena de Brito Pereira, Jane Santos, José Jácomo de Moura, Lucas Holanda, Maria do Rosário Falcone, Nerivaldo Cavalcanti, Otávio Alfredo Oliveira Lima, Renan Uchôa, Ronaldo Macena, Roseane Sá Serafim, Roselma Virgulino, Samuel Norat e Sônia Souto de Araújo.

BACANA

A Ilha de Santa Catarina é uma Zona Livre de Agrotóxico. A lei que proíbe o uso de agrotóxicos na produção agrícola, pecuária, extrativista e nas práticas de manejo dos recursos naturais do município de Florianópolis foi aprovada pela Câmara de Vereadores. Com a liberação de tantos novos agrotóxicos pelo Governo Federal e o aumento no número de doenças, principalmente câncer, bem que essa lei poderia ser proposta e aprovada aqui, em João Pessoa. A lei determina ainda ações educativas sobre os prejuízos desses pesticidas a todos os seres vivos. Os produtores orgânicos aplaudiram e a população também.



Jornalista Albeni Galdino recebendo troféu de Maria Lucia e Abelardo Jurema

AGROECOLOGIA

O Centro de Ciências Agrárias da Universidade Estadual da Paraíba promove, dias 1 e 3 de outubro, o 2º Congresso Paraibano de Agroecologia, que este ano tem como tema "Agroecologia: ciência cidadã construindo sistemas agroalimentares sustentáveis". O evento vai acontecer no campus II, em Lagoa Seca. O objetivo é promover a agroecologia na Paraíba e fortalecer as experiências de famílias agricultoras, movimentos sociais e instituições de ensino, pesquisa e extensão, buscando preservar a biodiversidade, a riqueza étnica e cultural. A UEPB tem como parceiros a UFPB e o Sebrae.



Foto: SP Crystal/Divulgação

Corinthians, em crise, enfrenta o Vasco na Arena de Itaquera

No retrospecto, a vantagem é do time paulista, que tem 45 vitórias, contra 35 da equipe carioca, e 34 empates

Foto: Rodrigo Gazzanel/Ag. Corinthians

Da Redação

O Vasco aposta na boa fase do garoto Talles Magno, de apenas 17 anos, e da fase crítica do Corinthians para alcançar uma vitória, hoje às 11h, na Arena de Itaquera, pela 22ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A. Com 24 pontos - cinco acima do primeiro clube da zona de rebaixamento, o Cruzeiro com 19 pontos - o time comandado por Vanderley Luxemburgo vem de um empate em 1 a 1 com o Athletico-PR em casa e necessita de reagir pra não ver os rivais da zona da degola se aproximarem.

Apesar da eliminação do Corinthians da Copa Sul-Americana na última quarta-feira para o Independiente del Valle, do Equador, o técnico Luxemburgo não espera facilidade e sim mais dificuldade porque a pressão da torcida vai ser enorme. No primeiro turno, o Vasco não quis usar o seu mando de campo e preferiu jogar na Arena Pantanal, onde as duas equipes empataram em 1 a 1. Foi o primeiro ponto do time carioca que vinha de duas derrotas.

Esse vai ser o jogo número 115 entre as equipes e a vantagem segue do lado do Corinthians. O time paulista tem 45 vitórias contra 35 derrotas e 34 empates e marcou 163 gols contra 156 da equipe carioca, dados do site NetVasco.

No Corinthians, Danilo Avelar falou sobre a eliminação na Copa Sul-Americana e sobre o Vasco, adversário deste domingo.

“Olhando para o lado positivo, talvez na semana que tivesse jogos de Sul-Americana você acaba tendo uma semana para poder treinar e corrigir erros, poder treinar, coisa que time que joga tudo não tem. Teremos mais trabalhos, foco total, às vezes você acaba

sendo poupado em um ou outro, agora é todo mundo pensando na mesma linha para tentar ser campeão brasileiro”

Sobre o jogo

“Começamos a estudar um pouco o Vasco, sabemos que tem jogadores de qualidade, a maioria dos gols deles são de bolas paradas, temos que ficar atentos. Comissão vai passar os detalhes, vamos evitar que isso aconteça para impor nosso ritmo em casa e sair com a vitória”.

Fluminense x Grêmio

Em crise o Fluminense, que já não tem mais o técnico Oswaldo de Oliveira, demitido após incidente com a torcida o meiocampista Paulo Henrique Ganso, vai enfrentar às 16 horas deste domingo o Grêmio que vem de uma goleada sobre o Avai por 6 a 1 na última quinta-feira. O time gaúcho pode afundar de vez o Tricolor das Laranjeiras que luta desesperadamente para se afastar da zona de rebaixamento. A equipe comandada por Renato Gaúcho tem 34 pontos e está na sétima posição contra os 19 pontos do Flu, este na décima sexta posição. Renato deve poupar o seu time titular, de olho no compromisso da próxima quarta-feira pela Libertadores diante do Flamengo, em Porto Alegre.

Santos x CSA

Na Vila Belmiro, o Santos tem a chance de voltar a vencer no Campeonato Brasileiro já que enfrenta o CSA que vem de uma impiedosa derrota para o Palmeiras por 6 a 2, em São Paulo, na última quinta-feira. O time paulista já chegou a liderar o Campeonato, mas hoje está na terceira posição com 38 pontos, 10 a menos que o líder Flamengo. Já a equipe de Alagoas está na zona de rebaixamento com a mesma pontuação do Fluminense ou 19 pontos.

JOGOS DE HOJE

■ 11h

Corinthians x Vasco

■ 16h

Internacional x Palmeiras

Santos x CSA

Fluminense x Grêmio

■ 19h

Atlético-MG x Ceará

■ 19h

Athletico-PR x Chapecoense

■ 30/9

20h

Fortaleza x Botafogo

Avai x Bahia

Goiás x Cruzeiro



No primeiro turno, as duas equipes se enfrentaram na Arena do Pantanal e ficaram iguais no placar: 1 a 1

+ Internacional busca a reabilitação diante do Palmeiras no Beira-Rio

Foto: Ricardo Duarte

Site do Internacional

O Internacional está convocando a sua torcida para lotar o Beira-Rio em busca da vitória neste domingo (29), quando enfrenta o Palmeiras, às 16h, em mais uma partida decisiva na luta pelas primeiras posições do Brasileirão. Frente a frente, estarão no quarto colocado no Campeonato com 36 pontos, e o Alverde paulista, vice-líder.

Tradicional adversário, o Palmeiras já enfrentou o Inter em 93 ocasiões. Ao todo, foram 39 os triunfos vermelhos, contra 31 vitórias alviverdes, além de outros 23 empates. Fora as favoráveis estatísticas, o duelo entre gaúchos e paulistas também já ofereceu lembranças inesquecíveis para a torcida colorada, a

exemplo dos embates semifinais no Brasileirão de 1979 e também na Copa do Brasil de 1992.

Invicto em casa no Campeonato Brasileiro, o Colorado soma nove vitórias em 11 partidas disputadas no Beira-Rio, desempenho que consagra notáveis 87,9% de aproveitamento no Beira Rio. Agora, para dar continuidade à positiva campanha dentro de seus domínios, o Inter conta com o apoio de sua torcida apaixonada na luta por mais três pontos.

No meio de semana, o Internacional perdeu de 3 a 1 para o Flamengo, no Maracanã, enquanto o Palmeiras goleou o CSA por 6 a 2. A rodada ainda prevê mais dois jogos: Atlético-MG x Ceará, às 19h, no Independência; e Athletico-PR x Chapecoense, na Arena da Baixada, às 19h.



No meio de semana, o Inter teve um jogo complicado com o Flamengo e perdeu de 3 a 1 com dois jogadores expulsos

Premiado pela 6ª vez, Messi quer encerrar sua carreira no Newell

Lionel Messi com o seu sexto troféu de melhor do mundo na festa realizada pela Fifa na última segunda-feira

Craque do Barcelona fala da rivalidade com Cristiano Ronaldo e ainda não pensa em ser treinador após o fim da carreira

Fifa.com

O Teatro alla Scala de Milão aclamou o The Best na última segunda-feira à noite. Lionel Messi conquistou o prêmio de Melhor jogador masculino da FIFA pela primeira vez, embora seja a sexta vez que ele é reconhecido pelo órgão regulador do futebol mundial como o jogador do ano.

Depois de derrotar os companheiros finalistas Cristiano Ronaldo e Virgil van Dijk, o craque argentino de 32 anos compartilhou suas opiniões da noite com a FIFA e relembrou sua temporada de premiação.



Maradona e Messi, os dois maiores craques do futebol argentino de todos os tempos

A entrevista

Você ganhou muitos prêmios, mas este é o seu primeiro The Best. Como você está se sentindo?

Estou muito feliz por receber este prêmio. Como sempre digo, porém, prêmios individuais são secundários para mim, porque é a equipe que conta. É uma noite especial porque tenho a sorte de ter minha esposa aqui e dois dos meus três filhos também. Ser capaz de aproveitar esse momento com eles é único.

Este prêmio à parte, como você resumiria a temporada que você acabou de ter?

Foi estranho. Tivemos uma temporada fantástica como equipe e, em seguida, uma partida mudou tudo (derrota do Barcelona para o Liverpool na segunda mão da meia-final da UEFA Champions League). Foi uma decepção tão grande que simplesmente não demos importância à Liga e não nos preparamos adequadamente para a final da Copa del Rey. Foi um golpe tão grande para nós. Aquele jogo deixou sua marca em uma

temporada perfeita até então. Estávamos tão perto de chegar a outra final da Liga dos Campeões, mas acabou sendo uma campanha dolorosa para nós.

Nos recentes prêmios da UEFA, você foi visto conversando muito amigavelmente com Cristiano Ronaldo. Por que você acha que as pessoas ficam surpresas quando vêem vocês se dançando?

Por causa da grande rivalidade esportiva que se desenvolveu entre nós nos últimos anos, porque um jogou pelo Barcelona e outro pelo Madrid, e porque vencemos prêmios individuais. As pessoas talvez pensem que a rivalidade vai além do futebol, mas não. Nós dois queremos o melhor para nossas equipes e nenhum de nós gosta de perder. É algo que não aceitamos. É por isso que existe essa competitividade entre nós. O importante é que fique lá, em campo.

Vimos algumas caras novas em Barcelona no início da temporada, como Ansu Fati. O que você acha da expectati-

va que ele está gerando?

Eu realmente gosto dele e tento ajudá-lo e apoiá-lo. Ele é um jogador incrível e tem o que é preciso para ter sucesso. Mas se eu olhar através dos meus olhos, gostaria que eles o atraíssem gradualmente, como fizeram comigo quando eu comecei, pegando as coisas de maneira agradável e fácil e sem pressioná-lo. Você deve se lembrar que ele tem apenas 16 anos. Espero que ele continue gostando e que todo o barulho ao seu redor não tenha um impacto negativo nele, porque ele tem a qualidade de se tornar um dos melhores.

Então agora você pode entender como Ronaldinho o tratou quando você começou?

Ronaldinho e [Frank] Rijkaard também, que eram o treinador na época. Na verdade, eu diria que toda a equipe. Todo mundo me ajudou de uma maneira ou de outra, principalmente o treinador quando ele me deixou de fora e eu costumava ficar irritado (sorrisos). Agora que estou mais velho, entendi que isso

era a melhor coisa para mim e sempre serei grato a ele por isso. Eu já disse isso a ele. A maneira como ele me tratou foi realmente importante.

A seleção argentina também está passando por uma grande transformação. Alguns dos seus companheiros de equipe surpreendeu você em particular?

Eu não diria que eles me surpreenderam porque eu já os conhecia e sei do que eles são capazes. Eu os vejo com seus clubes e sabia sobre a nova raça chegando. Onde eles me surpreenderam, porém, é como pessoas. Havia muitos deles que eu não conhecia pessoalmente, e foi uma surpresa adorável poder compartilhar uma Copa América com eles e ver que, além de serem grandes jogadores, são pessoas muito normais e pé no chão também.

Lionel Scaloni acaba de receber o emprego na Argentina de forma permanente. Como você o descreveria?

Ele é um treinador que tem tudo em mente, que sabe assistir futebol e é muito bom

em transmitir as coisas. Ele é fácil de entender, é bom no trabalho e sabe lidar com os jogadores. Eu acho que eles acertaram em dar a ele o emprego permanentemente e o espaço e tempo que ele precisa para trabalhar com a equipe nacional.

Falando em Scaloni e olhando para Pablo Aimar, você se vê como treinador um dia?

Eu sempre disse que não, mas você nunca sabe. Olho para eles e começo a pensar que gostaria de trabalhar com jovens, treiná-los e treiná-los, mas agora, sinceramente, não consigo ver isso acontecendo. Pode acontecer ao longo dos novos anos, no entanto. Eu não sei.

E por falar em treinador, temos que perguntar sobre o retorno de Diego Maradona ao futebol argentino. Você o viu assumir seu novo emprego?

Sim, eu vi. Obviamente, estou encantado em vê-lo de volta, em vê-lo treinando novamente. Eu estava lá quando ele estava no comando da seleção

e ele realmente gostou, viveu ao máximo. Ele tem que fazer o mesmo agora com Gimnasia. Fico feliz que ele esteja de volta ao futebol argentino, que é onde ele deve estar se você me perguntar.

E você? Você está pensando em encerrar sua carreira na Argentina?

Sim. Isso é o que eu sempre disse, não disse? É um sonho de minha infância jogar com a camisa de Newell, embora eu não saiba se posso fazer isso acontecer. Não é só comigo, no entanto. Eu tenho três filhos.

La Liga, Liga dos Campeões e Copa América: qual é o principal objetivo de Lionel Messi nesta temporada?

Todos eles. Faz quatro anos que vencemos a Liga dos Campeões e realmente queremos vencê-la novamente. Sabemos, porém, que se não fizermos o trabalho dia após dia, não conseguiremos. E quanto à Copa América, estou realmente ansioso para ter a oportunidade de disputar mais uma vez. Estou muito empolgado com a Copa deste ano.



Clubes querem um melhor tratamento da emissora nas cotas de patrocínio e estão se organizando para discutir melhorias para a próxima temporada

Clubes discutem criar grupo para negociar direitos de TV

Ideia é juntar as 40 agremiações das duas principais divisões do país; segunda reunião vai acontecer amanhã

Alex Sabino e João Gabriel
Folhapress

Presidentes de clubes das Séries A e B do Brasileiro articulam, em um grupo de WhatsApp, a criação de uma frente de agremiações para negociar em conjunto contratos de direitos de televisão.

A maior preocupação dos dirigentes é com a arrecadação do sistema de transmissão por pay-per-view (PPV) do Grupo Globo, que está em queda, e com as mudanças que a emissora pretende implantar para a plataforma. O movimento de descontentes inclui times com pequenas e grandes receitas televisivas.

Os clubes negociam individualmente os contratos de TV do Campeonato Brasileiro desde o fim do Clube dos 13, em 2011. Cartolas ouvidos pela reportagem, no entanto, descartam resuscitar o nome, até porque a forma de organização do

grupo deve ser diferente. Eles consideram formar uma associação ou sindicato.

A extinção do Clube dos 13, que agregava os principais times do futebol brasileiro, começou com uma manobra que uniu Globo, CBF e alguns dirigentes de clubes do próprio grupo, como Andrés Sanchez, presidente do Corinthians.

As disputas entre os clubes se acirraram em 2010, quando, com apoio da confederação e da emissora, Kleber Leite, ex-presidente do Flamengo, foi derrotado na eleição para a presidência do Clube dos 13 por Fábio Koff.

A ideia é juntar no novo grupo as 40 agremiações das duas principais divisões do país. Há uma reunião marcada entre os presidentes para esta segunda-feira (30).

O grupo de WhatsApp em que os dirigentes discutem a formação do grupo existe pelo menos desde o início de 2019 e tem sido usado para debates sobre os principais temas do futebol

nacional, sobretudo a arbitragem, o uso do árbitro assistente de vídeo (VAR) e os direitos de transmissão.

Na sexta-feira (20) deste mês, os dirigentes viajaram a São Paulo para reunião com executivos do Grupo Globo. Como eles já esperavam, a emissora sinalizou queda na venda de pacotes de pay-per-view, mas não revelou os valores. Isso vai interferir na renda das equipes, que recebem 38% do valor bruto que o grupo arrecada com o serviço.

Os clubes alegam que, pela receita obtida no pay-per-view de maio a junho deste ano, os sete meses de contrato resultariam, ao fim do Brasileiro, em R\$ 413 milhões. Seriam R\$ 237 milhões a menos do que os R\$ 650 milhões imaginados inicialmente.

Os cartolas também se queixam da intenção do Grupo Globo de aumentar seu lucro eliminando o intermediário na venda dos pacotes ao mesmo tempo em que



Foto: Carolina Elustond

A derrota de Kléber Leite para Fábio Koff em 2010 acirrou a desunião e o Clube dos Treze acabou no ano seguinte

propõe reduzir o percentual repassado às equipes de 38% para 25%.

Na teoria, o contrato só poderia ser renegociado em 2024, quando vence o atual acordo assinado pelas

20 equipes para TV aberta, 19 para pay-per-view (a exceção é o Athletico-PR, que não aceitou a proposta) e 13 para TV fechada (Palmeiras, Santos, Bahia, Ceará, Fortaleza, Athletico-PR e Interna-

cional assinaram com a Turner, o clube gaúcho apenas até 2022).

Eles veem, porém, a possibilidade de a Globo querer renegociar o contrato para mudar o modelo atual.

Dirigentes ironizam emissora que pensa em reduzir dinheiro dos clubes

Alex Sabino e João Gabriel
Folhapress

Em trocas de mensagens no grupo de WhatsApp, a emissora foi ironizada por, ao mesmo tempo em que deve reduzir o dinheiro que os clubes têm a receber, desejar que as agremiações façam campanhas de marketing para os torcedores assinarem seu serviço de PPV.

De acordo com os dirigentes, a ideia da detentora dos direitos é faturar mais com o pay-per-view vendendo de maneira direta aos clientes, sem intermediários, como companhias de TV a cabo.

Antes da reunião da última sexta em São Paulo, os presidentes discutiam no grupo o que seria apresentado no encontro e qual seria a reação apro-

priada da parte deles.

Uma das preocupações era a pretensão da emissora de unir todas as plataformas (TV aberta, fechada, PPV e internet) em apenas um contrato, diferentemente do que acontece atualmente.

Para a empresa, segundo os dirigentes dos clubes, seria a simplificação do acordo e uma forma de dividir os recursos de maneira mais justa. Mas por trás disso estaria a intenção de barrar empresas digitais, como Google, Facebook e Amazon, que poderiam se interessar no futuro pelos direitos de transmissão.

Essa unificação poderia ser impedida pelo Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), autarquia federal que zela pela livre concorrência no mercado. Na avaliação de presi-

dentos ouvidos pela reportagem, a aposta da emissora seria que nenhum clube iria reclamar ao órgão.

Eles acreditam também que o Grupo Globo gostaria de ter acesso à base de sócios-torcedores dos clubes para vender seus produtos sob o argumento de que poderia atrair mais público e receita para o PPV.

Nas discussões, um dirigente afirmou que o Grupo Globo havia mostrado interesse em uma mudança de calendário, para que o Brasileiro fosse disputado de fevereiro a novembro. O torneio deste ano começou no final de abril.

Cartolas veem o tema com desconfiança. Temem que, com isso, a emissora tente deixar os times ainda mais dependentes de seus recursos, abrindo

caminho para uma redução dos valores dos direitos de transmissão.

Em 2018, as receitas de televisão representaram, para quase todos os clubes, a maior fonte de renda. Exceção é o caso do Palmeiras, no qual os R\$ 137 milhões significaram a terceira maior receita, 20% do total do ano passado.

No Flamengo, clube que mais recebeu (R\$ 222 milhões), e no Ceará, que menos recebeu (R\$ 28 milhões), por exemplo, a televisão representou pouco mais de 40% da receita. Em ambos os casos, foi a principal fonte de renda.

A reportagem entrou em contato com o Grupo Globo para tratar dos temas citados, mas não obteve resposta até a conclusão desta edição.

Clubes da 2ª divisão iniciam hoje disputas das semifinais

Jogo entre Queimadense e São Paulo acontece no Amigão e Confiança x Sport Lagoa Seca, no Tadeuzão

Foto: Divulgação/SP Crystal

Cardoso Filho
josecardosofilho@gmail.com

O Campeonato Paraibano da segunda divisão terá neste domingo, 29, os dois primeiros jogos das semifinais que definirão as equipes a terem acesso a elite do paraibano na temporada de 2020. Em Sapé, o Confiança enfrenta às 15h, o Sport-PB de Lagoa Seca, enquanto que, no Estádio Amigão, em Campina Grande acontece o jogo de ida entre Queimadense e São Paulo Crystal, também às 15h.

As quatro equipes, segundo seus dirigentes e treinadores não apresentam nenhuma baixa e todos acreditam numa grande apresentação, principalmente aqueles que fazem os primeiros jogos em casa e querem levar a vantagem para o jogo da volta e conseguirem a classificação para a grande final.

O presidente da Queimadense, Humberto Lopes, disse que para o jogo de hoje ficou definido que os ingressos custarão R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia), crianças não pagam. Com relação a equipe, ele afirmou que o treinador Betão preparou um time ofensivo com o objetivo de aproveitar a vantagem de jogar a primeira partida em casa. "Vamos para cima do nosso adversário que se mostrou durante a competição uma equipe bastante competitiva", alerta. Humberto espera contar com a presença de torcedores de Queimadas, distante 18km de Campina Grande. "Estão se organizando para comparecer ao Amigão", disse.

Para o presidente do São Paulo Crystal, Eduardo Araújo, o jogo é bastante importante e a equipe dirigida por Índio Ferreira vai jogar com cautela para evitar surpresa, sair de campo com um placar favorável e decidir o jogo



O São Paulo Crystal treinou a semana toda no estádio Carneirão e hoje vai fazer o primeiro jogo da semifinal contra a Queimadense, no Amigão, a partir das 15 horas

na partida de volta em Cruz do Espírito Santo. Ele garantiu que todos os jogadores estão aptos para a grande partida, pois durante a semana houve treinamentos para a definição da equipe que entra em campo hoje. A delegação do Águia está concentrada, desde ontem, em um hotel de Campina Grande e vai para o local do jogo logo após o almoço.

No estádio Tadeuzão, em Sapé o Confiança enfrenta o Sport de Lagoa Seca. A entrada de torcedores está

liberada com a capacidade máxima de 700 pessoas, definida pelo Corpo de Bombeiros. O jogo de volta está marcado para o dia 6 de outubro, no estádio O Titão, em Lagoa Seca, a princípio de portos fechados, pois o Corpo de Bombeiros reprovou, por duas vezes o projeto de combate a incêndio e pânico apresentado pelo clube.

O presidente do Confiança, Wilson Nascimento, disse que a empolgação é grande, tanto no clube como também na cidade

de Sapé que acreditam no retorno a elite do futebol paraibano. Ele acrescentou que a equipe não tem nenhum desfalque, "ao contrário, temos o reforço de Lúcio Curió para esses dois jogos", comemora. Para assistir esse jogo o preço do ingresso será promocional ao preço de R\$ 10.

O presidente do time de Lagoa Seca, Artur Ferreira, afirmou que todos na equipe estão empolgados para realizar um grande jogo e sair com uma vitória de Sapé e garantir

a classificação na partida de volta. "Estamos trabalhando forte para conseguir nosso objetivo que é a classificação a primeira divisão do paraibano", acrescentou.

Em relação ao estádio O Titão, Artur disse ainda que o Corpo de Bombeiros reprovou, mais solicitou alterações no projeto. "O setor de engenharia do clube está tratando desse problema". Ele espera que até terça-feira, 1º, o projeto, já concluído, seja enviado ao Corpo de Bombeiros e o estádio

seja liberado para o jogo da volta.

Futebol Feminino

A segunda rodada do Campeonato Paraibano de Futebol Feminino acontece neste domingo com a realização de três jogos, todos no horário das 15h. No estádio Wilsão, em Mangabeira, vão se enfrentar Auto Esporte e Guará. Já no Estádio Presidente Vargas, em Campina Grande, o Treze irá receber o Mixto e, finalmente, no Almeidão, o Botafogo terá como adversário o SP Cristal.

Na Boca do Gol

Eudes Toscano
toscanobr@yahoo.com.br

O comentarista autêntico

Conheci o comentarista Fernando Heleno Duarte, quando ele ainda trabalhava na Rádio Jornal do Comércio, em Recife. Sempre nos demos bem, por sermos partidários da seriedade nos negócios, honestidade e independência, dentro e fora do rádio. Quando Heleno veio residir em João Pessoa, passamos a trabalhar na mesma emissora e viajamos muito por este Brasil afora.

Em determinada ocasião, fomos para Vitória do Espírito Santo, cobrir a participação do Treze Futebol Clube no Campeonato Brasileiro, contra a Desportiva Capixaba, em um jogo realizado no estádio Engenheiro Araripe. Ficamos hospedados no Hotel Alice, local no qual também se encontrava a delegação do Galo, e, no domingo pela manhã, por volta das 6 horas, acordamos com um conjunto musical tocando chorinhos, em uma praça que ficava em frente ao hotel.

Seis horas da manhã, Heleno levantou-se da cama, com o som do conjunto, que

entrava, sem piedade, em nosso quarto. Lá de cima do quinto andar, ele começou a gritar, reclamando da barulheira que nos fez levantar mais cedo. Tomamos o café da manhã e descemos para ver de perto os nossos "anfitriões indesejados". No trajeto, tive que convencê-lo de que não podíamos ser mal-educados, uma vez que tal fato, poderia ser uma tradição da cidade.

Ao chegarmos à praça, encontramos um conjunto musical com homens e mulheres de uma certa idade, que nos explicaram tratar-se de um Projeto Musical, chamado "Acorde no Choro", patrocinado pela Prefeitura da cidade de Vitória e que escolhia os hotéis, para deliciar os turistas ali presentes. Heleno foi diminuindo o tom da voz, e acabou me aplaudindo, porque ele próprio disse que eu cantava, e fui então convidado e cantei a música Último Desejo.

À tarde, durante o jogo, quando narrei um gol do Treze a torcida virou-se contra mim, chamando palavrões, jogando tudo que

tinha nas mãos contra nossa cabine. Fernando Heleno, começou a discutir com os torcedores, rechacando o que eles diziam, e eu tive que fechar o meu microfone, porque o que ele falava, era mais pesado do que aquilo que nos era dirigido. Acabamos saindo numa boa, pois a Desportiva ganhou.

O Treze ainda faria um outro jogo, em São Paulo, contra a Portuguesa de Desportos, e fomos convidados pelo Supervisor Janos Tatrav, a ficarmos no mesmo hotel no qual ficaria a delegação galista. Viajamos de Vitória para o Rio de Janeiro, em voo separado do Treze, num avião modelo Fokker-100, com escala na cidade de Campos e conexão no Aeroporto Santos Dumont.

Em Campos, recebemos os jornais do dia e em um deles, era estampada a seguinte manchete: "Fokker-100 cai na Holanda, matando 100 pessoas". Foi o bastante para Fernando Heleno ficar andando no corredor da aeronave, dizendo para os demais passagei-

ros, que aquele avião no qual nós estávamos, era o que mais caía no mundo. Chegamos à São Paulo, depois de utilizarmos um modelo Eletra, da Ponte Aérea, com um perigo bem menor (pelo menos para Heleno).

Mas, o verdadeiro Fernando Heleno, nascido na cidade de Paudalho-PE, falecido em 04/02/2016, aos 75 anos de idade, em João Pessoa, eu o descobri num jogo Brasil e Argentina, pela Copa América no ano de 1989, no momento em que a banda musical começou a executar o Hino Nacional Brasileiro. O estádio do Maracanã parecia uma só voz, e quando olhei de lado para o nosso valente comentarista, as lágrimas caíam em seu rosto, como se ali não estivesse aquele cara machão, de voz autoritária e de fazer muito barulho.

Confessou-me depois, que era a saudade do seu filho Fernandinho. Sempre que eu queria vê-lo emocionado, solfejava os acordes de nosso Hino maior...



Faz 100 anos da 1ª gravação eletrônica realizada no Brasil

Chico Alves é também o autor do Hino a João Pessoa, gravado 77 dias após o assassinato do político paraibano

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

O primeiro cantor brasileiro a fazer da música um instrumento comercial – ou fonte de popularidade e enriquecimento – foi Francisco de Moraes Alves, o Chico Alves, também conhecido como Francisco Alves ou Chico Viola. Por ser um dos artistas prediletos de Getúlio Vargas, ele também gravou o “Hino a João Pessoa”, em 17 de outubro de 1930, 77 dias após a morte do estadista que deu nome à então cidade de Parahyba do Norte.

Revelações assim também nos trazem a memória de que, na segunda quinzena de outubro de 2020, será comemorado o nonagésimo aniversário do Hino a João Pessoa, ainda hoje cantado nas escolas brasileiras. Este artista, que morreu de um acidente de carro numa rodovia do interior paulista, há 100 anos também gravou as marchas “Pé de Anjo” e “Fala Meu Louro”, esta última uma sátira a Ruy Barbosa, que perdeu a eleição presidencial para outro ilustre paraibano, Epitácio Pessoa.

Chico Viola também se tornou dono da alcinha que o marcou como “rei da voz” e o “ídolo das crianças”. Até hoje é considerado o melhor cantor do país em sua época, pois teve a sorte de fazer a primeira gravação em disco elétrico no Brasil, isto em 1919, quando o país engatinhava no ramo da fonografia. Abstêmio, Alves andava bem penteado, limpo e cheirando a perfume. Apresentava-se, sempre, com o aspecto de quem acabava de sair de um banho. Era elegante e sorridente, como seu ídolo Vicente Celestino, de quem imitou o estilo de voz, no início de sua carreira.

O Jornal do Brasil registrou que “Ele era para o Brasil o que Maurice Chevalier representava para a França”. Quem primeiro notou que Alves teria grande futuro com sua voz, foi um filho da maestrina Chiquinha Gonzaga, que o apresentou ao compositor Sinhô. Chiquinha e seu filho estavam empenhados em instalar uma fábrica de discos. Era o ano de 1919, que marcou o início dos sucessos de Alves, com as gravações de “Pé de Anjo” e “Fala Meu Louro”, marcados com o selo “Popular”, da fábrica de Chiquinha Gonzaga.

Até então, aos 19 anos, era motorista de táxi. A vocação para cantar lhe trouxe um valioso aliado, o violão, que dedilhava para acompanhar sua voz ora de barítono, ora de tenor. Impressionado com aquele jovem de maviosa voz, Sinhô ensinou-lhe as técnicas vocais, o que já havia feito antes com muitos artistas. Alves desenvolveu o hábito de tocar violão aos oito anos, ao ganhar uma guitarra da irmã, Ângela. Outra irmã, Lina, viria a ser vedete conhecida, e se tornou bailarina de um teatro de revista e atriz de telenovelas, adotando o pseudônimo de Nair Alves.

Em 1918, aos 20 anos de idade, a sorte riu novamente para Alves. O maestro Antonio Lago, pai do ator Mário Lago, levou-o para o Pavilhão Méier, onde cantou profissionalmente, pela primeira vez, depois no Circo Spinelli, conhecido local de shows artísticos. A epidemia da gripe “Espanhola”, que atingiu o Rio de Janeiro neste ano, matou o pai e o irmão de Chico – respectivamente Juca e o português José Alves. Nesse ínterim, Chico dividia o tempo entre apresentações nos círculos da boemia carioca e a direção do táxi, sempre fixado em seu ídolo, Vicente Celestino.

O Jornal do Brasil registrou que “ele era para o Brasil o que Maurice Chevalier representava para a França”. Quem primeiro notou que Alves teria grande futuro com sua voz, foi um filho da maestrina Chiquinha Gonzaga, que o apresentou ao compositor Sinhô.



Fotos: Divulgação



Segundo afirma o musicólogo e advogado José Alves Cardoso, Chico Alves foi vítima de revezes do destino ao casar com Perpétua Guerra Tutóia, a Ceci, uma prostituta que conheceu num cabaré da Rua Joaquim Silva.

A paixão fulminante por Perpétua Tutóia

Mesmo sendo um artista vocal que na maioria das vezes só obteve sucessos, Chico, segundo afirma o musicólogo e advogado José Alves Cardoso, o Dom Cardoso, foi vítima de revezes do destino ao casar com Perpétua Guerra Tutóia, a Ceci, uma prostituta que conheceu num cabaré da Rua Joaquim Silva. “Foi uma paixão ful-

te: a contragosto da família, Chico não mudou de ideia e levou a moça ao altar, depois de pedir-lhe solenemente a mão em casamento e tirá-la do âmbito de prostituição”. O enlace aconteceu no dia 24 de maio de 1920. A festa foi regada a “uma média” de pão, café e manteiga, distribuída com os poucos convidados.

Baseado em depoimentos do jornalista David Nasser, parceiro musical e amigo de Chico, D. Cardoso afirma que este casamento não durou uma semana. “Ele ficou magoado com a mulher que, sete dias após o casamento, revelou-lhe espontaneamente, não ter deixado a prostituição, por gostar da vida trepidante das mulheres de bordéis”. Apesar de tudo, o cantor nunca deu entrada num processo de desquite. Nesse ínterim, Ceci o injuriava nos depoimentos à imprensa e ao Judiciário. Chico conheceu novo amor ao ingressar na Companhia de Teatro Batista de Oliveira (Niterói-RJ). Ceci desapareceu de sua vida durante 30 anos.

Em 1921 Chico casou com a atriz Célia Zenatti. Com ela viveu 28 anos.

Apesar de artista já consagrado, não

abandonou a profissão de taxista. Em 1928, gravou diversos sambas e marchas pela Odeon, mas não alcançou bons resultados financeiros. Paralelamente, em 1928, segundo afirma o compositor Almirante, ele lançou suplementos musicais pela Parlophon. Na Odeon ele usava o nome de Francisco Alves. Na Parlophon, utilizava o apelido de Chico Viola. Quem não conhecia o dono dos pseudônimos, opinava que Chico Viola cantava melhor do que Francisco Alves ou vice-versa. De 1928 a 1930 alcançou sucesso respeitável, gravando 24 músicas em dupla com Mário Reis, assim diz o historiador Ronaldo Conde Aguiar.

Foto: Divulgação



Ary Barorro, autor da canção “Aquarela do Brasil”



Alves desenvolveu o hábito de tocar violão aos oito anos, ao ganhar uma guitarra da irmã, Ângela.

A grosseria no leito de morte de Nilton Bastos, em Buenos Aires

Cantou tão mal nessa apresentação que o público repetia aos gritos com ironia: "Cante de novo, até aprender"

Hilton Gouvêa
 hiltongouvea@bol.com.br

Mário Reis conta várias grosserias de Chico Alves. Uma delas aconteceu em 1931. O pianista Nilton Bastos estava moribundo num hospital, onde padecia há meses de tuberculose, quando Chico entra abruptamente no quarto, cantando "quando eu morrer, não quero choro nem vela". Todos os presentes ficaram chocados. No ano seguinte passaria a integrar o "cast dos cobras da canção", formado pela Rádio Mayrink Veiga, ao lado de Carmen Miranda, Gastão Formenti, Mozar Bicalho, Patrício Teixeira e Elisa Castro. Chico já era consagrado artista e ídolo popular. É quando forma, aos 21 anos, os "Ases do Samba", junto com o bandolinista Pery Cunha e Romualdo Peixoto.



Pianista Nilton Bastos foi visitado por Chico; Marino Pinto cantou a marchinha "Retrato do Velho"; Francisco Alves em pose segurando foto de Getúlio Dorneles Vargas com apoio de Haroldo Lima

Fotos: Divulgação

+ Carlos Galhardo cantou imitando Chico Viola

A onda de sucessos continuou em 1933, quando formou Duetto com a conhecida Aurora Miranda, então uma iniciante na gravação. Paralelamente, Carlos Galhardo começa a cantar imitando a voz maravilhosa de Chico. Em 1939 grava "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso. O arranjo foi do pianista Radamés Gnattali. Walter Rocha narra uma gafe de Chico, em Buenos Aires. "Ele pensou que ia abafar, cantando tangos em espanhol. Foi aplaudido calorosamente com pedidos de bis. Depois entendeu que a galera aplaudia e cantarolava, intimando o cantor brasileiro a cantar até aprender".

Em 1945, grava "A Canção do Expedicionário", em homenagem aos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira - FEB. Sérgio Peixoto, ao escrever sobre Chico Alves, diz que "quando a invenção de Marconi chegou aos lares brasileiros através de diversas promoções comerciais que a barateavam, a voz de Chico Alves já era maior, dentro do rádio carioca". Nesta época, 1945, era o cantor mais bem pago do Brasil, o mais caro e o mais ouvido de todos. O timbre de voz de Chico provocava delírios nas morenas do bairro onde morava, numa época em que, seresteiro adolescente, não sonhava que teria tanta fama. No Hipódromo da Gávea, em 1948, mantinha um bom plantel de cavalos puro sangue.

Chico termina o casamento com Célia em 1949 e passa a se relacionar com Iraci Alves, uma professora bem mais jovem que ele. Passam a conviver uma união secreta, até a morte dele, aos 54 anos. David Nasser, seu parceiro profissional e intrépido repórter da revista "O Cruzeiro", na época a mais lida na América do Sul, em diferentes reportagens biográficas publica esses episódios sobre a vida do cantor.

Nasser pintava as matérias com alarde e impulsionava, assim, a venda da revista em que trabalhava. Chico e o cantor Sílvio Caldas, em 1950 ainda mantinham a grande classe dos velhos tempos, por saberem conservar suas vozes em forma.

Em 1951, novamente volta a agradar a Getúlio Vargas, ao cantar a marchinha "Retrato do Velho", de Haroldo Lobo e Marino Pinto. A canção foi sucesso nacional e influenciou na vitória eleitoral do ditador que, dizem, não gostou de ser cha-

mado de velho. Chico já era dono de imóveis, uma loja em Miguel Pereira e de cavalos de corrida puro sangue. Mas, um ano antes, Ceci, sua primeira mulher, que desaparecera de cena há três décadas, volta a importuná-lo. Desta vez o acusa de ser pai de seus dois filhos, o menino Christiano e a menina Teresa.

Apesar do pouco tempo que passou casada com Chico, Ceci alegava que as crianças foram o fruto de "encontros furtivos" que

tivera com o cantor, durante o período da "separação". Como prova contrária, Chico mostrou que só passara nove dias casado com ela: de 20 de maio a 2 de junho de 1920. E, ao impetrar ação de negativa de paternidade, fez juntar aos autos duas cartas deixadas para ele pela ex-mulher, sendo uma delas dirigidas à família do cantor.

Na audiência de 20 de novembro de 1920, o juiz Paulo Alonso ouviu as testemunhas Mário Reis e David Nasser, apresentadas pelo réu. Nasser e Reis confirmaram a impossibilidade de Chico ser o pai dos filhos de Ceci. Em nova audiência marcada para o dia 26 do mesmo mês, o juiz concedeu ganho de causa a Chico. Derrotada, Ceci continuou a perturbar, agora após a morte do cantor, reclamando participação nos bens por ele deixados. A morte o apANHOU de surpresa, numa viagem de automóvel entre Pindamonhangaba e Taubaté.

Chico dirigia seu Buick pela rodovia Presidente Dutra, ao lado de Haroldo Alves. No atual Km 102,5, numa distância de 500m após a ponte sobre o Rio Uma, na divisa entre Taubaté e Pindamonhangaba, o caminhão dirigido por João Valter Sebastiani chocou-se de frente com o Buick. Chico foi literalmente degolado, enquanto Haroldo acabou lançado fora do veículo. Sorte. O carro se incendiou e o corpo de Chico foi carbonizado. Na hora do acidente, às 17h.23 de 27 de setembro de 1952, Chico e Haroldo estavam conversando sobre o desempenho do América Futebol Clube, do Rio. Haroldo sobreviveu e contou tudo posteriormente.

Testemunhas declararam, na polícia, que o acidente fora causado por um Mercury dirigido pelo dentista Felipe Jorge Abunahman que, ao sair de uma estrada secundária, não observou um desvio provocado por obras locais e entrou direto na pista. Com esta manobra o caminhão de Sebastiani desviou-se para a esquerda e o automóvel de Chico para a direita, ambos colidindo do lado do motorista, no acostamento da pista norte. (Esta reportagem foi escrita com base nas informações do musicólogo e advogado José Alves Cardoso, o DomCardoso, que colocou os dados de seu acervo à disposição da reportagem de A União).



Carmen Miranda foi de extrema importância para o Carnaval, pois suas roupas foram inspiração no desenvolvimento das concepções das fantasias nos desfiles das escolas de samba

Povos tradicionais: ameaças à vida e direitos descumpridos

Representantes denunciam, na Comissão de Direitos Humanos do Senado, violência e falta de políticas públicas

Agência Senado

Representantes dos povos indígenas brasileiros denunciaram o desrespeito a seus direitos e garantiram que lutam pela preservação ambiental do país. Eles foram ouvidos na Comissão de Meio Ambiente do Senado Federal, que realizou debate sobre o direito dos povos tradicionais à terra e a políticas públicas.

O presidente da CMA, senador Fabiano Contarato (Rede-ES), afirmou que há no Brasil 305 povos indígenas que falam 274 línguas e mais de 500 sítios naturais sagrados associados a múltiplas manifestações culturais. "No entanto, a violência está crescendo", lamentou Contarato.

Esta semana, o Conselho Indigenista Missionário divulgou o relatório "Violência contra os Povos Indígenas do Brasil - Dados de 2018", apontando que os ataques a terras indígenas explodiram este ano no Brasil, já superando em 44% o ano passado. Já foram contabilizados 160 casos contra 111 de 2018.

Os casos envolvem invasões, exploração ilegal de recursos e danos ao patrimônio e são resultado do aumento da grilagem, do roubo de madeira, do garimpo e até mesmo da implantação de loteamentos em seus territórios tradicionais.

Na Comissão do Meio Ambiente, o senador Contarato afirmou: "O que não faltam são estudos que comprovam que as áreas protegidas do Brasil, geridas pelos povos que nelas vivem, são verdadeiras barreiras para o avanço do desmatamento. Mas ao invés de reconhecimento, vemos a violência no campo".

O senador disse ainda que "quem mais protege é quem mais é ameaçado. Entre 22 paí-

Povos indígenas reclamam de ataques às suas terras, que este ano explodiram, superando em mais de 40% o número de 2018

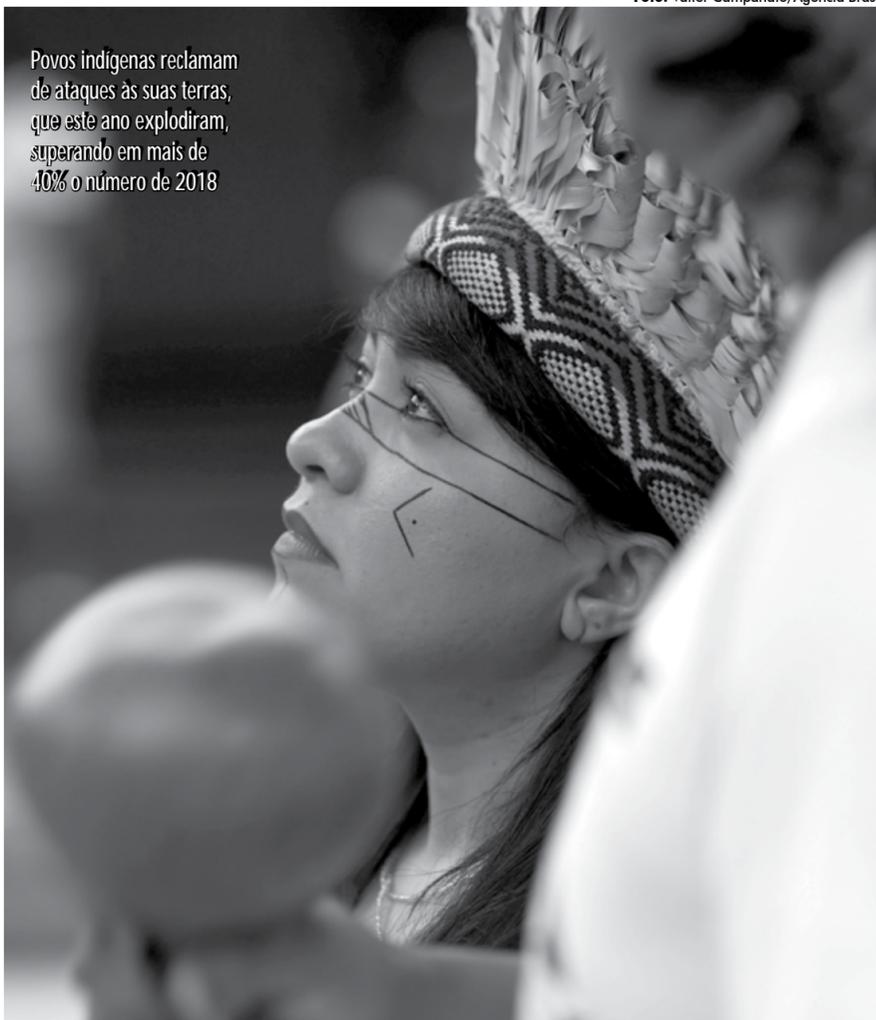


Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

ses analisados em 2017, o Brasil foi o mais letal para ativistas e defensores da terra e do meio ambiente, de acordo com relatório de entidade britânica que estuda o tema".

De acordo com Lúcia Agostinho, que vive na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Nascentes, em Minas Gerais, o movimento "geraizeiro", que trabalha com sistema agroecológico e agroflorestal, tem defendido os territórios protegidos, pois os geraizeiros (populações tradicionais que

vivem na região de Cerrado no norte de Minas Gerais) não consideram o valor econômico da terra, mas o valor da biodiversidade. "A gente não olha o território só com o olhar de valor capital. Nós olhamos para o território e a biodiversidade como valores de vida digna, de ar puro, de sustentabilidade mesmo", disse.

O presidente do Conselho Nacional das Populações Extrativistas, Joaquim Correa de Souza Belo, afirmou que o trabalho dos extrativistas é fundamental

para a economia do país. Ele citou uma reportagem que indica que a extração de açaí representa R\$ 4 bilhões na economia da Amazônia. No entanto, as comunidades carecem de políticas públicas e de proteção de órgãos fiscalizadores, criticou. "Logo no início, foi muito claro que a agenda ambiental deste país nunca foi prioridade, e se tem uma coisa hoje que realmente está fazendo a transversalidade, e fala de uma política em todo o mundo, é a questão da biodiversidade".

Crime organizado e milícias na Amazônia

Agência Senado

Relatórios divulgados esta semana pela organização não-governamental (ONG) Human Rights Watch apontam o envolvimento do crime organizado e de milícias nos desmatamentos e queimadas para fins comerciais na Amazônia.

Para o senador Fabiano Contarato (Rede-ES), presidente da Comissão de Meio Ambiente (CMA) do Senado Federal, é urgente barrar o que chamou de

"genocídio" no campo.

"Existem meios, técnicas e, sobretudo, pessoas com propostas para melhor gestão nas áreas protegidas do país", enfatizou o senador.

"Seguiremos na busca por soluções e propostas para garantir o desenvolvimento do Brasil. Desenvolvimento que deve ser economicamente viável, ecologicamente equilibrado e socialmente justo. Não podemos permitir que esse genocídio no campo se perpetue", declarou.

INCÊNDIOS ESTÃO LIGADOS À MÁFIA

A Human Rights Watch é uma organização internacional não-governamental que defende e realiza pesquisas sobre os direitos humanos. Reportagens, relatórios e vídeos divulgados pela ONG revelam como funcionam as máfias de madeiras e grileiros que atuam na Amazônia.

Segundo um desses relatórios, o desmatamento seguido das queimadas que estão devastando a Amazônia há algumas semanas estão ligados a uma rede de criminosos que pagam por mão de obra e grandes maquinários e contam com proteção de milícia armada que intimida quem tentar denunciar os crimes.

O documento também cita a chamada "máfia do ipê", que leva esse nome devido à exploração de uma das espécies com madeira de grande valor comercial. A destruição da floresta é, portanto, consequência direta da grilagem. Os criminosos tomam as terras, desmatam, queimam e colocam gado sobre o pasto restante, para depois revender as propriedades com documentos falsos, "legalizando a área invadida".

Sentença de morte

Os relatos posicionam o Brasil como o país mais perigoso para ativistas de causas relacionadas ao meio ambiente. Dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), entidade ligada à Igreja Católica que trabalha com o monitoramento e com as consequências da violência no campo, apontam que foram ao menos 300 crimes nos últimos 10 anos, sendo que apenas 14 foram julgados.

Nesse sentido, Contarato também condenou a aprovação da ampliação da posse de armas em propriedades rurais. A nova regra (Lei 13.870, de 2019) foi sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro nesta terça-feira (17). "No mesmo dia da divulgação do relatório sobre a violência no campo, o presidente sanciona esse projeto, agora lei. É a sentença de morte para quem defende a floresta", avaliou.

Biodiversidade

Durante reunião da CMA, o senador adiantou ainda que três audiências públicas promovidas pela Comissão de Meio Ambiente tratarão do tema. Na quinta-feira (19) foi debatido o papel de áreas protegidas para territórios comunitários, geração de renda e conservação da biodiversidade. "Povos e comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas são os responsáveis por proteger nossa biodiversidade desses criminosos. Essas pessoas convivem há gerações com a natureza e possuem conhecimento riquíssimo sobre o uso sustentável da biodiversidade", ressaltou.

Em outubro serão ouvidos os presidentes do Ibama e do ICMBio; o secretário de assuntos fundiários do Ministério da Agricultura; e a coordenadora da força-tarefa Amazônia do Ministério Público Federal para prestar esclarecimentos sobre grilagem, regularização fundiária, desmatamento, queimadas e mecanismos de fiscalização na Amazônia.

Para complementar o estudo sobre o tema também haverá debates com especialistas sobre as estratégias e boas práticas de gestão e governança em unidades de conservação federal.

Comunidades indígenas estão "ilhadas"

Representando as Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, Edilena Erroure Tourino afirmou que muitas comunidades indígenas estão ficando ilhadas, limitadas a um pequeno espaço e rodeadas de grandes latifúndios agrícolas. Ela afirmou que, além de o território estar ficando pequeno devido ao crescimento da comunidade, as comunidades sofrem invasões.

"Nesse momento atual, a invasão das nossas terras tem sido imensa. Não só por caçadores,

por madeiros, mas também por garimpeiros. E a gente está lá nesse dilema, no dia a dia, lutando contra isso, tentando sobreviver, tentando garantir a terra, a floresta, tentando garantir a vida", lamentou.

A coordenadora da Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, Katia dos Santos Penha, também lamentou que os quilombolas estejam "invisíveis" ao governo, que não deu andamento a políticas públicas em seus territórios.

O senador Jayme Campos (DEM-MT) lembrou vários proble-

mas que ocorrem nas áreas protegidas do Brasil, como extração ilegal de madeira, assassinatos, grilagem, incêndios criminosos e a tentativa de responsabilizar as comunidades tradicionais por esses incêndios.

"Temos muito o que amadurecer enquanto nação e nos desencilhar do enorme preconceito que a nossa sociedade carrega", afirmou.

O senador Confúcio Moura (MDB-RO) se disse emocionado com as exposições e afirmou que o trabalho das comunidades tradicionais é extraordinário e valioso.

Foto: Pedro França/Agência Senado



Representantes dos povos tradicionais participaram de debate na Comissão de Meio Ambiente e expuseram situações de violência e conflitos



Pitada

Escrever duas semanas seguidas sobre dois astros de primeira grandeza da Literatura Brasileira, e especificamente sobre obras gastronômicas, me obriga a trazer para vocês cada vez mais informações que sejam instigantes. Pensando assim, resolvi hoje apresentar para os amantes de séries a abordagem de uma das mais conhecidas e assistidas: Game of Thrones. “E o que isto tem a ver com Gastronomia, Fabio Maia?” Tudo, e, inclusive, nada como bem canta Flavio José em um dos seus maiores sucessos. Nada, porque de fato não há no seu enredo algo focado para a Gastronomia, porém há diversas cenas de banquetes e refeições individuais com pratos exóticos e alguns com receitas da época medieval e que foram resgatadas na série. Isto estará mais detalhado na nossa coluna quando apresentarei para vocês o livro de receitas oficial da franquia, A Feast of Ice and Fire – Banquete de Gelo e Fogo, na sua versão em português.

Aproveitando a série e por retratar, pelo menos referencialmente, o período medieval também vemos muitas cenas de consumo de bebidas alcoólicas, seja vinho, hidromel ou cerveja. E, por falar em cerveja que tal beber uma bem gelada, contribuir com o meio ambiente e ainda receber dinheiro quando devolve a garrafa não retornável? Sim! Isso existe sim. É uma ação da Heineken em parceria com a Méliuz, startup de cashback (sistema que devolve ao consumidor uma porcentagem do valor gasto em compras), denominada de “Volte Sempre” (eu voltaria) e que acontece em São Paulo desde o dia 13 de setembro e se estende até 13 de dezembro deste ano.

A Heineken disponibilizou nove máquinas de triturador de vidro, na qual o cervejeiro ganhará por cada garrafa inserida na máquina o valor de R\$ 0,10 em compras no aplicativo da startup. A cada R\$ 20,00 de crédito trocado podemos transferir para a nossa conta corrente ou poupança. O mais legal nisso tudo é que quando as máquinas atingem sua capacidade em 70%, automaticamente é acionado uma das cooperativas de reciclagem cadastrada no projeto para fazer a coleta. Se beber Heineken já era bom, agora é que bebo mesmo. Lembrando que se dirigir, não beba.

Saúde e bom apetite!

Visual, aromas e sabores



Como comecei escrever na Pitada estou voltando aqui ao tema do livro citado. A série da HBO teve seu badalado e mundialmente assistido último episódio no 19 de maio deste ano. Sucesso entre os livros mais vendidos, a série de obras “A Song of Ice and Fire”, de George R.R. Martin, na síntese transita pelo universo de duas famílias poderosas que disputam, episódio a episódio, um jogo mortal pelo controle dos Sete Reinos de Westeros para assumir o Trono de Ferro. A série foi filmada em Malta e no norte da Irlanda, tendo participação do escritor dos livros.

Mas aqui o objetivo não é a trama da série e sim o que os personagens comem e bebem nela. No livro, foram apresentadas mais de 100 receitas organizadas por regiões do mundo d’As Crônicas de Gelo e Fogo. Com uma riqueza de detalhes dos ingredientes e seu preparo, ainda sugere substitutos para itens difíceis de encontrar ou não tão comestíveis para alguns, como carne de pombo, iguarias em Westeros.

Muito legal percebermos que existem sugestões para fazermos um lanche, uma refeição completa ou até um banquete. São diversas receitas que contemplam o mais exigente dos comensais, com dicas de harmonização, inclusive. Uma perfeita união entre os apaixonados pela série e os amantes, como eu, da gastronomia.

Agora é só preparar as refeições, chamar todos e começar a assistir série, mesmo que novamente acompanhado de uma refeição digna de Westeros. Leia agora a resenha do livro Banquete de gelo e fogo: O livro oficial de receitas da Série Game of Thrones das autoras Sariann Lehrer, Luís Henrique Fonseca e Chelsea Monroe-Cassel.

Desde o lançamento de As crônicas de gelo e fogo, George R.R. Martin tem ouvido de fãs e críticos a mesma ladainha: “Você escreve tanto sobre comida, deveria escrever um livro de receitas!”. O pedido não é de todo descabido, já que as histórias de Westeros contêm inúmeras descrições detalhadas de banquetes deliciosos - que, da Muralha à região. Além do Mar Estreito, deixam milhões de fãs com água na boca. Porém, poucos sabem que, na verdade, o autor não é dos melhores na cozinha. Como ele mesmo confessa:

“Sei escrever bem. Cozinhar, nem tanto”. É exatamente aí que Chelsea Monroe-Cassel e Sariann Lehrer entram na nossa história. Unindo seu talento na gastronomia ao conhecimento histórico, elas criaram este Banquete de gelo e fogo, livro que explica passo a passo como preparar alguns pratos mencionados na série, criando, para cada um, versões adaptadas para os mortais cozinheiros do século XXI. Agora até você será capaz de preparar as deliciosas tortinhas de Sor Amory, que Arya teve de roubar para experimentar!

Fotos: Divulgação



Lev, preparar e comer

COSTELA DE CORDEIRO

Para esta receita de Game of Thrones vamos precisar de:

“Os oito futuros irmãos devoraram um banquete de costela de cordeiro assada com alho e ervas, guarnecido com raminhos de hortelã e com purê de nabos amarelos nadando em manteiga”.

Game of Thrones.

Ingredientes

- Duas costelas de meio quilo de cordeiro cada (cerca de 12)
- Sal e pimenta preta moída
- Dois dentes de alho picados
- 1/2 colher de chá de salsa seca
- 1/2 colher de chá de tomilho seco
- Uma xícara de migalhas de pão macio, fresco
- 1/4 xícara de azeite de oliva

- Uma colher de sopa de farinha
- 1/4 xícara de vinagre de vinho tinto
- Hortelã fresca para enfeitar

Utensílios

- Dois bowls pequeno
- Uma frigideira grande
- Duas assadeiras de vidro ou descartável de alumínio grande
- Uma espátula pão duro



Preparo

- 1 - Aqueça o forno a 250°C.
- 2 - Tempere o cordeiro com sal e pimenta.
- 3 - Misture o alho, salsa, tomilho e migalhas de pão em uma bowl pequeno.
- 4 - Umedeça a mistura com azeite suficiente para que ela fique aglomerada e reserve.
- 5 - Aqueça uma frigideira grande e coloque uma das duas peças de cordeiro com o lado convexo para baixo.
- 6 - Doure a carne até que ela fique com um tom escuro.
- 7 - Vire a peça e grelhe em torno de 4 min ou até que todos os lados estejam marrons.
- 8 - Retire as costelas da frigideira e coloque em uma assadeira com a carne para cima.

- 9 - Repita o processo com a outra peça.
- 10 - Misture a farinha e o vinagre em uma bowl pequeno e, usando um pincel, espalhe a mistura sobre o cordeiro.
- 11 - Com as mãos, cubra a carne com as migalhas de pão e especiarias suavemente, formando uma camada.
- 12 - Assar o cordeiro durante 20 a 25 minutos (a temperatura interna da carne deve ser de cerca de 65°C).
- 13 - Se você quer uma crosta crocante, acione o forno em modo gratinar por cerca de 2 minutos.
- 14 - Deixe repousar por 5 minutos antes de separar as costelas ou sirva as peças inteiras.

Vamos cozinhar?

Classificação: prato principal
Tempo de preparação: 50 min
Dificuldade: médio
Porções: 2 (duas) pessoas